

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Pedro Luz Soares de Azevedo

O continente virtual: geografia do ciberespaço e a adolescência digitalizada

Mestrado em Psicologia Clínica

SÃO PAULO
2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Pedro Luz Soares de Azevedo

O continente virtual: geografia do ciberespaço e a adolescência digitalizada

Mestrado em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca de Qualificação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof^a Dr^a Denise Bernuzzi Sant'Anna.

SÃO PAULO

2018

Banca Examinadora

Dedico este trabalho ao Victor.

AGRADECIMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Gostaria de fazer um agradecimento especial à CAPES pela bolsa concedida para a realização desta pesquisa, **Processo Nº 88887.147865/2017-00**. O incentivo à pesquisa é urgente e crucial em nosso país e fico muito feliz em ter feito parte do corpo de pesquisadores CAPES.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Denise Bernuzzi Sant'Anna pelo seu apoio atento e pela disponibilidade em navegar comigo por este território tão misterioso que é o ciberespaço.

Agradeço à professora Rosane pelo carinho nas aulas e pela prontidão com a qual aceitou o convite em fazer parte da banca.

Agradeço ao professor Alexandre pelos anos de companheirismo e por ter escolhido mais uma vez, alegremente, fazer parte de minha trajetória acadêmica. Você foi (e é) um modelo de cuidado, carinho e comprometimento. Nossos bons encontros ao longo da minha graduação ecoam até hoje, e te agradeço infinitamente por confiar em mim e no meu trabalho mais uma vez.

Agradeço ao Bruno pela amizade ao longo destes anos e pelo companheirismo de toda quinta-feira. Minha admiração por você só não é maior do que a certeza de que fiz um amigo para a vida.

Agradeço à Ana Luiza por ter previsto a força destas novas ondas digitais. Seus conselhos e apontamentos inscreveram as primeiras intuições sobre este projeto e te agradeço o apoio e o carinho.

Agradeço a meus pais por, mais uma vez, me apoiarem em minhas empreitadas. Seu suporte ao longo desta trajetória de quase três anos só fez crescer meu compromisso de honrar a dedicação e carinho com os quais vocês me tratam desde sempre. Agradeço aos familiares e amigos que me encorajaram a trilhar meus caminhos.

RESUMO

O uso crescente das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) instalou novos modos de ser e estar no mundo. Essas mudanças estão inscritas no nascente âmbito da comunicação mediada pelo computador e são pivotadas principalmente pelo uso de redes sociais e aparelhos de telefonia conectados à internet, os popularizados *smartphones*. Diante dessas novas realidades, o presente trabalho buscou compreender alguns dos vetores que compõem a relação subjetiva entre jovens e o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Ao construir um panorama do universo configurado por redes sociais, comunicação e formação de sujeito, o objetivo geral desta pesquisa é o de problematizar a forma como a tecnologia virtual vem tornando-se uma linha de força nos novos regimes de subjetivação contemporâneos. Para tanto, foram entrevistados quarenta e cinco adolescentes de um colégio particular de uma cidade de médio porte do estado de São Paulo, com idades entre 14 e 17 anos. Para a coleta de dados, utilizamos os seguintes recursos: entrevistas semi-estruturadas; entrevistas individuais com os adolescentes considerados pelos seus colegas de classe como os mais "conectados à internet". Além da pesquisa de campo na escola, foi realizada uma pesquisa etnográfica virtual, que consiste na análise sistemática dos sites citados com o intuito de compreender de que forma os jovens podem constituir-se a partir da exposição a esses conteúdos e modos de representação virtual de si. Espera-se, a partir deste estudo qualitativo, contribuir para o desenho de um entendimento mais rico das forças que constituem as novas práxis sociais presentes no mundo globalizado. Foram utilizadas principalmente as contribuições de Sibilia (2016) e Turkle (2011) na análise dos dados.

Palavras-chave: Internet. Adolescência. Subjetivação. Contemporâneo.

ABSTRACT

The increasing use of Information and Communication Technologies (ICTs) have implemented new manners of being in the world. These changes are contained in the new context of computer mediated communication and are driven mainly by the use of social networks and popularized Internet-connected smartphones. Therefore, this work aimed to understand some of the vectors that form the subjective relationship between young people and the use of Information and Communication Technologies (ICTs). Through a panorama of the universe configured by social networks, subject communication and subject formation, the general objective of this research is to problematize the way in which virtual technology has become a line of force in the new regimes of contemporary subjectivation. For that, we studied adolescents from a private school in the city of Caçapava, São Paulo, aged between 14 and 17 years. For data collection, we used the following resources: application of a questionnaire; focus groups and interviews with the teaching staff of the school. At last, we conducted interviews with the adolescents considered by their classmates as the largest users of internet. In addition to the field research at the school, a virtual ethnographic research was carried out, consisting of the systematic analysis of the mentioned sites to understand how young people can be constituted from the exposure to these contents and modes of virtual representation of themselves. From this qualitative study we hope to contribute to the constitution of a richer understanding of the forces that form the new social praxis present in the globalized world. The contributions of Sibilia (2016) and Turkle (2011) were used in data analysis.

Keywords: Internet. Adolescence. Subjectivation. Contemporary.

SUMÁRIO

Introdução	10
1 EIXO ESPAÇO	27
1.1. Espaço híbrido – <i>zapping</i> e simultaneidade.....	29
1.2. Do quarto individual para o cenário público	40
2. EIXO TEMPO	45
2.1. Biografias históricas	48
2.2. Biografias estóricas	65
2.2.1. Introdução às biografias estóricas	65
2.2.2. Identidades em forma de perfis	74
2.2.3. Sociabilidade estórica.....	86
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES.....	105
ANEXOS	112

INTRODUÇÃO

O continente de Atlântida submergiu às profundezas do oceano. Em um único dia e noite de infortúnio, viu sua glória submeter-se às intempéries da água.

Inconformados com seu destino, os moradores da cidade, uma vez submersos nas marés, criaram para si toda uma nova topografia urbana: tijolos foram substituídos por corais, espinhas de tubarão substituíram as colunas dos edifícios e até mesmo as roupas - antes de algodão e linho - agora desenham-se a partir das algas verde-pérola.

A pele dos moradores adaptou-se rapidamente à vida marinha: escamas que mudam de tom de acordo com a correnteza. Os jovens, espíritos criativos, comunicam-se agora com as conchas espiraladas que encontram na areia, não mais com o tato: veja, as escamas dessensibilizaram a pele. Sem dúvida, o passar das décadas fez decantar sobre os corpos dos Atlantidenses uma crosta viva, móvel. Mas isto, para além de ser sina e maldição, foi também a benção esperada por muitos; podiam, agora, revestir-se de mil e uma cores, ajustar as escamas por aqui e por ali, navegar infinitamente debaixo de couraças de fantasia. Atlântida ainda desperta um fascínio singular, não só por sua história trágica e romântica, mas porque se instala no imaginário da humanidade como uma promessa de vida livre; terra cujas extensões são desconhecidas e cujos limites nenhum homem já inscreveu em nenhum mapa. Com efeito, não se sabe onde Atlântida começa e onde termina. Seus moradores borraram os limites do continente com areia e sal, de tal forma que é impossível - no gradiente cuidadosamente criado nas praias - saber onde começa a terra, o mar ou o céu. Tal como o horizonte que inscreve o mundo em um limite sem definição, também a água envolve todos os corpos. É incabível a um Atlantidense pensar uma vida fora da substância líquida; é, ao mesmo tempo fonte de vida, constituidora do mundo sensível e líquido que banha de sentido os hábitos dos que ali vivem.

Atlântida é a ilustração perfeita para a compreensão de alguns fenômenos muito singulares que estão em voga na geografia subjetiva contemporânea. Para cartografar este novo território, seria necessário visitar nossos velhos trajetos e imantar nossas bússolas com novos sentidos norteadores. Isto porque talvez a substância que nos

cerca não seja mais a água salgada de Atlântida, mas os sinais polifônicos das redes de internet. Se antes eram percorridos os quilômetros com os pés cansados, hoje as distâncias foram encurtadas à dimensão de pixels que, nos telefones conectados, reluzem.

A escolha do título desta pesquisa, “O Continente Virtual: geografia do ciberespaço e a adolescência digitalizada” parte deste imaginário. O tema desta pesquisa, portanto, refere-se aos significados do uso da internet por adolescentes e, em particular, nas redes sociais. As principais questões que serviram como nosso ponto de partida foram: como as redes sociais incidem na constituição emocional e social de seus usuários? De que forma estas redes modificam as maneiras de ser de seus participantes? Questões certamente amplas, mas que foram nossos principais guias para iniciar uma investigação junto aos adolescentes de uma cidade de porte médio do interior paulista.

Realizar um recorte de observação deste perfil de usuário (isto é, os adolescentes) é interessante não apenas pelo que eles apresentam de singularidade mas também pelo que expressam de similitude com os demais usuários. Nossa hipótese central está na ideia de que os adolescentes não são apenas um grupo a parte, específico e com características próprias, mas, também, um conjunto de pessoas cujos usos da internet revelam de modo flagrante os demais usos, incluindo seus limites e perspectivas. A adolescência é um período no qual é necessário negociar sem grandes experiências acumuladas uma série de elementos do mundo adulto, a saber: a relação de si consigo mesmo e com o outro, a forma como estabelecerão relações íntimas ou distantes, a maneira como criarão e fortalecerão vínculos sociais e, por fim, as estratégias que empregarão nas suas manifestações com os direitos e deveres dos adultos.

Com efeito, várias dessas experiências têm lugar em nossos dias no âmago das redes sociais. Assim, o estudo das plataformas virtuais representa uma maneira muito proveitosa de elucidar importantes questões acerca da forma como todos – adolescentes, adultos e idosos – utilizamos a internet e realizamos negociações com o mundo virtual.

A partir dessas colocações iniciais, esta pesquisa tem como objetivo principal compreender os processos de subjetivação em voga no uso das redes sociais por adolescentes. Ou seja, buscamos perceber quais afetos e emoções são despertados, ou constituídos, no uso daquelas tecnologias, principalmente no que se refere às relações sociais exercidas pelos adolescentes. Relações sociais, neste trabalho, é um termo usado amplamente para designar a forma como os seres humanos entendem e estabelecem suas conexões afetivas com outros, desde vínculos familiares até amizades e relacionamentos amorosos. Assim, pretende-se compreender de que forma as chamadas redes sociais online modificam, atravessam, obstruem ou criam diferentes modos de sociabilidade.

Realizamos uma pesquisa qualitativa com quarenta e cinco adolescentes de um colégio particular de uma cidade de médio porte do estado de São Paulo. A pesquisa foi realizada com todos os jovens dos três anos do Ensino Médio do Colégio (vinte alunos do 1º ano, quatorze do 2º ano e onze do 3º ano). Todos os possuem idades entre 14 e 17 anos e tiveram os termos de assentimento e consentimento assinados por eles próprios e seus responsáveis, respectivamente.

A coleta de dados desta pesquisa se deu em duas vias. Primeiro, foram realizados três encontros coletivos com os jovens acerca de seus hábitos nas redes sociais. Foi realizado um encontro com cada ano do Ensino Médio (primeiro, segundo e terceiro ano). Após os encontros em grupo, foram realizadas nove entrevistas individuais semi-estruturadas com os adolescentes considerados pelos seus colegas de classe como os mais "conectados à internet". Destes, três eram do primeiro ano do Ensino Médio, quatro do segundo ano e dois do terceiro ano.

Além da pesquisa de campo na escola, foi realizada uma pesquisa etnográfica virtual, que consiste na análise do funcionamento dos sites e redes sociais mais citados pelos adolescentes. Procuramos, nesta etapa de pesquisa, melhor compreender de que forma os mecanismos das plataformas podem favorecer singulares processos de subjetivação.

Assim, os desafios dessa pesquisa foram diversos: primeiro, a necessidade de compreender o universo virtual e lidar com uma bibliografia específica, relacionada a

este tema. Segundo, foi preciso perceber as sutilezas do trabalho de campo, suas lacunas e limites. E, ainda, toda a investigação exigiu um olhar persistente sobre as maneiras pelas quais a expressão oral, durante as entrevistas, podia ser mais reveladora do que pareciam em um primeiro momento. Aqui, me atentei para as sutilezas das falas, problematizando questões a partir das entonações dos jovens nas entrevistas, seguindo suas falas (por vezes mais pungentes, por vezes quase silenciosas). Outro desafio implicado na pesquisa foi o de conciliar a velocidade de atualização das redes sociais e os hábitos e costumes associados a elas. Observamos que os comportamentos dos adolescentes frequentemente se rearranjavam a cada nova configuração das ferramentas, e acompanhar este movimento foi um tanto desafiador.

Além disso, a pesquisa etnográfica virtual – que consistiu, como dissemos, na análise das ferramentas mais utilizadas pelos jovens – também impôs um desafio de estudo, uma vez que estas redes sociais muitas vezes se assemelhavam em funcionamento mas eram muito diferentes na forma de uso pelos adolescentes. Dito de outro modo, cada plataforma era utilizada de um jeito diferente, ainda que as diferentes redes sociais ofertassem serviços muito parecidos. Compreender este processo implicou também em entender que os jovens frequentemente subvertem o uso das ferramentas, frequentemente adaptando o funcionamento das plataformas a seus desejos e comportamentos.

É importante esclarecer que neste trabalho não haverá distinção específica entre a denominação de adolescente e de jovem. O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA - define o adolescente como a pessoa com idade entre 12 e 18 anos: contudo, pessoas nessa faixa etária também têm sido denominadas jovens. Em 1985, Ano Internacional da Juventude, foi estabelecida na Assembleia Geral das Nações Unidas a denominação de jovens para pessoas com idade entre 15 e 24 anos, podendo estender-se para menos, entre 10 e 14, em regiões rurais ou pobres, ou para mais, entre 25 e 29 anos, em áreas urbanas e de melhores condições econômicas. Já a Organização Mundial da Saúde considera a adolescência o período entre 10 e 19 anos e juventude entre 15 e 24 anos. Assim, como nosso público pesquisado encontrava-se

na faixa etária entre 14 e 17 anos, consideramos pertinente ambas as denominações, isto é, de adolescentes e de jovens.

Entendemos que este grupo de quarenta e cinco jovens pode ser uma amostra interessante para a compreensão deste fenômeno global (isto é, o uso crescente da internet e das redes sociais) por vários motivos. Primeiro, entendemos que estes jovens – por virem de uma cidade de médio porte do país – podem manifestar hábitos importantes compartilhados tanto por outros usuários moradores de cidades mais urbanas do país – como São Paulo, por exemplo – como podem também trazer à tona processos de subjetivação nas redes que ainda não atingiram os grupos das grandes metrópoles. Os participantes da pesquisa, portanto, podem ser considerados uma amostra do que seriam os adolescentes de uma cidade média do país, realidade esta bastante comum no Brasil. Além disso, justifica-se a escolha de uma pesquisa qualitativa na medida em que entendemos ser interessante compreender mais de perto de que maneira o uso das redes pode explicar o modo de ser e de pensar de adolescentes nem sempre evidentes ao primeiro olhar.

Se é majoritariamente consenso na etnografia a imersão na cultura como percurso de pesquisa, então a geografia do ciberespaço não poderia se dar de outra forma: trata-se de deixar-se levar, mergulhar no processo, ainda que virtual. Nesta pesquisa, nosso olhar dirige-se à cibercultura juvenil com especial atenção às vivências relacionais experimentadas no universo virtual. No decorrer da pesquisa, outras perguntas surgiram juntamente com as primeiras indagações. Por exemplo: quais os interesses e hábitos dos adolescentes na internet? Quais fatores induzem esses hábitos? Qual o impacto dessas experiências virtuais na constituição dos adolescentes? E, para além das redes sociais viabilizarem a manutenção de relações afetivas que se passam no mundo "real", de que forma elas próprias recodificam os afetos e as comunicações humanas?

Diante de questões dessa natureza, é imprescindível empreender esforços - em especial no que se refere à pesquisa na área da Educação - para fugir de discursos antagônicos que pouco contribuem para a real compreensão do fenômeno do ciberespaço. Estes discursos, que vão da tecnofilia ("a internet é boa e benéfica") à

tecnofobia ("a internet é má e prejudicial"), estão presentes em todas as áreas da sociedade, e podem operar simultaneamente como vetores de juízo e de subjetivação. Pode-se pensar no caso caricato do adulto que se queixa da relação viciosa dos filhos com a internet, ao mesmo tempo em que ele próprio está vinculado a essa mesma internet, permanecendo constantemente conectado ao trabalho via seu celular, por exemplo. Nesse sentido, volto a reforçar que a escolha de adolescentes como participantes da pesquisa é singular, pois viabiliza que a pesquisa se insira neste universo das redes sob a ótica dos seus usuários mais ávidos.

Além disso, os intensos debates com profissionais das áreas de Educação, Saúde, Psicologia, Filosofia, Direito, Sociologia e Ciências Sociais têm ressaltado a importância de estudos empíricos e de uma análise profunda sobre as sintomatologias contemporâneas vinculadas aos ambientes digitais. Esperamos, ainda, contribuir com os estudos científicos já existentes na área, de forma a problematizar o complexo campo da pesquisa no ciberespaço com novos dados. Nesse sentido, a pesquisa se direciona àqueles leitores cujo olhar está atento para a compreensão filosófica daqueles fenômenos.

A pesquisa também representa uma contribuição, esperamos, não só pela relevância social que pode ter, no sentido de oferecer uma melhor compreensão aos profissionais da área da saúde do que se passa no universo virtual, mas também pelas contribuições acadêmicas que o presente estudo apresenta para pesquisas futuras.

Resta que durante a pesquisa, alguns filósofos inspiraram uma parte das reflexões e, entre eles, Gilles Deleuze teve um papel importante. Especialmente quando ele lembra de fenômenos similares e afirma:

É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las. (DELEUZE, 1992. pg. 3):

Deslocar o foco dos reluzentes artefatos para apontar à genealogia das subjetividades, portanto, arriscando dizer que estaríamos vivendo uma importante mudança no próprio processo de subjetivação, é uma abordagem desafiadora para

conseguir compreender o curioso fenômeno das redes sociais e da internet justamente em uma época na qual desde os afetos mais íntimos até os debates políticos mais acalorados penetraram a realidade virtual e é com eles que os adolescentes convivem e negociam diariamente.

Antes de iniciarmos propriamente esta dissertação, vale lembrar de uma experiência que marcou os seus primórdios:

Estávamos, eu e meu primo, conversando em uma viagem de carro em direção à casa de seus avós. A fuga do dia quente de verão dava-se pelo ar condicionado do veículo, ligado na temperatura mais gelada. O carro, que havia sido limpo recentemente, cheirava eucalipto.

“Esse carro tá com cheiro de planta!” disse o menino, enquanto navegava desinteressado na internet do celular, em um misto de curiosidade e tédio. Sem muita regra, deslizava o dedo pelo vidro iluminado do aparelho, desprovido de atenção para o mundo exterior.

No banco do passageiro, ele olhava atentamente as cores mudarem na tela do jogo, sem perceber que eu dividia minha atenção entre a estrada à minha frente e o curioso comportamento do menino ao meu lado.

“E qual o cheiro da internet?” perguntei, atento para a resposta.

Diante da pergunta, o menino tirou os olhos do celular, levantou a cabeça, suspirou. Após uns segundos, retomou suas atividades online e disse:

“Ué, tem cheiro de fumaça!”

Esta pesquisa surgiu da boca de uma criança de cinco anos de idade.

Melhor dizendo, esta pesquisa surgiu a partir de sensibilidades singulares de um menino que, despretensiosamente, deu novos significados ao nosso entendimento do universo online.

Idealmente, toda pesquisa (acadêmica) tem por objetivo, em maior ou menor medida, quantificar os dados de uma determinada situação a fim de compreendê-la

melhor. Sendo esta uma pesquisa *qualitativa*, não se trata tanto de quantificar, mas de *qualificar* os fenômenos e suas relações, compreender suas dinâmicas, tornar visíveis algumas de suas lógicas de funcionamento.

Estas lógicas estão inscritas no campo das chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Essas tecnologias têm produzido alterações importantes na configuração das relações humanas e criado oportunidades únicas para a emergência de novos modos de subjetivação e socialização. Diversos autores apontam para as intensas transformações decorrentes do uso das TICs (LEMOS, A. 2003; SIBILIA, 2016; HERRING, 1999; HERRING et al., 2005; DONATH, 1999; RECUERO, 2009a, 2009b, 2012a, 2012b, e outros), e as obras na área indicam que tais transformações ocorrem majoritariamente em dois grandes planos: o da *constituição dos processos de subjetivação* e o das *relações sociais*, como veremos adiante.

As TICs são definidas de forma ampla como as ferramentas chamadas *virtuais* ou *online*, através das quais os indivíduos relacionam-se socialmente de maneira tele-presencial uns com os outros, através da Internet. Estas Comunicações Mediadas pelo Computador (CMC) têm seu próprio conjunto de regras, moduladas tanto pela configuração da rede em si (a Internet e seus mecanismos, os aparelhos eletrônicos e suas configurações) quanto pela apropriação dos sujeitos das diversas ferramentas. Nesse sentido, a CMC não se limita à conversação realizada somente através do computador, mas abrange todos os dispositivos que permitem as interações virtuais (celulares, *smartphones*, *tablets*)¹.

Dentro do terreno de estudo da constituição de seres humanos e seus processos de comunicação a partir do uso das TICs, Recuero (2009a; 2009b; 2012a) faz um levantamento das principais obras na literatura, incorporando grandes estudos na área (BOYD; ELLISON, 2008; BARON, 2002; RIVA; GALIMBERTI, 1998; e outros). Além disso, a autora realiza suas próprias contribuições para o estudo destas tecnologias: em seu levantamento, a autora aponta para o fato que as TICs, para além de um conjunto

¹ Para um detalhamento sobre a relação entre o conceito de *conversação* e a forma através da qual ela se configura em nível estrutural, veja obra de Marcuschi (2006).

de ferramentas online, são "motor de relações sociais" (2012a, p. 2). Não se trata apenas de uma estrutura técnica de suporte à comunicação mas, igualmente, um conjunto de ferramentas de linguagem cujo sentido é construído pelos próprios usuários.

No presente trabalho utilizaremos diversos autores como fonte de inspiração geral. Mas foi fundamental a análise das obras de pesquisadores especialistas nos temas da realidade virtual e o uso das TICs. Entre eles, destacam-se Sibilia, Turkle, além de teses e dissertações sobre o tema. Justifica-se esta articulação, em primeiro lugar, devido à necessidade científica de entender as relações humanas pivotadas pelo uso das TICs, assim como se faz necessário, dentro de um panorama clínico, contribuir para a expansão do conhecimento teórico-científico da Psicologia Clínica em suas discussões sobre as intensidades psíquicas disparadas por tais tecnologias. Isto porque, apesar da quantidade de estudos² na área, ainda há muito o que se pensar sobre os desdobramentos das TICs e da CMC na constituição dos sujeitos e suas relações.

Diante da problemática estabelecida pelos autores, é fundamental debruçar-se mais intensamente sobre questões colocadas. Por ser um tema muito atual, a compreensão dos fenômenos online exige um olhar interdisciplinar, etnográfico e atento às miudezas das subjetividades.

Afinal, qualificar a *fumaça* descrita tão assertivamente pelo menino não é um desafio simples. Se o vapor liberado nas redes virtuais é móvel, e se essa fumaça não cessa de tomar novas formas, há que imaginar que a compreensão destes fenômenos não se dá em uma observação momentânea. Há, pois, que seguir os seus trajetos, de forma que possamos compreender melhor quais as regras implícitas nas suas recombinações contemporâneas.

² O levantamento de SOUZA R. M. (2016), por exemplo, aponta para o lugar simbólico dos aparelhos *smartphones* nas relações familiares, atentando-se para a configuração de famílias em um contexto virtual e suas implicações na vida psíquica. Soma-se a este quadro de estudo a extensa revisão de Carvalho et al. (2016) acerca do uso das TICs nas famílias. Além disso, os levantamentos de Turkle (2011), Herring (1999) e Stafford & Hillyer (2012) são alguns dos estudos que abordam mais sistematicamente os processos de subjetivação envolvidos nas trocas virtuais, ainda que cada um faça, a seu modo, suas críticas a certos tipos de uso dessas ferramentas.

A internet e seus mecanismos não cessam de ganhar novos usuários e novas modalidades de comportamento. Para melhor compreender estes acontecimentos, é necessário seguir as grafias inscritas pelos sujeitos nesse território em *duas* direções.

A primeira direção, mais óbvia, é a no sentido de compreender as *novas* mutações da internet, suas configurações inovadoras, as práticas associadas a elas que nunca antes existiram na nossa sociedade.

Este exercício de compreender os singulares processos de subjetivação online e suas novas conformações só pode ser feito, é verdade, se olharmos “para frente”, isto é, para onde estas novas subjetividades estão indo, quais são seus passos mais frescos, suas práticas mais inovadoras.

Entretanto, há uma segunda direção neste estudo, tão importante e desafiadora quanto a primeira. Trata-se, pois, de olhar estes fenômenos enquanto condensadores de uma história, de uma trajetória, de um passado.

Analisar de que forma o mundo digital funciona é também uma tarefa que implica, portanto, um exercício genealógico, ou seja, há que se perguntar como os hábitos dos sujeitos na internet “vieram a ser”, cristalizando-se em comportamentos cotidianos e inscrevendo na sociedade toda uma nova forma de existência.

De maneira mais ampla, cabe perguntar: *como alguém se torna aquilo que é*, tomando para si as marcas de seu próprio tempo?

Não há dúvidas que forças históricas incidem sua influência na conformação dos corpos e das subjetividades, fazendo surgir certos modos de ser que, como veremos, tornam os sujeitos *representantes de sua época*. De que forma nós, sendo quem somos e tendo os hábitos que temos, podemos ser sinais de forças sociais historicamente marcadas?

Justamente para começar a refletir sobre isso, me é necessário um cuidado epistemológico e, é claro, ético-político, principalmente em se tratando das velocidades do mundo virtual. Afinal, estudar isto que tomamos como matéria-prima do contemporâneo - a internet e seus elementos - só pode ser feito considerando que no presente ecoam premissas históricas que abriram terreno para a emergência dos processos subjetivos que, hoje, estão em voga.

Tatear o passado com as luvas do presente (e, simultaneamente, tatear o presente com as luvas do passado) exige, portanto, a adoção de um olhar atento, móvel. A observação dos fenômenos descritos neste trabalho tem a intenção de considerar não só os seus aspectos mais evidentes, mas também os seus efeitos menos claros ou óbvios³. Este cuidado, para além de um exercício ético e científico, faz-se necessário também em virtude da natureza do que se pretendeu estudar. Afinal, os objetos de estudo mais evidentes nesta pesquisa foram os *hábitos* dos adolescentes na internet. Apreender de que forma se formam os *hábitos* - esta repetição (às vezes despercebida) de determinadas práticas que, ao longo do tempo, sedimentam o terreno para a formação de subjetividades inéditas ou, ao menos, singulares - é por si só uma tarefa complexa.

Se tomarmos os hábitos como muito maiores do que são, corremos o risco de acachapar as subjetividades atravessadas por eles e reduzir os efeitos do uso da internet a uma porção rasa de opções de causa-e-efeito. Se, por outro lado, não dermos a importância devida aos pequenos hábitos e comportamentos que se instalam nas miudezas do cotidiano, podemos deixar escapar justamente as sutilezas que incidem intensamente sobre as subjetividades dos sujeitos conectados à rede.

Isto é importante porque, como veremos, a maneira como os sujeitos utilizam a internet se dá de maneira rápida, fluida e frequentemente conectada a outros comportamentos. Se os sujeitos checam o celular na fila do banco, no trânsito, ao longo de uma conversa ou de uma caminhada, é porque - em maior ou menor grau - a conexão a estes aparelhos colonizou outros espaços (através da prática do *zapping*,

³ Sibilía (2016) nos aponta três grandes dimensões sob as quais pode-se abordar o tema. O primeiro refere-se ao nível *singular* do problema, cuja análise dá destaque à trajetória de cada indivíduo enquanto sujeito único. No extremo oposto desta dimensão, temos o nível *universal* da subjetividade, que abrange todas as características comuns da humanidade, tais como "a inscrição corporal de cada sujeito e sua organização por meio da linguagem" (pg. 27). Entre essas duas dimensões é possível pensar, segundo a autora, em uma rica zona intermediária, cuja análise podemos chamar de *particular* ou *específica*, localizada *entre* o plano singular e universal. Neste nível, buscamos compreender os fenômenos comuns a alguns sujeitos mas não necessariamente inerentes a todos os seres humanos. Sob essa lente, estaríamos a observar, por exemplo, aquilo que torna alguns sujeitos (ou grupos de sujeitos) manifestações icônicas de elementos históricos que, num determinado período, tomaram forma. Em outras palavras, estaríamos a lidar com os *representantes de uma época*, aqueles que, quer seja por sua história singular ou pelos atravessamentos sócio-históricos aos quais foram submetidos, vieram a adotar determinadas práticas inscritas no fino jogo da história de um povo.

como veremos adiante), para além do virtual. Estaríamos falando aqui, sem dúvida, da vida cotidiana, comum, na qual situam-se pessoas como eu e você.

Nesse sentido, para que possamos navegar na geografia do ciberespaço, há que, antes, entender de que forma as portas de entrada a esse continente permitem (ou obstruem) a passagem de seus usuários. Tendo dito isso, gostaria de assinalar duas importantes ressalvas no que se refere ao estudo desse continente virtual.

Parece-me que a *fumaça* descrita pela criança no início deste capítulo está em plena conformação com outra palavra comumente usada para descrever a internet: *nuvem*⁴.

Com efeito, o termo nuvem - popularizado nos últimos anos como sinônimo da internet - evoca imagens de um local móvel, fluido e, principalmente, *sem contornos*. Em outras palavras, a nuvem seria um lugar de acesso fácil, cujos limites não são bem definidos (ao contrário, são móveis). Sem dúvida, há um investimento maciço por parte de todos os setores envolvidos na produção e manutenção desse ciberespaço para que o acesso à internet seja fácil e, principalmente, rápido. Os formulários para a inscrição nas redes sociais tornaram-se cada vez mais limpos, sem pedir (em um primeiro momento) tanta informação, de modo que o processo não leve mais que alguns minutos. A *praticidade* parece ter colonizado o espaço virtual: do design dos aparelhos celulares a atalhos de teclado, passando pelos algoritmos de análise de comportamento online (de modo a oferecer produtos relevantes baseados em seus comportamentos online) e pelo investimento em colocar os botões de postagem sempre no local mais acessível, tudo parece ser regido pelo *ethos* da funcionalidade.

A figura da nuvem está em perfeita sintonia com o projeto burguês do século passado que difundiu os populares ideais de democracia e igualdade. Isto porque o imaginário de hoje em dia está povoado da noção de que a internet está aí "para qualquer um" e, portanto, para todos. Em uma certa medida, há um entendimento de que todos podem *entrar na internet* e que, ainda, essa entrada é prática, rápida e fácil.

⁴ Novamente, esta simbologia já parece ter sido apontada por Deleuze (1992, pg. 3) ao dizer que a "empresa é um gás" que preenche os sujeitos. Talvez este gás tenha qualquer coisa da volatilidade da "nuvem" da internet.

Entretanto, compreender como esses sujeitos *entram* em contato com a rede não é simples, porque compreender como os sujeitos entram em algum lugar significa contrapor o pensamento a um movimento de *saída*: veja, só se tem noção de entrada quando consideramos o movimento oposto. Se, por exemplo, entramos em uma casa, seria necessário sair dela para poder entender qual era a casa na qual antes eu estava. Caso nunca saíamos, seria difícil apontar o que seria o dentro ou o fora da casa.

Pode parecer irrisório ou desnecessário determo-nos nesta questão de entrada e saída, mas ela, sem dúvida, desempenha um papel fundamental no que se refere ao acesso (ou a falta dele) à *internet*.

Considerando o perfil dos adolescentes em questão, vemos que - nascidos na alvorada do século XXI - cresceram rodeados desses apetrechos tecnológicos: telefones celulares, aparelhos de música, videogames, etc. A nomenclatura popularmente dada para este perfil de adolescente seria o de *nativo digital* (PRENSKY, 2011), isto é, o menino ou menina cuja vida deu-se tendo como pano de fundo a tecnologia virtual. Um nativo digital seria aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais ao seu redor e que, por definição, realizou sua entrada nesse universo desde a tenra idade.

No que se refere à esta pesquisa, os sujeitos foram quarenta e cinco adolescentes de 14 a 17 anos estudantes do Ensino Médio de um colégio particular da cidade de Caçapava, interior de São Paulo. Destes jovens, 39 eram do sexo feminino e 16 do sexo masculino. A pesquisa se deu através de 2 encontros presenciais com os três anos do Ensino Médio e com algumas entrevistas semi-estruturadas com alguns dos jovens do grupo. Todos os sujeitos, a meu ver, podem ser considerados *nativos digitais*, isto é, nasceram e cresceram em um mundo mediado pelas TICs.

Aqui, quero chamar atenção para uma sutileza crucial na forma como os nativos entram na rede; fundamentalmente, *não há entrada* na rede porque, fundamentalmente, os sujeitos *nunca estiveram fora dela*. Nascidos sob a égide da conectividade, estes nativos digitais - e todos nós, no que toca ao impacto global da internet - não têm como ignorar a presença deste elemento novo, eternamente interessante que é a rede.

Curiosamente, mesmo quem supostamente "não participa" ativamente da internet sofre os efeitos dessa ausência. É o caso, por exemplo, de uma adolescente entrevistada na pesquisa, que relata que não possui celular próprio há quatro anos. Ainda que supostamente menos integrada "à nuvem", ela sofre os efeitos dessa desconexão. Professores devem enviar atividades especialmente ao email dela, quando para todos os outros alunos enviariam via Whatsapp, aplicativo de mensagens instantâneas. Por vezes, a menina perde compromissos porque os mesmos foram acertados nos grupos sociais online dos quais ela não faz parte. Isto não parece aborrecê-la, pois diz a menina que, dessa forma, não se sente dependente do celular e que pode dedicar-se aos estudos.

Nessa pequena ilustração, vemos que mesmo os sujeitos que não estão diretamente relacionados à rede continuam sendo afetados (ainda que de maneira refratária) pela internet, como preconizado pelos estudos de Viviani (2007).

Para além da evidente transformação que essa tecnologia causou no mundo, é preciso atentar-se para o fato que não se trata apenas dos recursos técnicos que foram aparecendo nos últimos anos (melhores computadores, celulares mais eficientes, etc.), mas dos hábitos que se instauraram em consonância com essa aparelhagem, pois:

[...] não são os aparelhos que causam mudanças nos modos de ser, como costuma se afirmar com excessiva irreflexão; mas, ao contrário, parece evidente que os artefatos técnicos são resultado de processos históricos bem complexos, que envolvem uma infinidade de fatores socioculturais, políticos e econômicos. Nesse sentido, as tecnologias são inventadas para desempenhar funções que a sociedade de algum modo solicita e para as quais carece das ferramentas adequadas (SIBILIA, 2016, p. 25).

Nesse sentido, vemos que Sibilia confirma o que Deleuze (1992) preconizou décadas antes. Deve-se pensar essas várias modalidades existência hoje, não *a partir* dessas tecnologias, mas *através delas*. Nesse sentido, não se trata de os sujeitos acessarem ou não a internet, mas de como a internet veio a tornar-se ela própria um território fundamental para o erguimento da contemporaneidade. Vemos, pois, que não há que compreender a *entrada-ou-saída* deste continente, mas sim os diferentes *graus de habitação*.

Percebe-se que há, ainda, uma outra tremenda dificuldade no estudo destas questões. Em função da rápida atualização que estas ferramentas sofrem dentro de pouco tempo, aproximar-se deste assunto é, no mínimo, intenso. O crescente número de usuários da internet e a rápida conversão destes para usuários de redes sociais coloca desafios metodológicos de pesquisa. Segundo estudo da International Telecommunication Union (ITU) (2015), órgão da ONU, estima-se que ao final de 2018 a internet deverá atingir a marca de 3,8 bilhões de usuários, o que representa pouco menos do que a metade da população mundial e que, destes, estonteantes 90% estão vinculados a uma ou mais redes sociais, sendo o Facebook a ferramenta majoritariamente utilizada.

A rápida *taxa de conversão* de usuários de internet para usuários de redes sociais coloca problemas metodológicos para o estudo deste universo: Boyd (2006), por exemplo, estudava o uso das redes Friendster e MySpace no mesmo período em que a rede Facebook crescia vertiginosamente, vindo a tornar-se a principal rede social usada no mundo e tomando o espaço de todas as outras do momento em menos de 4 anos. Seus estudos, portanto, não se equipararam à rápida atualização das redes.

Estudos de Recuero (2009b) também apontam para a velocidade da dinâmica das tecnologias digitais: seus estudos sobre weblogs, movimentos políticos através de mídias virtuais e o funcionamento da plataforma de microblogging *Twitter*⁵ apontam para a intensa rotatividade de conteúdos veiculados na rede. Parece-me que os fluxos estudados atualizam-se na mesma velocidade em que mais usuários conectam-se à internet.

Em se pensando a rápida atualização das ferramentas online e o crescente número de usuários, fica claro o desafio imposto ao estudo destas tecnologias. Há, aparentemente, uma perene defasagem entre a atualização das tecnologias digitais e seu subsequente estudo e acompanhamento.

⁵ Para mais estudos dentro desta plataforma, ver Honeycutt, C., and Herring, S. C. Beyond microblogging: Conversation and collaboration via Twitter. *Proceedings of the Forty-Second Hawaii International Conference on System Sciences (HICSS-42)*. Los Alamitos, CA: IEEE Press, 2009. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/honeycutt.herring.2009.pdf>> visitado em 23 set 2016.

Para além do gasto comentário da *hiperconectividade* das novas gerações, carregada de pessimismo histórico, e tendo feito as duas ressalvas acima - que há diferentes graus de habitação no ciberespaço (e não mais a dicotomia dentro ou fora) e que há uma constante fissura temporal entre a atualização da internet e seu estudo - quero conjugar estas questões no que tange à formação de duas dimensões muito específicas: os processos de subjetivação e o estabelecimento de relações sociais. Entendo, é claro, que estes dois vetores se atravessam e compõem um emaranhado de forças e potências que a todo momento se reorganizam. Para a melhor compreensão dos fenômenos envolvidos na internet, entendo ser vantajoso organizar nosso olhar em torno desses dois eixos (processos de subjetivação e relações sociais) separadamente.

Ao partirmos do pressuposto de que a configuração dinâmica da internet, especialmente relacionada aos afetos suscitados pelas redes sociais, atuaria em diversas frequências subjetivas do público jovem, possivelmente modificando o funcionamento das relações consigo mesmo e com os outros, tornou-se imprescindível conhecer de que maneira essas relações (consigo e com o outro) ganham sentido na geografia virtual. Conforme aponta Rosado e Tomé (2015, pg. 6):

Nesse processo, os jovens parecem ser os que se adaptam e mudam de maneira mais veloz em relação a outros segmentos etários, intervindo, em maior ou em menor grau, nos discursos e negociações presentes nessas comunidades formadas na internet. Atividades simultâneas (multitarefa), leitura rápida e randômica de assuntos diversificados, jogos de computador e celulares permanentemente conectados à internet caracterizam os jovens dessa geração, na visão de Santaella⁶.

A proposta do trabalho não é promover um esforço concentrado para desvelar discursos que comprovem, enfim, *se os efeitos da internet são "bons" ou "maus"*. Não se trata de buscar reconstituir o que as relações dos sujeitos tinham de "puro" antes da "corrupção" feita pela internet. Ao contrário, é imprescindível empreender esforços - em se tratando especialmente de uma pesquisa na área da Educação - para fugir de discursos antagônicos que pouco contribuem para a real compreensão dos fenômenos

⁶ SANTAELLA, L. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? **ReCeT: Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 17-22, 2010.

no ciberespaço. Estes discursos, que vão da *tecnofilia* reducionista ("a internet é boa e benéfica") à *tecnofobia* conservadora ("a internet é má e prejudicial") estão presentes em todas as áreas da sociedade, e podem operar simultaneamente como vetores de juízo e de moralidade. Pretende-se, em vez disso, examinar os impactos na configuração da subjetividade e da sociedade gerados por investimentos maciços em certas práticas, especificamente, em práticas de si, para si, sobre si, no mundo virtual, em detrimento de outras práticas propostas no passado ou aventadas, sem grande ressonância, na atualidade.

Para isso, estudaremos estas mutações através de dois eixos de análise: o eixo *espaço* e o eixo *tempo*. Sabemos, sobretudo após as intensas transformações dos séculos XX e XXI, que a subjetividade contemporânea é indexada a um único grande eixo espaço-tempo e que tentar separar estes dois planos vai na contramão dos fenômenos que temos visto nas últimas décadas. Entretanto, para fins de estudo, analisaremos cada um desses eixos separadamente de forma que possamos ver as suas mutações com mais atenção.

No Capítulo 1 abordaremos as formas como o contemporâneo configura novos espaços de subjetivação e como esses espaços são banhados de significados cujo nascimento está intrinsecamente vinculado às práticas das redes sociais. Essas práticas reorganizam o espaço físico do mundo e também criam uma geografia própria da vida online, e nos interessa ver as subjetivações germinadas na intersecção desses mundos (físico e digital).

No Capítulo 2 veremos como essas novas práticas expressam uma nova relação dos sujeitos com o tempo ou, melhor dizendo, estabelecem novas temporalidades para o sujeito contemporâneo. Nesse processo, veremos como a própria identidade – outrora tida como o estandarte da própria história – agora passa a ser indexada a novos códigos de subjetivação, pautados cada vez mais pelas recém-inauguradas velocidades das redes sociais e seus mecanismos.

1 EIXO ESPAÇO

Textopolis é a cidade onde os Emojis favoritos dos usuários de smartphones vivem e trabalham. Lá, todos eles vivem em função de um sonho: ser usados nos textos dos humanos [...] (Sinopse do filme “Emoji: O Filme”⁷).

A cidade, nova fronteira, rompe os constrangimentos familiares ou locais, estimula as ambições, atenua as convicções. Criadora da liberdade, propiciadora de novos prazeres, a cidade, com tanta frequência uma cruel madrasta, fascina a despeito das diatribes moralistas. Paradoxal, engendra por sua vez multidões de indivíduos solitários. É a mãe de rupturas e acontecimentos (Alain Corbin).

Ninguém imaginaria que o dia vinte e sete de junho do ano de 2017 seria um dos principais marcos na história da sociedade virtual.

Na manhã daquela terça-feira, Mark Zuckerberg, presidente-executivo do Facebook, anunciava a plenos pulmões que sua rede social online havia atingido a intrépida marca de 2 bilhões de usuários. “*Nós estamos fazendo progresso conectando o mundo, e agora vamos fazer o mundo ficar mais próximo*”⁸, afirmou o jovem empreendedor.

Diante da notícia, cabe perguntar: Como se dispõem os sujeitos nessa rede? De que forma organizam suas relações (consigo e com os outros)? Quais estratégias utilizam para fazer valer sua existência virtual? Todas essas perguntas abrem o espectro do que, neste trabalho, chamarei de *etnografia virtual*. A palavra etnografia tem sua origem nos campos de saber da Antropologia e Sociologia, é verdade, e – justamente por isso – me parece o termo mais adequado ao tipo de estudo em questão. Considerando que a etnografia se propõe a estudar as configurações de um povo em suas dimensões culturais, materiais, geográficas e subjetivas, então há que pensar que todas essas mesmas dimensões estão em voga no ciberespaço, cujas dinâmicas podem ser tão complexas e misteriosas quanto a de qualquer outro tipo de povo. Nesse

⁷ Retirado de <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-239630/>. Acesso em 16 de setembro de 2017.

⁸ <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/facebook-atinge-os-2-bilhoes-de-usuarios.ghtml> . Acesso em 10 de setembro de 2017.

sentido, cabe perguntar quais são os limites nos quais esse povoamento virtual toma forma, em quais modalidades exercem seu particular tipo de cultura, como agenciam encontros, dispõem territorialidades, recodificam distâncias para, segundo Zuckerberg, “o mundo ficar mais próximo”.

No florescer desse ciberespaço de escala global, foram brotando novas práticas de difícil qualificação, inscritas no então nascente âmbito das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). São rituais bastante variados, que germinaram em todos os cantos do planeta e não cessam de ganhar novos espaços.

Nessa nova *pólis* tecno-urbana, novos regimes de ser e estar no mundo entram em cena. Estes regimes são inéditos tanto pelos singulares contornos desse “ser” e “estar” quanto porque, fundamentalmente, o mundo que permite essas novas existências é outro também.

Para melhor compreensão destes fenômenos, podemos dizer que as identidades dos seres que aparecem neste universo são configuradas a partir de dois grandes eixos: espaço e tempo. Como veremos, estas duas dimensões são fundamentais para a noção de *identidade* que, por sua vez, será extensamente problematizada ao longo deste trabalho.

Entendo que o eixo espaço, cujo funcionamento será exposto no presente capítulo, tem lógicas virtuais que englobam três grandes planos: os *sites* visitados, os instrumentos de navegação (celulares e computadores) e sua intersecção com o mundo concreto. Entendemos, é claro, que os celulares e computadores fazem parte desse mundo concreto, mas também sabemos que o ambiente digital permite uma experiência subjetiva que diz respeito a outros mundos que não o imediatamente físico. Neste trabalho, usarei o termo “virtual” para designar o ambiente tele-presencial da internet e usarei o termo “concreto” para referir ao mundo físico imediato. Entendo que o espaço onde estes processos de subjetivação acontecem não só é novo como é, ele próprio, um *plano de existência* totalmente singular. A geografia mais superficial deste lugar é de difícil contorno, quer seja por sua inerente característica movediça, quer seja porque os sujeitos não cessam de ressignificar os ambientes virtuais, atribuindo-lhes novas dimensões, zonas de contato, latitudes e longitudes.

1.1. Espaço híbrido – *zapping* e simultaneidade

Neste novo mundo, cuja navegação dá-se pelo ato de *surf* (na internet), toda uma nova gama de geografias desenha-se diante dos sujeitos que, inadvertidos, nele trafegam. A geografia virtual é, de longe, caótica. A experiência de navegar por ela é absolutamente desordenada, inconstante. Os jovens relatam que ficam “trocando de aplicativo o tempo todo” e que, durante a navegação, entram em correntes de entretenimento cujas amarras podem ser problemáticas.

Eu perco muito tempo no YouTube, quando eu vejo um vídeo tem outro relacionado que eu acabo vendo também, e eu *emendo* [grifo meu] um vídeo no outro e, quando eu percebo, *perdi* horas lá (Relato de um jovem entrevistado, grifo meu).

O hábito em voga, aqui, é o do *zapping*, ato de alternar rapidamente entre diversas mídias virtuais sem deter-se em cada uma. A prática – comum à grande maioria de jovens entrevistados – parece ser característica de quem navega nesse ciberespaço, quase como uma premissa básica dos hábitos online.

No relato acima, chamo atenção em primeiro lugar para o termo “emendar”, utilizado no sentido de uma ação conectada a outra, de forma que a experiência virtual (no caso, assistir vídeos no YouTube) é constante, ininterrupta. Esta prática é seguida por uma exclamação de fracasso, identificável no segundo termo grifado, “perdi”. Todos os jovens entrevistados concordam que, de fato, é possível “perder muito tempo” nas redes sociais e nos sites, quer seja porque – como relatado – pode-se emendar uma mídia a outra ou porque, fundamentalmente, há estímulos em demasia nestes espaços, e é fácil entrar no “buraco negro dos vídeos”, como nomeia outro entrevistado.

Quem nunca né? Quem nunca disse que ia estudar e acabou perdendo horas e horas no Youtube (risos)? Isso é normal, acontece mesmo. Eu, por exemplo, adoro vídeos de tutoriais de jogos⁹, como o Minecraft. Eu fico horas lá. Quando eu vejo, já são dez da noite e eu não fiz a tarefa. Aí eu me sinto mal, mas não consigo largar. (Relato de um jovem entrevistado).

⁹ Sobre o tema de jogos, ver MENDES, C. L. Controla-me que te governo: os jogos eletrônicos como forma de subjetivação. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, jan./jul. 2001.

Para além desses sentimentos de frustração que podem surgir através dessas novas práticas, quero frisar aqui a nova grafia que os sujeitos inscrevem no mapa virtual e físico. Esses hábitos fundamentam-se em linhas erráticas, *multitarefa*, constantemente conectadas. E, aí, é compreensível que o jovem “não consiga largar” da experiência, uma vez que ela se atualiza constantemente e convida, sedutoramente, à permanência na rede. No âmbito de sua concretude imediata, pode-se dizer que a navegação se dá majoritariamente através do uso de aparelhos celulares, os *smartphones*. Muitos jovens relataram que até possuem um computador em casa, mas que utilizam muito mais (e quase exclusivamente) os celulares. Quando necessitam usar um programa de computador, recorrem às máquinas disponibilizadas pela escola.

A gente usa o computador quando tem que fazer algum trabalho, sei lá. Mas é mais o celular mesmo. Nele dá pra fazer tudo... e é muito rápido. O problema é que só dele ficar perto a gente já tem vontade de mexer né (risos). Então, tipo, eu posso estar vendo uma video-aula mas, se chegar uma notificação de mensagem, eu *tenho* que ver (Relato de um jovem entrevistado, grifo meu).

Os jovens, inclusive, mostraram dificuldade em explicar a diferença entre *navegador de internet*, *site* e *aplicativo*. Entendo, sob o ponto de vista dos processos subjetivos em voga aqui, que essa diferença pouco importa aos usuários. Afinal, as diferentes “portas de acesso” à rede apenas apontam para o mesmo lugar e pouco importa por onde os usuários vieram.

A frequência de uso destes aparelhos também chama a atenção. Diante da pergunta “Quanto tempo vocês passam na internet?”, todos os jovens respondem “Praticamente o tempo todo”. Uma adolescente relata que “Parando *pra* pensar, eu acho que fico conectada 24 horas por dia, mesmo dormindo”. Seus colegas riem e concordam. E, na questão do sono, outro hábito é claro: os jovens utilizam os celulares com mais intensidade à noite do que em qualquer outro momento do dia.

Mesmo quando eu estou dormindo o celular fica online, então as pessoas podem me mandar mensagem e daí eu vejo quando acordar. É bom né, porque daí não precisa esperar a pessoa mandar mensagem, eu acordo e ela já está lá. (Relato de uma jovem entrevistada).

Percebo, aqui, que a jovem estabelece uma outra relação com o próprio sono: este, por sua vez, deixa de ser espaço de recolhimento e se organiza em torno de uma experiência “*stand by*” (em pausa): trata-se de uma economia da experiência subjetiva na qual não se descansa, apenas se “pausa” a vida online. Nesse sentido, poderíamos supor que também há qualquer coisa de uma experiência de nunca estar só, nem mesmo quando dormimos. A noite de sono deixa de ser o lugar da solidão e de recolhimento e passa a ser o período de “pausa” entre dois dias (o que é visto positivamente pela jovem entrevistada, uma vez que “não precisa esperar” as mensagens pois elas já estão lá pela manhã).

Para compreender melhor de que forma os hábitos desses jovens se articulam com as práticas nacionais, encontramos no massivo levantamento demográfico feito pela CETIC.BR em 2017 algumas pistas. O estudo estima que 85% da população brasileira entre 9 e 17 anos era usuária da internet. O telefone celular estava presente em 92% dos domicílios, sendo que este foi o aparelho mais usado para conectar-se à internet (93% dos usuários de 9 a 17 anos relataram usar o celular como a principal via de acesso à internet). Deste uso, a atividade mais mencionada era ser o envio de mensagens instantâneas, como por Facebook, Skype e WhatsApp (83%), seguida da participação em redes sociais (76%). Já o envio e recebimento de *e-mail*, que até 2011 era a atividade mais realizada dentre as investigadas, já foi ultrapassada pelas formas de comunicação instantâneas.

Essas redes sociais produzirão alguns processos de subjetivação que articulam uma certa experiência social pautada pelo contato e pelo “estar online”. Nesse sentido, fabricam-se o que Boyd (2006) chama de “audiências invisíveis” ou o que Sibilía (2016) chama de um “público que se deseja infinito”, isto é, interações “semi-anônimas” que se estabelecem na publicização das relações online. Com efeito, a vasta maioria destes serviços - Facebook, Twitter, MySpace, YouTube - pressupõem uma comunicação *pública*, postável e, portanto, visível a uma audiência maior do que somente o interlocutor a quem o usuário destina a mensagem. E todo este novo espaço cria uma cultura social pautada por “um novo paradigma tecnológico” (CASTELLS, 1999).

Isso torna-se palpável durante o relato de um dos jovens (o mais tímido dos entrevistados). Falando o motivo de suas postagens, em um dado momento da conversa ele para, pensa e, perplexo, diz: “[eu] nunca parei pra pensar que talvez tenha mais gente vendo minhas postagens do que eu imagino. Que estranho isso”. Outra jovem, por exemplo, diz que quer sim que a maior quantidade de pessoas veja suas postagens. “Ué, o objetivo não é esse?”, diz ela.

Temos aí, portanto, um importante elemento da geografia do ciberespaço: a visibilidade. Fundamentalmente, tornar a si mesmo visível é o que localiza os sujeitos nos meridianos da rede social virtual, e atuar nessa esfera significa, necessariamente, tornar públicas as práticas de si, características de nosso século. Ao menos, este parece ser o “objetivo” identificado no relato acima.

Mas isto, é claro, não é nada novo. O surgimento da internet enquanto rede pública (principalmente com o advento da Web 2.0 em 2005) já tinha, desde seus primórdios, tecnologias semelhantes: os *blogs*. Pioneiros no estabelecimento de interações virtuais públicas, os blogs da década de 90 partiam da lógica da exposição de uma vida online. Entretanto, a ferramenta ainda pressupunha uma certa separação entre a vida “real” e a online. Tratava-se de *retratar* a vida real em outro espaço, assemelhando virtual e real. Assim, os *webblogs*, *fotologs* e *videologs* serviam como uma ponte entre dois mundos, como se os sujeitos buscassem em seus avatares e perfis online a “re-apresentação” de seu mundo. Neste período, portanto, o que marcou a internet eram os blogs em formato “diário”, isto é, páginas nas quais os sujeitos dedicavam-se principalmente ao exercício de atualização refratária da própria vida. Este formato de relato virtual (o blog) persiste até hoje e se mantém como um dos grandes alicerces de conteúdo online.

Em maior ou menor medida, a rede social Facebook tornou-se a principal ferramenta para o exercício da escrita de si na internet. Com efeito, a vasta maioria dos jovens entrevistados disseram utilizar esta rede com muita frequência. Outras redes muito citadas foram o Whatsapp e o Instagram, que também serão analisados neste trabalho. Como metodologia de trabalho, recorri não só às entrevistas com adolescentes mas também a uma pesquisa etnográfica online, navegando entre as

principais redes citadas pelos adolescentes. Dessas redes, o Facebook foi citado como o mais acessado. Estudos específicos sobre esta plataforma ainda pouco figuram ou se sobressaem no campo acadêmico, embora o site seja constantemente monitorado por analistas e pesquisadores.

De início, gostaria de pontuar que o que há de comum em todas as redes estudadas é, entre outras características, a sua capacidade em remeter-se à realidade concreta. Isto pode ser visto na página inicial do site da rede Facebook (Figura 1):

Figura 1 – Página de cadastro da plataforma Facebook

Cadastre-se
É gratuito e sempre será.

Nome Sobrenome

Celular ou email

Nova senha

Data de nascimento
23 ▾ Set ▾ 1999 ▾ Por que preciso informar minha data de nascimento?

Feminino Masculino

Ao clicar em Criar conta, você concorda com nossos Termos e que leu nossa Política de Dados, incluindo nosso Uso de Cookies. Você pode receber notificações por SMS do Facebook e pode cancelar o recebimento a qualquer momento.

Criar conta

[Criar uma Página para uma celebridade, banda ou empresa.](#)

Fonte: o autor

O que podemos analisar nesta imagem? Com certeza, há muitas possibilidades de discussão, desde os dados necessários ao cadastro até a forma com a qual as imagens são dispostas na tela. Quero chamar atenção, por agora, para a frase “Esperamos que você conecte com os seus [amigos] no Facebook”. Há, aqui, dois elementos importantes. O primeiro é o fato de que o convite é feito para que entremos em contato *com quem já é nosso amigo* no mundo real. Em um primeiro olhar, isto pode parecer óbvio. É claro que uma rede social deveria dedicar-se à manutenção de

relações sociais *reais*, não? Bom, para além de responder essa pergunta, cabe dizer que – até muito pouco tempo atrás – isso não era assim. Nas décadas iniciais da internet (anos 2000 a 2005), cuja disponibilidade para as grandes massas deu-se a partir das práticas de blogs online, havia um imaginário típico que povoava a rede. Esse imaginário dizia respeito à capacidade da internet de ser um dispositivo destinado à resolução de problemas e à troca de informações, não como uma ferramenta de interação social. No máximo, a internet poderia promover encontros dos usuários com *novas pessoas*, e não tanto as que eles já conheciam (até porque, eram poucos os usuários). Os usuários relacionavam-se com dados, sites, informações fixas e, no máximo, relatos de outros usuários (no formato de blogs), mas quase nunca se relacionavam *uns com os outros*. A internet, nessa época, (ainda) não havia tomado para si a empreitada de ser um motor de relações sociais.

Tudo isso mudou com o advento das redes sociais criadas na última década, a saber: Facebook, Instagram, Whatsapp. Estas ferramentas (e muitas outras semelhantes) reconfiguraram o propósito da internet, associando cada vez mais a experiência online a uma manutenção de laços sociais.

Ah, eu tenho [um perfil no] Facebook há uns dois anos. Eu acho bem legal, dá para conversar, trocar ideia, ficar por dentro das coisas que estão acontecendo. Mas assim, o Facebook é mais *família né*, não dá para postar qualquer coisa. Tem que pensar bem. (Relato de uma jovem entrevistada).

Quando questionada sobre o que caracteriza o Facebook como sendo mais “família”, a jovem continua:

[...] O Instagram é mais para amigos. O Facebook tem que ter, não tem jeito, todo mundo tem. E é para postar mais coisa bonitinha mesmo, coisas que eu acho legal e tal. A maioria dos meus amigos do Facebook estão no *insta* também. Mas pelo Instagram já dá para zoar mais, ainda mais pelo *direct* [chat dentro do Instagram].

Este último relato é aceito com grande aprovação dos colegas da entrevistada. Vemos, pois, que diferentes ferramentas correspondem a diferentes tribos sociais

(Facebook voltado mais para a família e Instagram voltado para amigos). Estas tribos, por sua vez, podem ou não estar presentes em uma ou mais plataformas.

Certamente, o imaginário das redes sociais contemporâneas é outro, até porque são outros os seus objetivos. Se a rede parte do pressuposto que “amigos são importantes” (cf. Figura 1), entende-se que esta é uma rede cuja proposta é a manutenção das amizades. Essas amizades, por sua vez, são amizades reais, concretas no mundo. Portanto, a dinâmica instalada nas redes é híbrida: *sustentam-se relações físicas em ambientes virtuais*. Esse lugar dinâmico atualiza ambos os eixos (mundo offline e online) nos quais se sustenta, de tal modo que é possível remeter-se a uma conversa online em um encontro face-a-face como, da mesma forma, continuar uma troca física através das redes sociais.

A forma como essa troca será estabelecida está, para mim, implícita no segundo elemento que me chama a atenção na imagem. Trata-se do termo “conecte” (Na frase “Esperamos que você conecte com os seus [amigos]”). O que exatamente significa? Em se pensando a manutenção de relações, o que quer dizer “conectar-se” aos amigos?

A palavra parece suscitar qualquer coisa de uma velocidade, fluidez, dinamismo. Sentidos muito diferentes dos de outros termos usados no passado para designar as relações: manter ou fortalecer (as relações), nutrir, vincular, criar, sustentar, aprofundar. Estes outros vocabulários empregados remetem à ideia de concretude, fisicalidade, como um lastro que dá gravidade às relações.

Podemos supor, portanto, que o projeto de sociabilidade desenhado na rede Facebook poderia estar em consonância com uma nova modalidade de experiência subjetiva, na qual os afetos (das relações) manifestam-se através da conexão, e não, por exemplo, da nutrição. É verdade também que ambas formas – conectar e nutrir – podem ecoar juntas e que nenhuma garante a permanência dos laços que podem, inclusive, serem atualizados e mantidos de ambos os jeitos. É importante frisar, nesse contexto, que não se trata de uma superficialidade (no sentido mais comum do termo) oposta a uma profundidade (moderna) das relações, mas de um novo regime social cujos contornos se dão em lógicas de conectividades imediatas. Esse imediatismo –

característico do contemporâneo apreço à novidade – se faz claro, por exemplo, no processo de *tornar-se amigo* de alguém no Facebook.

Nesse processo, é possível que alguém realize uma *solicitação de amizade* ao meu perfil. Diante dessa solicitação, posso aceitar (confirmar) o convite, deletar o convite ou, então, deixar a solicitação pendente por tempo indeterminado¹⁰. Caso eu aceite, dois fenômenos acontecem: em um primeiro momento, a notificação do convite muda de cor e surge nela um símbolo de aprovação, “√”. Em seguida, uma janela de *chat* imediatamente se abre no canto da tela, anunciado “Vocês estão agora conectados pelo Messenger”.

Quais desejos estão agenciados nestes processos? Sem dúvida, o imediatismo parece configurar as relações realizadas pela rede. A rapidez com a qual é possível potencialmente iniciar uma conversa é muito singular e, em certa medida, pode reorganizar as velocidades com as quais os afetos se configuram. Parece haver, também, um certo conforto nesta velocidade, uma vez que não é necessário negociar com os desafios do encontro corporal.

Em uma análise mais subjetiva, suponho que essa experiência de rapidez virtual produza ecos na vida concreta. Essa vida do mundo físico, se torna, simultaneamente, vestígio de uma relação pré-virtual e local híbrido para o exercício das relações (que, agora, adquirem outras qualidades). Os jovens me relatam que “acompanham a vida” dos amigos baseados nas postagens online. Vê-se, nessa fala, que eles entendem que a vida dos amigos é acessível tanto pela existência de um perfil virtual quanto pelos elementos concretos aos quais esse perfil virtual se remete. A foto de um amigo, por exemplo, pode ao mesmo tempo remeter-me ao seu perfil virtualmente acessível e ao meu amigo ele próprio, em sua fisicalidade. Nesse sentido, a primazia da imagem (e, mais recentemente, do vídeo) parece ter fincado seus pés nas vidas virtuais e físicas dos usuários. Dito de outro modo, os perfis virtuais correspondem a dois endereços da identidade: um é a identidade concreta (à qual o perfil online está associado), e outro é a identidade virtual que adquire vida por si só (o perfil, ele próprio).

¹⁰ Esta prática online é comum entre os usuários e está associada a outro hábito social, o *ghosting*, que será melhor detalhado nos próximos capítulos.

Podemos supor que há, portanto, o surgimento de um *espaço híbrido*, entendido aqui como o cenário maleável estabelecido entre mundo real e mundo virtual. Levando essa noção ao nível mais imediatamente visível, podemos pensar que as tecnologias do tipo *Realidade Aumentada* inauguram esta nova noção de espaço híbrido, no qual uma camada de virtualidade é sobreposta ao mundo concreto¹¹. Nesse sentido, a dissertação de ABRAÃO FILHO (2014) sobre comunicação e subjetividade na cibercultura muito tem a contribuir para o entendimento do hibridismo virtual. O autor traz a noção de que esse espaço híbrido poderia ser entendido como *glocal*, a saber (p.27):

Por glocal entende-se uma mescla inextricável entre local e global, que não se reduz a nenhum deles e que os supera como grandeza de terceira via. Trivinho (2012) faz uma distinção entre o glocal lato sensu e o glocal stricto sensu, sendo este último o de maior interesse para o presente estudo. Neste recorte, o glocal aparece como decorrência direta das tecnologias e redes do tempo real, ou seja, como ambiência mediática forjada pelo "tempo falso da tecnologia" e marcada pela vinculação (para não dizer subordinação) dos espaços locais aos fluxos comunicacionais globais, articulados por satélites e cabos de fibra ótica. Como tal, o glocal comparece como eixo descentrado de condutibilidade integral dos fluxos imagético - informacionais da civilização mediática (ibid., p. 66), de modo que o tempo real se converte novo "espaço" ou campo de atuação a partir da glocalização de indivíduos, grupos e/ou instituições.

Não foi necessário, contudo, o surgimento desse mecanismo para que o espaço híbrido já tivesse sido posto em circulação. Se o espaço híbrido diz respeito ao território físico permeado pela virtualidade, também aponta para a hibridização das relações sociais e para a reconfiguração, como já dissemos, da identidade dos sujeitos¹². Trata-se, com efeito, do processo de glocalização da existência, entendendo-se por glocal o entrelaçamento entre *local* e *global* promovido pelas tecnologias do tempo real. Enquanto tal, o glocal não se reduz ao local nem ao global, constituindo-se como

¹¹ Trata-se de uma tecnologia na qual determinados símbolos físicos (um logotipo, um código de barras, uma imagem) são interpretados por determinada ferramenta online e então é disparado um conteúdo para o usuário, frequentemente um vídeo ou animação. Os casos mais comuns são os usos dos códigos QR, que funcionam de maneira semelhante ao código de barras (encontrados em qualquer embalagem), assim como os jogos de Realidade Aumentada, como o *PokemonGo*, lançado ao redor do mundo em 2016. Temos exemplos de seus usos na Educação, onde imagens nas apostilas interagem com os aplicativos dos celulares dos alunos - no ambiente profissional é onde arquivos conectam-se cada vez mais através de códigos, links e hiperlinks.

¹² Sobre esse hibridismo, ver também Canclini (1997).

vertente de terceira via. A glocalização é o que permite ao indivíduo desvincular a subjetividade de seu suporte material – o corpo – e “perambular” pelos fluxos informacionais da rede.

Isto fica claro nos relatos de uma jovem que diz sentir-se “pelada” sem o celular ou do jovem que leva o celular para todos os lugares que vai. Em um nível muito prático, os *smartphones* partem da premissa de que são *multitarefa* e que, por isso, combinam bem com uma gama de diferentes espaços. Na escola, podem ser usados para pesquisa e estudo. No quarto (espaço antes reservado às práticas da intimidade e privacidade) tornam-se instrumento para a gravação de vídeos para o YouTube ou, no mínimo, como fonte de entretenimento para “passar o tempo, senão dá tédio” [cf. relato de uma entrevistada]. Na mesa de jantar, tornam-se um rápido escape das conversas familiares para o eterno-inédito mundo do *feed de notícias*.

Qualquer que seja o ambiente, há um hábito cabível de ser praticado com um *smartphone*. A hibridização do mundo (em concreto e virtual) se constitui, portanto, através de dois elementos. Primeiro, os *hábitos* que se instalam em sintonia com esses aparelhos digitais. Em seguida, esses hábitos colonizam os espaços físicos, atribuindo-lhes *potencial virtual*, isto é, a capacidade de tornarem-se locais de experiências virtuais. Todos os espaços *podem vir a ser* cenário para uma foto, vídeo, postagem, comentário.

Ah, eu uso muito o Instagram para postar o que eu tô fazendo. Tipo, se eu tô na escola, eu post uma foto minha na sala de aula, por exemplo. É bem bobo (risos), mas é um jeito de mostrar onde eu tô naquele momento. E a gente sempre brinca né, coloca um “#MORTA” pra dizer que tá chata a aula (risos).

Em uma análise atenta a este relato, vemos que a adolescente transforma o espaço físico da sala em cenário da postagem *intencionalmente*. Ao fazer esta operação, ela hibridiza este espaço físico (que se torna ao mesmo tempo o ambiente físico da escola e o contexto virtual da postagem na plataforma).

A meu ver, o que caracteriza essa hibridização é justamente esse *potencial* que os espaços adquirem a partir dos hábitos dos usuários. Aqui, esse potencial refere-se à capacidade que um local tem de ser banhado de novos significados, atualizar o

investimento de energia direcionado a ele e, assim, ressignificar práticas exercidas lá. Qualquer uma das grandes plataformas virtuais pode servir de exemplo: o Facebook pode ser ao mesmo tempo ferramenta de distração e estudo, diversão e tédio, excitação e apatia. A grande gama de coisas que podemos fazer na rede gera, como dizem os jovens entrevistados, “um certo mal-estar, porque parece que era *pra* eu estar fazendo outra coisa”. Entendo que, paradoxalmente, esse mal-estar se confirma nas práticas de *zapping*: *sinto que devia estar fazendo alguma, não faço, e me sinto mal, e daí mudo rapidamente para outra atividade, e logo então me sinto novamente mal*. Esse hábito foi extensamente estudado por Barbosa (2008) em sua dissertação sobre os hábitos dos sujeitos na esfera *glocal* (ABRAÃO FILHO, 2014), e seus apontamentos parecem corroborar o que fala Donath (1999) sobre a multiplicidade de funções da internet.

Diante disso, podemos supor que esse espaço híbrido se caracteriza, entre outras coisas, por um certo regime de *simultaneidade*. Tudo acontece em todos os lugares o tempo todo e, novamente parafraseando Zuckerberg, vemos “o mundo ficar mais próximo”. Estudaremos como essa simultaneidade opera no eixo *tempo* mas, por agora, cabe dizer que, no eixo espaço, esse hibridismo estende-se em todas as direções do ciberespaço, reconfigurando os lugares (virtuais e físicos) e indexando na rede novos circuitos geográficos.

Um desses novos lugares (ou melhor, velhos lugares banhados de novos sentidos), sem dúvida, é o *quarto*.

1.2. Do quarto individual para o cenário público

Cenário ideal para o exercício da individualidade, o quarto sempre carregou consigo duas das principais marcas do sujeito moderno: a intimidade e a privacidade. Com efeito, o que caracterizou boa parte da cultura ocidental nos séculos XVIII, XIX e XX foi o surgimento de sujeitos dotados de profunda interioridade¹³. Essa interioridade psíquica era exercida, entre outras práticas, através da compartimentalização dos espaços. A fábrica, a escola, a prisão, o quarto, a cozinha. Todos eram espaços designados a práticas específicas. O quarto, por sua vez, ganhou um estatuto singular, dedicado às práticas mais íntimas de si, como dormir, lavar-se, embelezar-se, escrever nos diários (íntimos).

Laboratório de tantas práticas individuais, o quarto configurou-se como espaço privado ao qual os sujeitos, após longas horas de exercício público de suas identidades, podiam retornar e, enfim, reconectarem-se com suas interioridades. Como aponta Corbin (2009) em *História da Vida Privada*, podemos compreender que o quarto foi (e é) ao mesmo tempo fruto de uma sociedade individualista e dispositivo para a manutenção dessa individualidade¹⁴.

Estes processos estimulam padrões de consumo mediático que são, precisamente, individuais e individualizados. Afinal, as plataformas são desenhadas de tal modo que as postagens são progressivamente adaptadas aos interesses do usuário e, assim, tem-se uma curadoria de conteúdo individual altamente especializada.

Uma vez eu abri o Facebook da minha amiga para ver, e meu deus, era muito estranho (risos). Ela seguia umas pessoas totalmente diferentes, e ela curtia umas coisas de *rock* que eu nem imaginava. Achei engraçado. (Relato de uma jovem entrevistada).

No relato, podemos ver que a adolescente se surpreende com o tipo de conteúdo de outro perfil. Nesse sentido, podemos supor com veemência que essa curadoria de

¹³ Uma análise detalhada deste tema pode ser encontrada em PERROT, Michelle. **História dos Quartos**, São Paulo, Paz e Terra, 2011.

¹⁴ Ver também SCHVARZMAN, Sheila. Entrevista com Michelle Perrot. **Cadernos Pagu** (4), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 1995, pp.29-36.

conteúdo – frequentemente gerenciada através de algoritmos nas plataformas – corrobora para uma experiência altamente individualizada na rede. Aqui, cabe um outro excerto de outra adolescente, que diz:

Não tem coisa mais brega do que casal que tem um perfil só no Facebook. Nossa, é muito ridículo (risos) [...] Cada um tem que ter o seu, *você é você e a outra pessoa é a outra pessoa*. (grifo meu).

Aqui, vemos que a individualidade não é só o ponto de partida na rede como é também um elemento valorizado pelos usuários. O comentário da jovem, inclusive, foi recebido com risos de aprovação dos colegas na hora da entrevista, o que parece corroborar a ideia apresentada. O perfil conjunto (isto é, de duas pessoas dividirem o mesmo perfil) parece não caber nas plataformas digitais, quer seja porque remete a uma experiência subjetiva cada vez menos relevante (a de ter uma identidade vinculada a alguém), quer seja porque a plataforma em si favorece outros tipos de práticas (mais individuais).

É dentro desse contexto de práticas individuais que o quarto parece ser o palco das experiências. Pensando especificamente nas práticas e usos *pelos adolescentes*, é cabível levar em consideração o fato que há também um componente subjetivo que os jovens investem em seu quarto, a saber: a ideia de que o quarto (e a subsequente navegação nas redes sociais dentro dele) encoraja um fechamento e um isolamento dos jovens face à família. Aqui, cabe dizer que o Facebook é considerado “chato” por todos os jovens justamente porque lá há também os perfis de família – pai, mãe, tios e tias. Nesse sentido, o Instagram surge como uma tribo mais própria dos jovens povoada por aqueles que são justamente diferentes da família. Parece que o quarto viabiliza os objetivos do isolamento: a experimentação identitária e a descoberta das diferenças entre o eu e o outro em um espaço (híbrido) no qual a família não aparece. A necessidade dessa separação (entre o adolescente e a família) é corroborada pela cultura do quarto e por estas redes “com menos família” como o Instagram e o Snapchat.

Sem dúvida, a presença dos smartphones em todas as áreas da vida dos sujeitos contemporâneos dinamizou a forma como eles usam os espaços e, nesse

sentido, o quarto foi um dos principais territórios reconfigurados. Se antes eram dedicados às práticas de si, hoje ainda o são, mas com uma qualidade totalmente diferente. Isto porque as práticas de si hoje, como veremos, são *sui generis* se comparadas às dos últimos séculos. Há qualquer coisa em ambas as práticas (antigas e atuais) de um certo gosto por si, um desejo por exercer a própria identidade.

Estas práticas atuais caracterizam-se pelo uso da *câmera do celular* como ferramenta para viabilizar tais experiências. O hábito de tirar fotos de si, compartilhado por todos os jovens entrevistados, parece ser a modalidade de existência mais comum nas redes¹⁵. De todos os conteúdos veiculados, as fotos de si são as que aparecem com mais frequência. Com efeito, os quartos individuais tornaram-se palco desta performance, principalmente com o advento de uma novidade nas redes: o surgimento dos *Youtubers*.

Por agora, cabe destacar que o que caracteriza os vídeos dos *Youtubers* é seu tom quase amador ou, poderíamos dizer, *íntimo*. Com efeito, a vasta maioria dos vídeos de *Youtubers* são realizados *nos seus próprios quartos*. Isso fica mais evidente, por exemplo, nos vídeos de embelezamento feminino, tão bem estudados na dissertação de Grasielle Sousa (2015). Nesse estudo, a autora reconstrói a passagem da *penteadeira ao desktop*, isto é, do quarto enquanto lugar de intimidade para o quarto enquanto palco de performance de si¹⁶.

Qualquer que seja o vídeo em questão, provavelmente ele terá sido gravado no quarto do autor. É importante frisar que este deslocamento geográfico não é exatamente um movimento unidirecional. Não se trata da câmera e seus holofotes virtuais que *entraram* nos quartos, nem tampouco dos quartos que *renderam-se* a esses aparelhos. Acredito tratar-se, antes, de uma nova modalidade espacial, na qual câmera e quarto *compartilham de um inédito significado subjetivo*. Os hábitos dos jovens confirmam essa tendência. Muitos, por exemplo, trocam fotos de si em seus quartos (que é, diga-se de passagem, onde passam a maior parte do tempo além da escola),

¹⁵ Para um estudo detalhado destas práticas, ver REBELO, J, Coord. **Estudo de Recepção dos Meios de Comunicação Social**. Lisboa: ERC, 2008.

¹⁶ Sobre este tema, também valem muito as contribuições de LIVINGSTONE, S. **Young People and New Media: Childhood and the Changing Media Environment**. Sage, Londres, 2002.

abolindo os estandartes de privacidade tão defendidos há alguns séculos. Parece que a opacidade que separava o que era digno ou não de privacidade liquefez-se a cada nova câmera de celular que codifica o mundo “concreto” em pixels multicoloridos. Sibilla (2016, p. 60) contribui para a compreensão do problema ao afirmar:

Não é raro que a foto termine engolindo o referente, para ganhar ainda mais realidade do que aquilo que em algum momento deveras aconteceu e foi fotografado. [...] Esses aparelhos permitem registrar a própria vida sendo vivida e, nesse gesto, oferecem a possibilidade tanto de se ver vivendo (para si) como de se mostrar vivendo (para os outros).

A figura protagonista nesse novo cenário é, sem dúvida, o Youtuber. Esse sujeito caracteriza-se pela gravação e postagem frequentes (geralmente semanal) de vídeos caseiros na rede YouTube. Para além de uma nova prática individual, os Youtubers inserem no cotidiano da rede uma nova modalidade de existência, cujo cenário dá-se, justamente, pelo quarto real onde vivem esses sujeitos¹⁷.

Como isso baliza as relações entre privacidade, intimidade e exposição no contemporâneo? Sem dúvida, há que compreender que – ao naturalizar o quarto enquanto local de espetáculo – os youtubers imbuem de novos sentidos os quartos de seus expectadores ou, melhor dizendo, dos sujeitos que consomem seus vídeos. Esse novo sentido é balizado principalmente por um ideal de liberdade¹⁸: *todo quarto* pode, potencialmente, virar cenário para um possível vídeo amador. Ao cristalizar esse novo entendimento desse espaço na rede, as antigas regras e etiquetas do quarto privativo mudam. Nesse sentido, cabe notar que aos pais falta acesso a essa nova cartilha de significados. Muitas vezes, a eles (os pais) resta negociar novos contratos com este território e suas regras que, por sua vez, não cessam de reorganizar a divisão entre aquilo que é do adolescente, o que é da família e o que é da internet.

Um outro efeito deste regime na constituição das identidades contemporâneas é, portanto, o liquidar-se das barreiras entre o que é meritório de privacidade ou de publicidade. Com efeito, vê-se que o ciberespaço não prioriza nenhum desses vetores e

¹⁷ Aqui, cabem as contribuições de LESOURD, S. **A Construção do Adolescente no Laço Social**. Petrópolis: Vozes, 2014.

¹⁸ Veremos também que esse ideal de liberdade também conjuga novas fantasias, como a *fantasia de celebridade*, discutida ao longo deste trabalho.

que, paradoxalmente, opera através de ambos. Esta operação se estabeleceu de tal forma, que o que se entendia como privado (emoções, demonstrações de afeto, confidências), apenas alguns anos antes do surgimento destas tecnologias, tornara-se matéria-prima para a construção dos sujeitos na vida virtual. A explosão dos blogs enquanto locais de expressão pessoal (em especial dos anos 1999 a 2002) confirmou esta tendência: tratava-se, sobretudo, de reconstruir a si mesmo online, em um movimento que ainda marcava a divisão entre virtualidade e realidade. Pode-se afirmar, assim, que estas ferramentas - blogs, fotologs, videologs - já gestavam embriões das redes sociais que conhecemos hoje. Com efeito, as ferramentas que se seguiram aos blogs - como o MySpace em 2003, Orkut em 2004, YouTube em 2005 e Facebook em 2006 - cada vez mais fechavam a distância criada pelos blogs entre "acontecimentos da vida real" e sua correspondente "postagem" nas redes online.

Como podemos ver, muitos são os elementos postos em circulação nesse espaço híbrido. Vimos que as identidades dos sujeitos operam nesse regime de simultaneidade, no qual todos os lugares são cenários em potencial para os exercícios virtuais de si. Vimos que essas práticas estão associadas a um certo hábito de *zapping*, e vimos também que a privacidade perdeu seu lugar nos espaços íntimos (como o quarto).

Este panorama esclarece apenas parte das questões disparadas na navegação por esta Atlântida virtual. Afinal, não é só em torno do eixo espacial que giram as novas engrenagens desta subjetividade contemporânea, mas também em torno de um eixo *temporal*. Ainda que estejamos começando a compreender as latitudes e longitudes da geografia deste continente, não podemos esquecer que todo encontro pressupõe não só um *lugar* mas também um *tempo*. As identidades atuais inscritas na geografia virtual também são, portanto, temporais, e suas cronologias operam em velocidades próprias, as quais serão estudadas no próximo capítulo.

2. EIXO TEMPO

Como dito no início deste trabalho, o presente estudo dos hábitos nas redes online se dá através de dois eixos: espaço e tempo. Vimos no capítulo anterior algumas das reverberações do uso das redes na relação dos sujeitos com o espaço, sendo a noção de *espaço híbrido* a mais evidente delas. Observamos também que esse hibridismo misturou as noções de privacidade e intimidade e autorizou que espaços antes reservados ao exercício da privacidade (como o quarto) agora sejam o palco para a realização de práticas de si para o *outro*.

Poderíamos dizer que essa intimidade tem suas raízes nas formas de ser e estar no mundo do homem moderno. Não é meu objetivo aqui retomar a longa trajetória histórica do surgimento desse projeto identitário, coroado pela interioridade e disciplina característicos dos séculos XVIII e XIX. Entendo ser muito mais vantajoso, sob o ponto de vista das movimentações subjetivas em voga no contemporâneo, sublinhar algumas das diferenças entre um certo projeto de homem moderno e as inéditas práticas que tomaram forma na alvorada deste século.

Entretanto, é importante dizer que, em alguma medida, essas práticas não são de todo “novas”. Com efeito, parece-me que outro movimento característico dessas crescentes modalidades de existência é o de atualizar antigas práticas subjetivas, dando-lhes novo significado, agenciando outros tantos elementos históricos, inscrevendo a geografia subjetiva em outros meridianos.

Em se tratando de uma pesquisa que tem como olhar metodológico a observação das mutações das identidades contemporâneas à luz de suas trajetórias históricas, há que assinalar que estes dois movimentos (inaugurar novas práticas e, simultaneamente, atualizar outras tantas já existentes) ocorrem de maneira muito específica no que concerne ao plano da subjetivação nas redes sociais.

Nesse plano, quero sublinhar uma perspectiva de análise, a saber, a da compreensão do fenômeno da noção da identidade. Duas das principais características da noção de identidade (sobretudo a noção de identidade moderna) são, de um lado, a continuidade no espaço e tempo e, de outro, a percepção de que os outros reconhecem

essa continuidade também. A certeza de que eu sou eu mesmo ao longo do tempo e que os outros também percebem essa simetria funda o plano de identidade moderna, conferindo-lhe gravidade, linearidade, lógica. Essa lógica só se faz valer se consideramos, pois, que há um tanto da identidade que é *temporal*, e é a semelhança a si mesmo a longo do tempo que confere à noção do “eu” sua legitimidade.

Perceba que não se trata de ser a mesma pessoa para sempre; inclusive, os sujeitos podem mudar ao longo da vida, e é esperado que façam isso. O que caracteriza o ideal de identidade que estamos falando é que *mesmo apesar de mudanças* o eu ainda mantém sua linearidade temporal e, logo, é também reconhecido pelos outros como (ainda) sendo ele próprio. É possível ver isto fazer-se valer na fala de um dos adolescentes, que me conta as razões pelas quais posta suas fotos jogando basquete. “Eu posto para mostrar que eu mudei, que estou jogando melhor do que no ano passado. [...] Aí as pessoas podem ver a minha evolução”. Aqui, percebemos um desejo de “ser si mesmo”, ainda que esse “eu” mude ao longo do tempo. Mesmo que aspectos da identidade mudem, ela se caracteriza firmemente por essa evolução, por essa linha que costura o passado com o presente.

Há, também, que atentar-se para o fato que novas temporalidades incidem não só sobre identidades, mas também sobre as relações sociais. Afinal, também as relações sociais se manifestam ao longo do tempo, e é necessário que ambas as partes reconheçam o outro para que a relação se estabeleça. Uma amizade, um amor, um encontro fortuito ou uma parceria de décadas: todas as relações organizam-se no plano da temporalidade. Logo, novas temporalidades (incitadas, por exemplo, pelo imediatismo das tecnologias digitais) podem disparar novas etiquetas sociais, novas formas de se relacionar com o outro. Estas novas manifestações podem ficar mais claras através de um depoimento de uma adolescente:

Eu fico me sentindo muito mal quanto tem mensagens *pra* responder e eu não respondo. Mas eu mesma fico irritada quando eu mando mensagem e alguém não responde. Eu quero que a pessoa responda na hora! [...], Mas também tem pessoas que você não pode responder na hora, senão você mostra muito interesse... Tem que esperar uns 15, 20 minutos.

Este pequeno excerto da entrevista alude a uma série de questões colocadas pelas novas práticas sociais da internet, mas por agora cabe dizer que a relação entre tempo, identidade e relações sociais é de difícil compreensão.

Vemos, portanto, que as identidades e as relações não só giram em torno de um eixo espacial (sendo o registro do corpo o fenômeno mais evidente desse plano físico) mas também em um eixo temporal. Como é de se imaginar, deslocamentos no arranjo de qualquer um desses eixos implica em novas configurações de identidade e relações.

Neste capítulo, me interessa compreender quais as mudanças que têm ocorrido neste eixo temporal da subjetividade contemporânea. Apontar as suas rupturas temporais com a modernidade e, simultaneamente, sublinhar o processo de atualização de algumas antigas práticas, não é tarefa fácil.

O que me parece pungente, principalmente à luz dos relatos dos jovens entrevistados, é que as subjetividades de hoje têm mudado sua relação com o tempo de duas formas distintas. Essas duas formas, por conseguinte, inauguram duas modalidades do eu, dois regimes a partir dos quais os sujeitos criam para si, portanto, diferentes modalidades biográficas.

2.1. Biografias históricas

Nos séculos XVIII e XIX vimos surgir um certo tipo de configuração subjetiva muito singular. Trata-se da formação do *modo-indivíduo*, um jeito de ser e estar no mundo que tem como fundamento várias características, entre elas: a interioridade psicológica, o apreço pela separação entre público e privado e o exercício de uma identidade calcada no próprio corpo e nas próprias emoções.

A bibliografia sobre este tema é vasta, mas podemos considerar Sennet (1999) e Kaufman (2004) como os grandes expoentes de pensamento sobre o assunto. É importante destacar também as contribuições de Foucault (2008) e Deleuze e Guatarri (1995).

Quero sublinhar aqui que as configurações do modo-indivíduo só puderam se fazer valer através de hábitos, técnicas e práticas concretas. Essas práticas tinham como pano de fundo um certo *exercício de si*, isto é, um novo modelo de sensibilidade subjetiva pautada pela interioridade psicológica. O surgimento de uma espessura psíquica e identitária permitiu aos sujeitos criar para si a noção de um eu singular, no qual há a “convergência entre as sensações físicas “interiores” e o sentimento de identidade de uma pessoa (VIGARELLO, 2016, p. 23).

Essas práticas de si caracterizaram o sujeito moderno e sustentaram a interioridade característica dos últimos três séculos. Chamo atenção, aqui, para algumas lógicas em voga nestes fenômenos.

A primeira lógica presente nesse modo-indivíduo é a da confissão¹⁹. O método confessional, amplamente utilizado ao longo da Idade Média, viu-se reinventado como prática habitual da sociedade europeia dos séculos XVIII e XIX. Podemos apontar três movimentos dentro desta lógica confessional. O primeiro movimento pode ser encontrado, sem dúvida, na literatura. O surgimento do Romantismo – caracterizado pela emotividade dos personagens e suas descrições altamente subjetivas – alimentou o imaginário social de uma espessura psicológica interna, abrindo todo um território

¹⁹ Sobre confissão, ver Vernant, J-P. (1988). O indivíduo na cidade. Em: P. Veyne & J-P. Vernant & L. Dumont & P. Ricoeur & F. Dolto & F. Varela & G. Percheron. **Indivíduo e poder** (I. D. Braga, Trad., pp. 25-44), Lisboa: Edições 70, 1987.

subjetivo a ser colonizado e explorado pelos sujeitos. Todo esse novo espaço aprofundou o sentimento de si, criando camadas de sensibilidades²⁰ inéditas, tanto do corpo quanto da psique.

É este o cenário no qual há o surgimento de um segundo movimento da lógica confessional: a Psicologia enquanto campo de saber e, mais especificamente, a psicanálise freudiana.

A Psicologia (enquanto área da ciência) surgiu em um momento propício para a intensificação da espessura dos sujeitos. E a técnica psicanalítica muito se assemelha às técnicas confessionais utilizada nos séculos anteriores: através da palavra, o sujeito tem a possibilidade de acessar um diferente plano de existência. Há aqui, contudo, uma diferença. Na confissão religiosa, a busca é por uma certa redenção, a libertação ou perdão do pecado. Na terapêutica psicanalítica, por outro lado, não se trata de buscar algo fora, mas *dentro*: através da palavra, pode-se chegar a um conhecimento maior sobre si. Aqui, o pecado deixa de ser levado em conta ou, dito de outra forma, passa a ter um lugar diferente. Pois agora menos importa a ação, mas a *consciência*, o desejo. Nesse sentido,

[...] a confissão obriga a repensar o pecado, ela inventa uma nova interioridade: não mais o fato, mas a intenção, não mais o gesto, mas a decisão” (VIGARELLO, 2016, p. 33).

O exame de consciência não é inédito, é claro. Mesmo Santo Agostinho já preconizava as bases da lógica da autoanálise e autorreflexão (COSTA, 1999)²¹. Mas, nesse caso, incidia sobre essa avaliação, configurações de moralidade pautadas pela crença religiosa que, necessariamente, apontava para o *fora* do sujeito. Um dos efeitos desse processo é que a técnica de confissão convidava o indivíduo a conectar-se com o divino, mesmo que através do sofrimento associado ao pecado.

²⁰ “Essa sensibilidade é em primeiro lugar algo que vem “de dentro” e, mais especificamente ainda, que ela transforma a existência percebida.” (VIGARELLO, 2016, p. 32).

²¹ Sobre este tema, ver TAYLOR, C. **As fontes do Self**. (A. U. Sobral, D. A. Azevedo trad.) São Paulo: Edições Loyola, 2013. (Obra original publicada em 1989).

No caso da psicanálise, por outro lado, a confissão gera outro tipo de efeito: estabelece uma inédita relação do sujeito consigo mesmo. Essa relação tem como pressuposto que o *eu* é algo a ser *desvendado*, revelado, colocado à mostra. Mesmo que Freud tenha desenhado os limites desse processo – tendo em vista que o funcionamento do Inconsciente necessariamente implica em um não-saber de si – o imaginário social foi povoado por uma nova mitologia do eu. Essa mitologia:

conferiu ao eu comum um novo glamour, na medida em que ele aguardava ser descoberto e moldado. O eu trivial, corriqueiro, tornou-se misterioso, difícil de alcançar (ILLOUZ, 2011, p. 17).

Essa nova mitologia ergueu-se sobre o terceiro movimento da técnica confessional: a busca pela Verdade. Aqui, trazemos a contribuições de Foucault (2008) para compreender estes fenômenos. Trata-se, com efeito, de um desejo por chegar ao fundamento de si e das coisas. É claro que este pensamento tem raízes ancestrais na filosofia de Platão e nas contribuições de Kant, mas o que é singular neste momento é o surgimento do desejo de Verdade *sobre si*.

Vamos, agora, abordar outra lógica que configurou as práticas de si e que marcaram o modo-indivíduo com outras grafias. Sem dúvidas, o desenvolvimento do capitalismo enquanto projeto político, econômico e subjetivo deu forma aos sujeitos dos últimos séculos e balizou as relações desses sujeitos com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

Illouz (2011, p. 11) supõe que “a criação do capitalismo caminhou de mãos dadas com a criação de uma cultura afetiva intensamente especializada”, e isto está em sintonia com o que vimos antes no regime emocional estabelecido pela psicanálise. A partir do momento em que a lógica do capital coloniza o universo das emoções, temos os elementos necessários para o surgimento de um certo “capitalismo afetivo”, que é uma cultura na qual as práticas afetivas e econômicas moldam umas às outras.

[...] o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca” (ILLOUZ, 2011, p. 11).

Essa nova modalidade afetiva faz parte das mesmas operações que o que Foucault (2008) chama de capital humano. Trata-se, pois, da conversão dos sujeitos em sua totalidade – biologia, psique, emoções – em força de trabalho. Podemos entender aqui, especialmente sob a luz do neoliberalismo, que essa força de trabalho não necessariamente diz respeito ao trabalho profissional propriamente dito, mas à manutenção de uma lógica *laborial* sobre esses diversos aspectos da existência. Dito de outra forma, os sujeitos tornaram-se responsáveis por realizar um *trabalho sobre si*, a fim de melhorar-se continuamente (como preconizado pela economia capitalista). Essa melhoria inclui terapias que vão desde a cirurgia plástica até as técnicas da Psicologia Positiva para aumento da felicidade²².

O que continua valendo aqui, levando em conta as reverberações do capitalismo nas práticas de si, ainda é um apreço pela confissão. Ainda há que falar de si, sobre si, discutir, lapidar e aperfeiçoar a mente, as emoções e o corpo. Este último, por sua vez, vem se tornando o palco através do qual a construção de si pode ocorrer. Nesse âmbito, o corpo também passa a ser objeto passível de confissão, isto é, é capaz de revelar sua natureza, denunciar sua própria essência, constituir-se enquanto relato para se e para os outros.

A dissertação de Nechar (2015) oferece importantes contribuições sobre o tema, principalmente no que se refere à intersecção entre *corpo* e *beleza* nas redes. Em sua pesquisa, o autor aponta para a *imagem do corpo* (e não o corpo em si) como o dispositivo fundamental para a construção da identidade online. Pode parecer óbvio que, em se tratando de redes sociais, estamos falando de imagens, é claro, e não dos corpos em si.

Mas é importante sinalizar também, dentro desse contexto, que a experiência subjetiva com o próprio corpo passa a ser outra uma vez balizada pelos mecanismos de registro das redes como, por exemplo, a fotografia. Essa imagem autentica a existência do sujeito nas redes (tanto que, por exemplo, é costumeiro acreditar que um perfil sem fotos é um perfil falso), dá-lhe credibilidade. Parece que a imagem do corpo se torna

²² Sobre este assunto, ver FILHO, J. F. (org). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. FGV Editora - São Paulo, 2010.

veículo para que o eu confesse sua existência, conferindo a ela (isto é, à imagem) estatuto de autenticidade. Sobre este tema, ver Silva (2014), Herring (1999) e Freire Filho (2010).

É necessário, neste momento, sublinhar algumas mudanças que têm ocorrido nos últimos anos. Através das entrevistas com os adolescentes, pude ver que os hábitos instalados a partir do uso das tecnologias digitais atualizaram as práticas profissionais que tão marcaram o indivíduo moderno.

Essa atualização deslocou as práticas de si da lógica da confissão para uma outra, ainda mais individualizada, que chamarei aqui de lógica de *narração*. Há, pois, uma grande diferença entre *confessar* e *narrar*. A narrativa do eu veiculada nas redes vem acompanhada de uma certa economia afetiva e, juntos, esses dois fenômenos fazem surgir uma nova modalidade de identidade. Para compreendê-la, devemos refletir sobre o entrelace entre dois elementos fundamentais dos últimos séculos: o espelho e a fotografia. Para a sociedade europeia no fim do século XIX, diz o autor que

[...] a contemplação de sua própria imagem cessa aos poucos de constituir um privilégio. É necessário deplorar neste ponto a inexistência de um grande estudo sobre a difusão e as *formas de emprego do espelho* [grifo meu]. Efetivamente, vários indícios apontam como essencial a história do olhar para si [...]. No final do século, a difusão citadina deste ambíguo móvel permite a organização de uma nova identidade cultural. No indiscreto espelho a beleza desenha para si uma nova silhueta (CORBIN, 2009, p. 421-23)²³.

Corbin nos aponta a difusão do espelho como um dos elementos que atravessaram as práticas de si do último século e que, sem dúvida, reverberam até

²³ Corbin continua: "Nas aldeias do século XIX, apenas o barbeiro possui um verdadeiro espelho, reservado para o uso masculino. Os mascates difundem os pequenos espelhos para que as mulheres e moças possam contemplar seus rostos, mas as aldeias ignoram os espelhos em que se vê o corpo inteiro. Entre os camponeses, a identidade corporal continua a ser lida nos olhos dos outros, a revelar-se por meio da escuta de uma percepção interior. "Como viver em um corpo que não se viu" em seus menores detalhes?, indaga Véronique de Nahoum; eis aí uma questão que é preciso colocar para os historiadores da sociedade rural. Então compreendem-se melhor as interdições que pesam, em tal ambiente, sobre o uso do espelho: apresentá-lo a um bebê pode deter seu crescimento; deixar um espelho descoberto depois de uma morte traz azar. Nas classes abastadas, o código de boas maneiras proibirá por muito tempo que uma moça se admire nua, mesmo que seja através dos reflexos de sua banheira. Há pós especiais com a missão de turvar a água do banho, de forma a prevenir tal vergonha. O estímulo erótico da imagem do corpo, exacerbado por semelhante proibição, frequenta esta sociedade que enche os bordéis de espelhos antes de pendurá-los, tardiamente, na porta do armário nupcial. O espelho de corpo inteiro autorizará o afloramento da estética do esbelto e guiará o nutricionismo por novos rumos.

hoje. Através dos relatos dos jovens, pude compreender de que forma alguns hábitos atualizam os usos dos espelhos que, agora, não mais se resumem ao espelho físico, mas à câmera dos aparelhos celulares.

A tão popularizada “selfie” (fotografia de si mesmo feita pelo próprio sujeito, segurando o aparelho celular com um dos braços estendidos) é o elemento constitutivo das práticas dos jovens. Aqui, a fotografia adquiriu a função do espelho, servindo ao mesmo tempo como veículo através do qual o sujeito atesta sua existência para si (“Eu tiro selfies pra poder guardar aquele momento na memória”, relato de um jovem entrevistado) como para os outros (“Eu tiro selfie pra mandar pros meus amigos, aí eles sabem onde eu tô”, relato de uma jovem entrevistada). O retrato de si é instrumento para *relatar* a própria existência (neste caso, através da imagem). Afinal, “Adquirir e afixar sua própria imagem desarma a angústia; é demonstrar sua existência registrar sua lembrança” (CORBIN, 2009, p. 423).

[...] papel inovador da técnica [fotográfica] que reproduz *o desejo da imagem de si* [grifo meu], convertida ao mesmo tempo em mercadoria e em instrumento de poder (CORBIN, 2009, p. 423).

Há, aqui, uma diferença: ao relatar a própria existência na imagem, o sujeito cria para si uma nova identidade indexada a ela (a imagem). Essa identidade é diferente da identidade criada através da prática confessional dos séculos passados (nas quais não havia fotografia), na medida em que instaura uma singular relação de si consigo mesmo e com a imagem do próprio corpo. Diante da pergunta “que tipo de conteúdo você mais posta?”, uma das jovens responde:

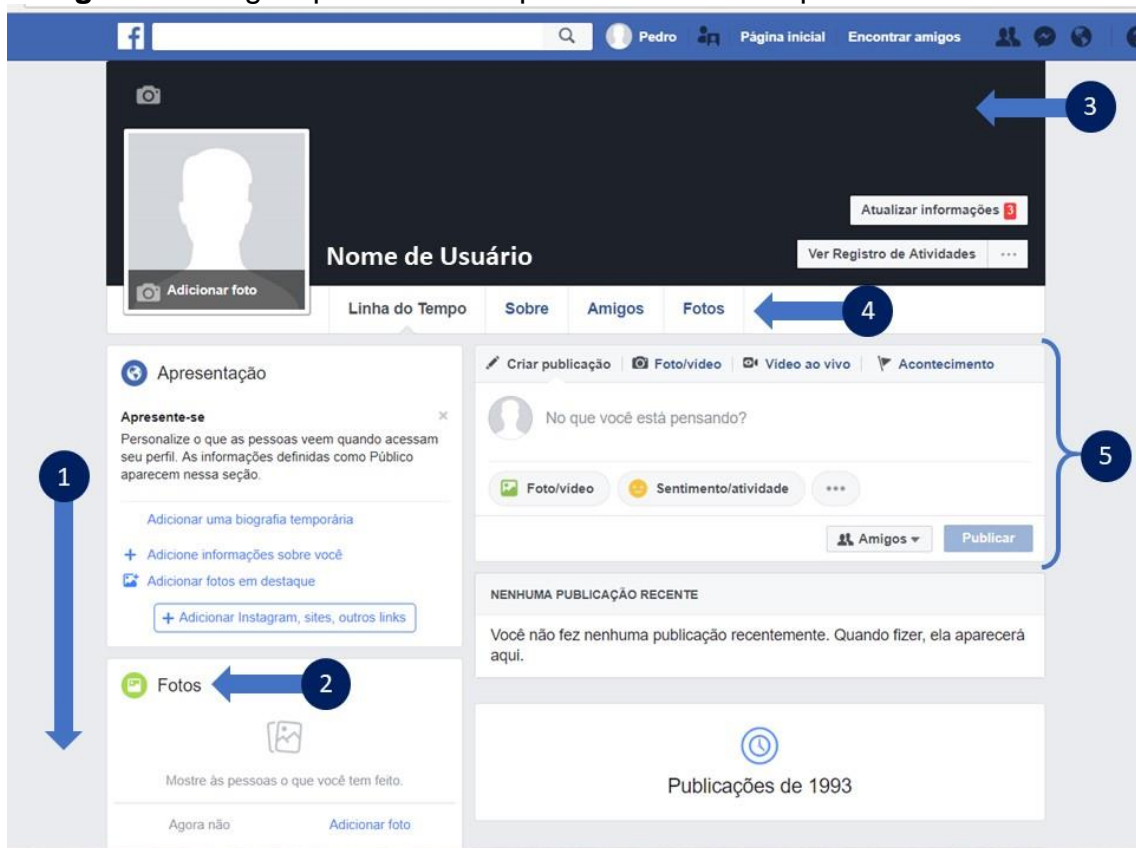
Mas é claro que eu posto foto *minha*. Tipo, não faz sentido eu postar foto do lugar que eu tô se não der pra ver que eu tô lá (risos). E tem vez por exemplo que na foto não dá pra entender exatamente onde eu tô (porque a foto tá escura ou porque é de noite por exemplo), então eu marco na postagem aquele lugar. Aí eu tenho certeza que as pessoas vão saber que lugar é esse. [...], Mas assim, geralmente é foto minha de rosto mesmo, às vezes fazendo careta... (Relato de uma entrevistada, meu).

Poderíamos supor que a menina considera óbvio o fato de as postagens conterem fotos próprias. Segundo ela mesma “não faz sentido” postar outro tipo de coisa. Nesse discurso, temos claramente duas pressuposições: primeiro, que há um sentido esperado para o uso da ferramenta (postar fotos de si mesmo). Poderíamos entender que existe, portanto, um investimento forte em determinados processos de subjetivação voltados para exercício de “ser si mesmo” através da própria imagem. Quer seja porque a ferramenta convida a isso (corroborando o “sentido” da postagem de acordo com o relato), quer seja porque os usuários tornaram popular este tipo de postagem, o fato é que há, sem dúvidas, um *desejo* envolvido nesta operação.

Esse “desejo da imagem de si mesmo” está em perfeita sintonia com o que Vigarello (2016) descreve como o “sentimento de si”, essa espessura psíquica que banha a subjetividade de uma sensação de “eu mesmo”. Como visto no relato do adolescente que posta suas fotos jogando basquete, há o desejo de tornar-se si mesmo através do ato de postar. As práticas confessionais inflexionavam outros movimentos identitários, mais relacionados à experiência de estar vinculado a uma dinâmica divina, isto, é fora de si. Aqui, ao contrário, trata-se de um experiência de vincular-se a si mesmo ou, melhor dizendo, à imagem de si.

Há que pontuar mais um elemento neste processo. O exercício da fotografia de si não ocorre sozinho, mas anexado a uma ou mais redes online nas quais a foto é criada, postada e compartilhada. No que se refere aos dados coletados na pesquisa, quero trazer aqui o Facebook, o Instagram e o Snapchat como três dos *lócus* principais nos quais estes fenômenos manifestam-se de maneira mais interessante. Uma vez que estamos organizando nosso olhar sobre a identidade a partir de um certo eixo *temporal*, há que compreender as implicações subjetivas da construção de um perfil online na rede Facebook, uma vez que ela é a rede mais citada pelos jovens na hora de “ter um perfil online”. O que me chama atenção nessa rede – pensando a noção temporal da identidade – é o sistema de construção do próprio perfil. Na imagem a seguir (Figura 2) podemos ver uma “página de perfil usuário”. Esse perfil é feito através do que o Facebook chama de “linha do tempo” (“*timeline*”).

Figura 2 – Página padrão de um perfil de usuário da plataforma Facebook



Fonte: o autor

A linha do tempo é a forma através da qual o perfil de um usuário desse serviço é organizado. Ao visitar o perfil de um usuário, nos deparamos com sua última postagem. Conforme descemos a página, podemos acessar as postagens mais antigas, pois cada postagem realizada pelo sujeito entra em uma ordem de rolagem vertical (de cima a baixo, da mais recente para a mais antiga, respectivamente, na direção que aponta a seta 1). Esse sistema organiza o *eu* através de um percurso histórico e autobiográfico. É possível escolher as suas melhores fotos para ficar na “vitrine” de seu perfil (seta 2) e, além disso, você deve escolher uma “foto de capa” para o perfil (seta 3). Esta é a foto que funciona como “pano de fundo” ou como “título” do perfil.

O ancestral dessa experiência é o álbum de fotos, álbum de família, no qual o virar das páginas correspondia ao passar dos anos. A grande diferença é que com o álbum a relação (de si mesmo com as fotos, de si mesmo com o tempo) mantinha-se

privada, circunscrita a um âmbito familiar e de amigos conhecidos. Agora, nos perfis do Facebook, há milhares de “amigos” e, diante deles, as fotos de si auxiliam na construção de um perfil que é *público*.

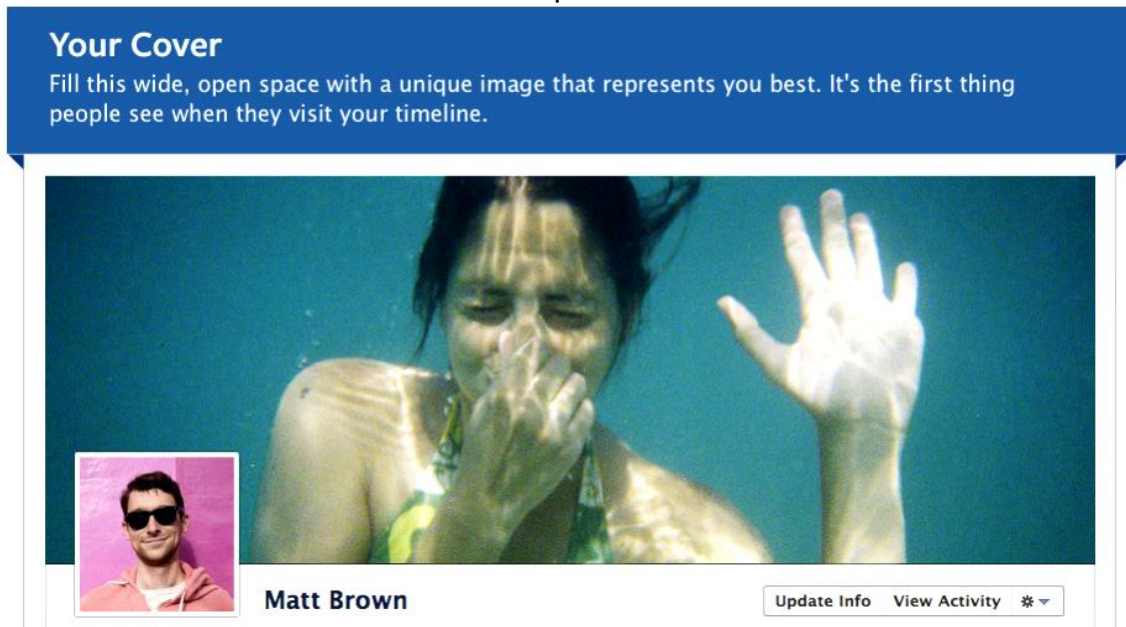
Podemos ver, ainda na Figura 2, que é possível acessar outras “abas” (seta 4) do perfil (“Sobre”, na qual há informações como endereço, cidade natal, etc. / “Amigos”, na qual é possível ver quais são os amigos do usuário / “Fotos”, na qual é possível ver as fotos do usuário, que podem (ou não) estar organizadas em álbuns). Além disso, podemos observar o item 5 da imagem: trata-se de uma caixa de texto interativa na qual é possível criar uma postagem para publicação. Este item melhor explorado mais a fundo no próximo tópico (2.2.).

Sobre a “foto de capa”, encontramos, em uma das páginas de “suporte ao usuário” do Facebook, a seguinte dica da rede: “Preencha este espaço [da foto de capa] com uma imagem única que representa o seu melhor. É a primeira coisa que as pessoas verão quando visitarem sua linha do tempo”²⁴ (cf. figura abaixo, em tradução livre).

No exemplo de perfil acima, nota-se que a subjetividade é constituída principalmente por espectros textuais, imagéticos e audiovisuais (no caso dos vídeos publicados). A simulação da presença efetuada por tais arranjos faz com que o indivíduo, ao mesmo tempo, *tenha* e *seja* o seu perfil. Ele *tem* um perfil na medida em que este não se confunde com sua existência concreta, corpórea, sendo antes um desdobramento espectral dessa existência. Ele é um perfil na medida em que, a partir deste, faz-se presente em contextos locais - isto é, locais e distantes, como estudado por ABRAÃO FILHO (2014) - inacessíveis ao corpo concreto, passando assim ao âmbito da *tele-existência*. (TRIVINHO, 2007, p. 268-273; DAL BELLO, 2013). Este é apenas um dos paradoxos da biopolítica do indivíduo na cibercultura.

²⁴ Em tradução livre do autor.

Figura 3 – Sugestão fornecida pela própria plataforma Facebook para o uso da "foto de capa"



Fonte: o autor.

Essa foto de capa é o início da “linha do tempo” do usuário e, portanto, é a “primeira impressão” gerada no perfil. Um processo semelhante ao da linha do tempo ocorre em outra rede social, também uma das mais citadas pelos jovens: o Instagram. Trata-se de uma rede social pautada prioritariamente por imagens, não textos. Oficialmente lançada em 2010, a rede foi adquirida pelo próprio Facebook em 2012. Também nesta rede é possível observar a construção de um perfil que vai da postagem mais recente para a mais antiga. A imagem abaixo mostra o perfil de um usuário “exemplo” da rede.

Figura 4 – Página padrão de um perfil de usuário da plataforma Instagram



Fonte: o autor.

Na imagem, os quadrados azuis correspondem às postagens do usuário, que vão sempre da mais recente à mais antiga. No topo, é possível ver quantas postagens o usuário já realizou (“posts” ou “postagens”, em tradução livre), assim como é possível ver a quantidade seguidores desse usuário (“followers” ou “seguidores”, em tradução livre) e quantidade de perfis que são seguidos pelo próprio usuário (“following” ou “seguindo”, em tradução livre).

Que operações estão em voga aqui? Vemos que ambas as redes sociais (Facebook e Instagram) investem na sensação autobiográfica do eu. A linha do tempo costura a própria história e o sentimento de si, conecta o passado com o exercício da própria identidade no presente. Aqui, a própria fotografia adquire novo estatuto: torna-se a linha que dá contorno ao próprio perfil.

Eu posto no *Instagram* tipo uma vez por mês, não mais do que isso. Ah, eu posto pra o pessoal ver que eu não morri sabe? (risos) Tipo, a legenda às vezes até é “povo, tô viva” (Relato de uma jovem).

Que vida é esta que se manifesta “uma vez por mês” no Instagram? Para responder a essa pergunta temos que nos debruçar sobre um circuito psíquico fundamental para o surgimento do homem moderno: a memória. Parece-me seguro dizer que a memória (de si) constitui o pilar da identidade moderna, como preconizado por Vigarello (2016).

Como já dissemos, é necessário que o *eu* se identifique como sendo si mesmo ao longo do tempo. E só se remetendo a essa história (quer seja para afirmar sua semelhança com seu eu do passado ou marcar sua ruptura e diferença) que os sujeitos conseguem criar para si uma identidade coesa, organizada.

Trazendo esta lógica para as subjetividades contemporâneas, vemos que a *memória biográfica* se realiza através da construção de uma linha do tempo coesa e (preferencialmente) bonita.

Você tem que pensar antes de postar. Dependendo da foto, nem precisa colocar filtro. Mas assim, não pode postar foto feia né, senão fica na rede pra sempre (risos) (Relato uma adolescente).

Qualquer rede social dá medo, porque fica lá pra sempre. Mesmo no *Snapchat*, tem que pensar bem no que você manda. Tipo, eu nunca poste nada que alguém acharia obscuro, mesmo se fosse para enviar para uma pessoa só (Relato de um adolescente).

O que exatamente significa que uma postagem “fica para sempre na rede”? Quando indagados sobre o tema, os adolescentes pareciam pouco apropriados do

funcionamento da internet (no que concerne a questões de privacidade e segurança) e mais atravessados por um medo abstrato, etéreo.

O medo de que algo ruim fique “para sempre” nas redes povoa o imaginário dos jovens entrevistados. A prática mais comum entre os jovens para “se proteger” na internet se limita a “pensar bem no que postar”.

Aqui, me parece que esse medo também é compartilhado – em maior ou menor medida – por todos os tipos de usuários das redes, inclusive os adultos. Nesse sentido, os relatos dos adolescentes podem ser considerados sinalizadores de comportamentos afetivos mais amplos, abrangendo não só os usuários dessa faixa etária mas também adultos e idosos.

Acredito que essa insegurança em relação à permanência de conteúdos online está paradoxalmente ligada a outra preocupação: a de ser esquecido. Como veremos, as fantasias de *anonimato* e *celebridade* povoam o imaginário online, e é na corda bamba entre esses dois polos que os sujeitos constroem seus perfis online. Acontece que, com efeito, os perfis adquirem uma validade subjetiva própria, e os sujeitos passam a realizar “performances de identidade”. Aqui, Turkle (2011, p. 155) diz que “nós usamos redes sociais para sermos ‘nós mesmos’, mas nossas performances online acabam tomando vidas próprias”²⁵.

Essas “vidas próprias” a que se refere a autora caracterizam-se – dentro da lógica autobiográfica da “linha do tempo” – por uma operação curiosa: uma vez que o perfil é construído a partir de postagens selecionadas, tem-se um perfil “Frankenstein”, isto é, um conjunto de retalhos espaçados de postagens editadas. Esses retalhos ficam para sempre no perfil do usuário e criam para ele uma história altamente (auto)biográfica: é o próprio usuário que escolhe quando, onde e qual foto será postada. Caso o sujeito apareça em uma foto indesejada (postada, por exemplo, por um amigo), é possível “esconder” (esta é a palavra utilizada pela rede) tal foto da sua linha do tempo.

²⁵ Tradução livre do autor para “‘We use social networking to be ‘ouselves’, but our online performances take on lives of their own’”.

Em sites de redes sociais como o Facebook, nós pensamos que apresentaremos nós mesmos, mas nosso perfil acaba tornando-se outra pessoa – com frequência a fantasia de quem gostaríamos de ser (TURKLE, 2011, p. 153).

A manutenção dessa outra pessoa – o eu construído por si mesmo – tem lá suas demandas. Construir para si uma memória biográfica nas redes exige que estejamos o tempo todo alertas para verificar se o perfil está coeso e adequado ou, em outras palavras, se ele realmente expressa quem somos. “Eu sinto que eu não existo se eu não posto [...]” me relata uma adolescente, em tom sério. Ela continua:

No Facebook eu tenho muitos familiares, então tenho que pensar no que postar. Eu posto fotos em que eu me sinto bonita e que não vão incomodar minha família.

Há aqui uma curadoria dupla: uma identitária (“quero me sentir bonita”, frase que aponta para uma certa imagem de si *para si*) e uma social (na medida em que as postagens são gerenciadas de acordo com o impacto social que terão). Além disso, o desejo de ser “bonito” ou “legal” é frequente.

Essa temporalidade histórica é *controlável* e, por isso, permite a construção de uma biografia *editada e editável*. Essa biografia carrega na memória visível (as postagens) um novo *ethos*, sobre o qual quero falar neste momento: o *ethos* da nostalgia.

Toda vez que uma postagem no Facebook completa exatamente 1 ano, a plataforma oferece ao sujeito a seguinte mensagem:

“[Usuário], nós nos importamos com você e com suas memórias no Facebook. Nós pensamos que você gostaria de relembrar esta postagem de [x] anos atrás.”

A partir daí, é possível postar essa “memória” no seu perfil. Sobre este assunto, um dos jovens nos relata:

Ninguém quer lembrar de coisa triste. [...] A memória [do Facebook] me lembra de quem eu era na época, o que eu fiz e tal...

Esse sistema de temporizador de postagens promove uma sensação de nostalgia que, a nosso ver, sustenta o sentimento de si nas redes e lhe confere ainda mais legitimidade. A memória de si (comprovada na imagem e/ou postagem) dá espessura à história do eu, confere-lhe coesão, organização, passado. E, no contexto de uma sociedade que quer ver-se o tempo todo feliz, faz sentido não querer “lembrar de coisa triste”.

Assim, o perfil biográfico é uma colagem de mosaico, composição que inclui, no caso do Facebook, fotos de perfil, fotos de “capa”, gostos e preferências culturais (cinema, literatura, televisão, música etc.), atividades pessoais e profissionais, álbuns de fotografias, textos, *links*, etc. Aliada a mecanismos de regulação que permitem controlar os níveis de visibilidade/privacidade do perfil, a construção identitária na rede passa pela seleção *do que será visto e quem poderá ver*, segundo equações estratégicas sobre o impacto estético-pessoal que se deseja causar nos outros. No que toca a estes “mecanismos de regulação”, os estudos de Abraão Filho (2014) podem ser norteadores de uma maior compreensão desses fenômenos²⁶.

É necessário pontuar também que as vidas criadas nas redes são pautadas por alguns ideais específicos de nosso tempo. Um desses ideais, sem dúvida, é o da beleza. Afinal, “todo mundo sabe que as fotos no Instagram são editadas”, me conta uma adolescente. Segundo ela, o fato de as fotos serem retocadas - quer seja com filtros na foto inteira, quer seja em modificações em locais específicos, como o rosto - não muda o fato que a rede serve para que os usuários postem o que estão fazendo, ou seja, “a vida real”. Pergunto se a foto, mesmo editada, retrata a vida “real”. A resposta genial da adolescente vem sem pestanejar: “tanto faz”.

Pergunto aos jovens quais os efeitos que eles esperam causar em quem vê suas postagens. A grande maioria diz algo como “eu quero postar para as pessoas verem que eu estou bem, que está tudo bem comigo”. A postagem funciona, portanto, com duplo efeito: simultaneamente afirma para os outros e para si que tudo vai bem.

²⁶ Segundo o autor, a cibercultura – principalmente pivotada pela plataforma Facebook – caracteriza-se, entre outras coisas, pelo investimento em tecnologias e mecanismos de defesa do self. Do controle à visibilidade e alcance das postagens até a edição de quem, quando e por quanto tempo o “eu” pode mostrar-se na rede, diferentes mecanismos estão fazendo surgir, segundo o autor, um certo “psiquismo *bunker*”, caracterizado por um forte senso de “self” que deve ser protegido, cuidado, editado.

Parece-me que esse querer provar que está “tudo bem” gera uma demanda para si de “ter que estar bem”.

As pessoas às vezes podem me ver num dia ruim, eu posso estar com olheira e tal (risos), e daí elas acham sempre que eu estou na *bad* [...]. Então eu posto para as pessoas verem que tá tudo certo. (Relato de uma jovem entrevistada)

Nesse contexto, o corpo adquire um importante estatuto de veiculação de si. Podemos supor, por exemplo, que são as “olheiras” que denunciariam o estado “na *bad*”. Para maior compreensão do cruzamento entre corpo, autoestima e beleza, vale a leitura da dissertação de LEMOS, E. (2017) sobre o estudo das postagens “antes e depois”. Cabe ressaltar, ainda sobre esse trabalho, um argumento importante para a autora (p. 39):

A sociedade do controle do capitalismo globalizado fornece programas midiáticos, regados pelo imaginário da publicidade e do marketing, como aponta Prado (2013), para guiar os indivíduos aos objetos de gozo. Sucesso não é apenas o ganho de muito dinheiro, é a conquista de espaço simbólico, de visibilidade, prestígio e poder relacionados aos saberes do cultivo do corpo e da mente.

Esses programas midiáticos trazem consigo novos códigos emocionais e novas formas de mobilizar o capital social em voga nas trocas da rede²⁷. Administrar toda essa nova cartilha social reorganiza a maneira como os sujeitos organizam as próprias emoções²⁸. Uma vez que os perfis online permitem a performance de si, eles permitem também a performance das próprias emoções. Isto fica claro, por exemplo, no relato de uma entrevistada: “Às vezes eu não sei direito o que eu tô sentindo, e aí eu encontro uma postagem que define o que eu sinto e eu compartilho”. Veja: a emoção não precede o relato narrativo (a postagem), mas surge *através* desse relato. Sobre este fenômeno, Turkle (2011, p. 177) nos diz que

²⁷ Sobre este tema, ver SCHIDDLER, D. *Digital Capitalism: Networking the Global Market System*. Cambridge, Inglaterra: MIT Press, 1999.

²⁸ É o que Illouz (2011) quer dizer ao apontar para a “cultura afetiva altamente especializada” que surge no contemporâneo.

[...] a tecnologia não causa mas encoraja uma sensibilidade na qual a validação de um sentimento faz parte de sua expressão, até mesmo parte do sentimento, ele próprio.

Nesse sentido, Illouz (2016) aponta que o ato reflexivo de dar nomes aos afetos (através de postagens, por exemplo) pode conferir a eles uma ontologia, isto é, parece fixá-los na realidade e no eu profundo de seus portadores.

Paradoxalmente, esse eu “profundo” tem uma epiderme bem superficial, instalada nos olhos dos *outros*. Esse regime da “expressividade” dos afetos parece pautar muito do que se vê nas redes virtuais, especialmente o Facebook e o Instagram (especificamente, os *InstaStories*, como veremos no próximo capítulo). Estes achados estão em ressonância com os estudos de Rosa e Santos (2015) e Recuero (2012) sobre tais ferramentas.

Defendi até agora que a internet e as redes sociais produziram uma modalidade de identidade (marcada pela sua característica narrativa, autobiográfica, editável tecnologicamente e histórica) e de sociabilidade (marcada pela textualização e reificação da subjetividade e pela expressividade informativa dos afetos estabelecidos nas relações).

Estes novos jeitos de estar no mundo inauguram uma temporalidade histórica para os sujeitos, marcada por um apreço nostálgico ao passado e por um desejo pela própria imagem.

Acredito, entretanto, que as redes inauguram mais uma modalidade de identidade e sociabilidade, desta vez marcados não pela estruturação do eu em uma “linha do tempo” histórica, mas justamente por um liquefazer-se performático do eu. Nesse segundo modelo, a ser discutido no próximo tópico, o eu deixa de ser balizado pela sua história e passa a ser configurado em outro plano: o da *estória*.

2.2. Biografias estóricas

O que é firme é pelo tempo destruído, e o que foge do tempo oferece resistência (Joachim Du Bellay).

2.2.1. Introdução às biografias estóricas

Nas mutações da geografia subjetiva deste século, mudam também as formas através das quais a vida inscreve sua grafia sobre o território. Para compreender o processo pelo qual a vida dos sujeitos torna-se grafada, isto é, inscrita em um plano de representação, é necessário estudar duas mudanças na própria biografia do sujeito contemporâneo.

A primeira mudança é a inauguração de uma nova vida, uma nova forma de viver: afinal, a vida que se biografava no capitalismo tardio em que nos encontramos é muito singular em comparação à de outros momentos da civilização. Agamben (2002) diria que esta nova vida pode ter traços assépticos, uma vida nua, despida de seus afetos e indexada a matrizes de gerenciamento social homogeneizadoras da subjetividade (LAPOUJADE, 2015).

Essas matrizes configuram a vida dentro do espectro da disciplina e do biopoder como preconizado por Foucault (2008) e, no que concerne à noção de identidade – um dos focos deste trabalho – as lógicas do neocapital organizam a experiência de ser si mesmo a partir de um certo capitalismo afetivo (cf. ILLOUZ, FOUCAULT, entre outros). Neste sistema, aos sujeitos é atribuída a tarefa de gerenciar todos os aspectos da vida: saúde, profissão, sexo, futuro, etc. Estas questões são passíveis de ser examinadas por profissionais especializados em cada área, de forma que os resultados em cada uma sejam os melhores. Nesta lógica da disciplina – de anexar processos subjetivos a saberes institucionais – não ficam de fora as emoções dos sujeitos²⁹.

As mudanças nas modalidades de ser e estar no mundo vieram acompanhadas de uma outra transformação: a das formas como os sujeitos representam a si mesmos

²⁹ Para um estudo detalhado da relação entre emoções e capitalismo, ver Illouz (2011), Capítulo II.

ou, dito de outro modo, inscrevem a grafia de suas vidas no mundo (criando para si *biografias*).

As técnicas empregadas na representação de si são, para além de constitutivas de nossa civilização, dispositivos de poder cuja história é tão longa como fértil. Das pinturas rupestres às fotografias digitais, o exercício representativo de si mesmo e dos outros foi (e é) um hábito fundamental da humanidade.

Vimos no tópico anterior que uma forma dessa experiência se organizar é em torno de uma biografia histórica. Nessa biografia que se organiza através de dispositivos de registros da vida – como as postagens sobre si, que podem ser em texto, foto ou vídeo – a imagem de si ganhou uma espessura inusitada.

Acredito que a espessura dessa imagem se tornou grande o suficiente para romper com os limites da biografia histórica e instalar uma nova lógica de produção de registros da própria vida – e, associadas a isso, outras formas de criar para si identidades e laços afetivos. Neste sentido, Turkle (2001, p. 16) diz:

[Nos anos iniciais da Web 2.0] eu descrevi o computador como um segundo *self*, um espelho da mente. Agora a metáfora não mais se aplica. Nossos novos aparelhos promovem um espaço para a emergência de um novo estado do *self*, *entreself*, cindido entre a tela e o físico real, conectado à existência através da tecnologia.³⁰

Essa emergência de um novo estado do *self* (e, conseqüentemente, das relações) tornou-se viável, segundo a autora, através dos dispositivos de registro da vida que surgiram nas últimas décadas. Um relato de uma adolescente entrevistada pode sugerir pistas para a compreensão desse fenômeno: “Depois que eu comecei a usar o Instagram e o Facebook, eu comecei a participar mais da vida das pessoas”.

Este parece ser, inclusive, o consenso entre os jovens: as redes permitem maior participação na vida de familiares e colegas. Inclusive, uma das coisas importantes nesse processo é que a experiência seja interativa, isto é, que permita a troca de capital

³⁰ Tradução livre do autor para: “Once I described the computer as a second self, a mirror of the mind. Now the metaphor no longer goes far enough. Our new devices provide a space for the emergence of a new state of the self, itself, split between the screen and the physical real, wired into existence through technology.” Aqui, o termo “*itself*” não tem tradução clara, indicando um *self* transicional, objetificado, híbrido.

social no processo. Acredito que isto é o que está mobilizado nos atos de “curtir”, “amar” e “comentar” nas postagens: há que engajar-se com as postagens, caso contrário a troca de capital social não foi realizada. Curiosamente, os jovens apontam a “falta de interatividade” nas aulas da escola como um fator de “tédio”.

A aula com slides é muito chata, não tem essa coisa sabe [interação]. As pessoas tem que interagir, se não fica chato. E acho que é a mesma coisa com elas [as redes sociais]: se você posta uma coisa e ninguém comenta ou curte, sei lá, fica meio estranho. Eu até mesmo excluo [a postagem] às vezes se eu vejo que ninguém curtiu. (Relato de um jovem entrevistado)

O ethos da “interatividade” parece ser o paradigma que mobiliza os conteúdos nas redes³¹. Aqui, cabe perguntar: que tipo de vida é esta da qual a menina diz “participar mais” através do uso da ferramenta? De que forma o hábito de uso do aplicativo constitui-se como uma ponte de acesso à vida do outro?

Acredito que respostas para estas perguntas apontam, em parte, ao fato de que as redes sociais permitem, como já dito, que uma parcela da vida social seja exercitada dentro da ferramenta. Nesse sentido, quero aqui me deter nos *objetivos últimos* de algumas dessas ferramentas.

Para tanto, preciso dizer que, dentro de um recorte muito específico (o das tecnologias digitais), toda aparelhagem tem sempre, necessariamente, um ou mais objetivos finais, isto é, uma natureza intrínseca ao funcionamento da ferramenta que lhe confere utilidade aos olhos do usuário. Podemos pensar, por exemplo, que o objetivo do e-mail seria o da troca de mensagens virtuais, e que aplicativos de encontros como Tinder e Happn têm, na sua natureza, o objetivo de promover encontros sexuais e/ou amorosos entre os usuários.

Determinados programas terão interfaces e funcionalidades que lhe conferem diferentes características (que estariam, por sua vez, alinhados com o objetivo final da ferramenta). Dentro dessas características, quero chamar atenção para uma delas, que é a forma como a ferramenta lida com a velocidade ou o tempo de troca de

³¹ Sobre o tema “interatividade”, ver SHIRKY, C. **A cultura da participação, criatividade e generosidade no mundo conectado**. (C. Portocarrero, trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

informações. Em se tratando do *tempo de resposta* no qual as conversações se dão, cada ferramenta oferece uma certa configuração própria que dá contorno à comunicação que se estabelece, e um dos principais conceitos que organizam estas comunicações no tempo é o de conversação *síncrona* e *assíncrona*. Recuero (2009a) aponta que conversações síncronas são aquelas que mais se assemelham às face-a-face, no sentido de que privilegiam a resposta imediata por meio da ferramenta em uso (por exemplo chats e aplicativos de mensagens instantâneas, como Whatsapp e a plataforma de chats do Facebook Messenger e do Instagram *Direct Message*, ambas ferramentas de conversa que se dão dentro das amplas plataformas Facebook e Instagram, respectivamente).

Ferramentas assíncronas, por sua vez, seriam aquelas que permitem que a conversa seja realizada em um intervalo de tempo mais longo sem a necessidade de uma resposta imediata (como o e-mail).

Os dados coletados nas entrevistas mostram que os adolescentes alternam o uso de diversas ferramentas muito rapidamente, checando diversos aplicativos várias vezes seguidas. Este hábito é popularmente conhecido como *zapping*³², e nos relatos esta prática mostra-se produtora de “ansiedade” e causador de “perda de tempo”, segundo os jovens. O que quero destacar aqui, por agora, é que o *zapping* liquida a diferença entre ferramentas assíncronas e síncronas, pois a constante verificação dos aplicativos lhes confere, necessariamente, estatuto de “ferramenta instantânea” (RECUERO, 2009a).

Entendo, assim, que a menina sente que pode “participar mais da vida das pessoas” porque a ferramenta permite, em tempo instantâneo, o acesso à vida (ou ao relato da vida) do outro.

Tendo isto posto, podemos retornar ao estudo da “natureza” de cada ferramenta. Gostaria de debruçar-me novamente sobre a plataforma Facebook, visto que foi a que mais apareceu como hábito de acesso pelos adolescentes. Como discutido anteriormente, a natureza da plataforma *Facebook* é a da manutenção de laços sociais. Em outras palavras, na rede é possível exercitar um plano da própria existência, um

³² Sobre o assunto, ver BAUMAN (2013) e SERRES (2015).

recorte da própria identidade. Aqui, Illouz (2016) aponta que esse “recorte” estaria em consonância com a noção de “perfil” de usuário. A construção de um perfil nessas ferramentas, quaisquer que sejam, implica em um tanto de performance de uma parte de si (nomeadamente, a parte que é passível de ser textualizada e/ou fotografada, o que quer que isso seja).

É esta qualidade da rede social – a de permitir o exercício de um “pedaço da vida” - que viabiliza o surgimento do imaginário que a ferramenta *consegue fazer parte da vida* ou, melhor dizendo, *fazer a vida ser parte dela* (da ferramenta).

Vemos, portanto, que a cisão que Turkle fazia “nos anos iniciais da Web 2.0” entre o verdadeiro self e o self representado ou “re-apresentado” não faz mais sentido para pensar as redes. A partir do momento em que o registro começa a ser realizado *em tempo real*, então o registro deixa de estar qualitativamente associado ao passado e passa agora ao plano do *presente*.

A noção de “biografia” envolve necessariamente uma representação histórica de si mesmo ao longo do tempo, mas o contemporâneo já rasga este pressuposto ao colocar uma nova temporalidade para a construção dessas narrativas. Nos circuitos identitários postos em movimento nas redes sociais, essa temporalidade não é mais somente sequencial, mas também simultânea; não só linear em direção ao futuro, mas também organizada a partir de um outro eixo: o agora.

Aqui, coloco um dos principais pontos deste capítulo: poderíamos dizer, diante desse panorama, que o passado deixou de tornar-se *causa* do presente. Este último [o presente], por sua vez, vem adquirindo estatuto *hors concours*, novo plano para o exercício da vida, da identidade e das relações. Isto só foi possível, como veremos, porque os atuais dispositivos para o registro de si – câmeras, filtros de edição de imagem, a própria internet de maneira global – permite o retrato da vida conforme ela vai acontecendo, isto é, uma experiência que é ao mesmo tempo *ação* e *registro*. Esse registro, veremos, atualiza a história da prática confessional que vimos até aqui.

Para compreendermos como isso se dá, é importante retomar um recorte da Figura 5:

Figura 5 – Página inicial do "feed de notícias" da plataforma Instagram



A produção ininterrupta de informações sobre si, pautada pelo ritmo do gerúndio – “No que você está pensando?” (Facebook); “O que está acontecendo?” (Twitter) –, parece atender à necessidade de legitimar constantemente a existência nos tempos e espaços ciberculturais de alta visibilidade; mas, sob o paradigma da interatividade que requer conexão contínua, supervisão e edição constantes, a indexação da existência em tempo real tem, ao contrário, um caráter devorador, uma vez que invisibilidade corresponde à inexistência e toda manifestação nas redes torna-se rapidamente obsoleta. É impossível “vencer o *feed* de notícias”, como me aponta uma jovem entrevistada.

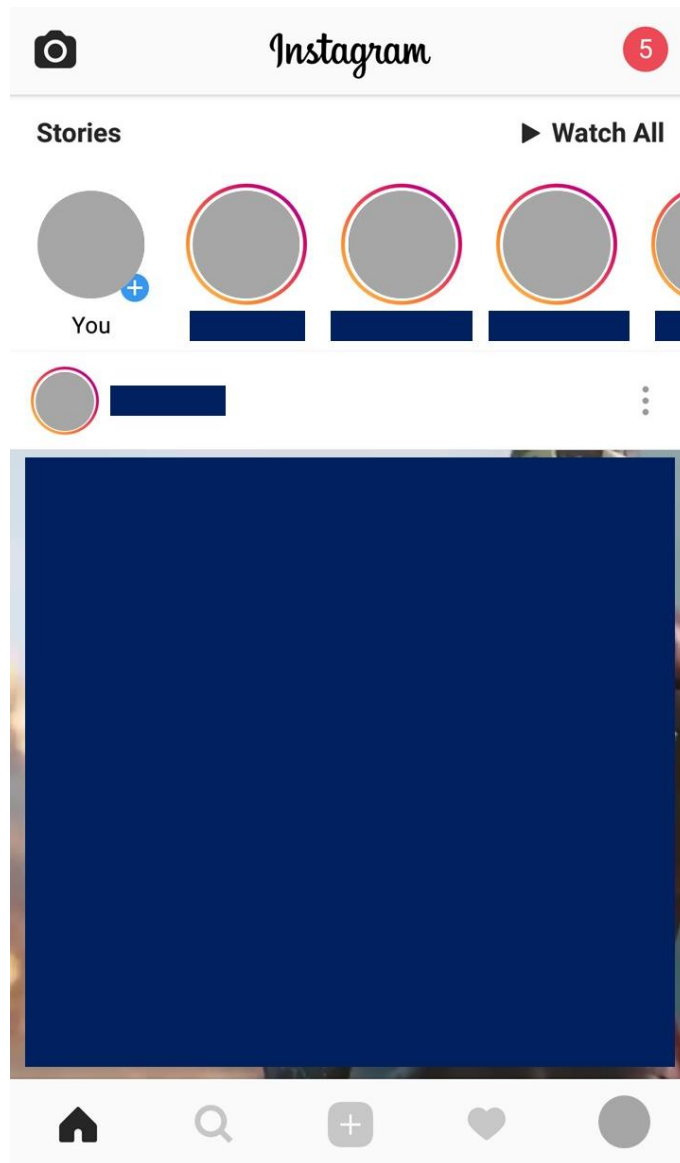
Eu fico atualizando o *feed* para saber o que as pessoas estão fazendo e tal. Mas não dá pra chegar no fim, só se você foi muito para baixo no *feed*. Mas daí demora muito, é melhor ver as coisas “novas” do que as antigas. Até porque eu não sou museu pra viver de história né? (risos).

É necessário que entendamos de que forma o funcionamento dessas ferramentas favorece um tipo de experiência subjetiva confessional que é necessariamente *pública*. Para isso, é importante destacar que há dois tipos de ferramentas dentro das redes sociais em questão – *Facebook*, Instagram e Snapchat – e que cada uma delas pressupõe um certo tipo de mídia.

Neste trabalho, diferencio estes tipos de mídia em *mídias de permanência* e *mídias efêmeras*. Mídia de permanência é toda e qualquer postagem, publicação ou informação que permanece disponível para acesso independente do tempo desde que a postagem foi realizada. Tratam-se, pois, de todos os conteúdos dos quais já falamos até aqui: as postagens no Instagram e Facebook, todas as publicações no perfil de um usuário, etc.

O segundo tipo de mídia que existe nas redes sociais é o que chamo de *mídias efêmeras*, que dizem respeito, por sua vez, a conteúdos que desaparecem após um determinado período. Ferramentas como Facebook e Instagram permitem a postagem desses conteúdos “que desaparecem” dentro de sua ferramenta “*Stories*”. Diferentemente de uma postagem regular – que permanece visível para sempre – as *Stories* tem um tempo específico para sua exibição e, após esse período, o conteúdo é retirado da rede e nenhum usuário – nem mesmo o criador – pode acessá-lo (caso o criador deseje, ele pode salvar individualmente a publicação antes de postá-la. A partir daí o conteúdo fica armazenado para o próprio usuário em seu aparelho, mas não na rede social em si).

Figura 6 – Página inicial do "feed de notícias" da plataforma Instagram



Fonte: o autor

Na imagem acima é possível ver a aba “Feed” do aplicativo Instagram, na qual o grande fluxo de postagens dessa rede é realizado. Ao topo, podemos ver círculos de cor cinza envoltos por um anel colorido. Cada um destes círculos corresponde aos *InstaStories* dos usuários da rede. Ao clicar em um desses, somos redirecionados ao conteúdo do *Stories* em questão. É importante destacar que só são exibidos os *Stories* daquelas pessoas que são seguidas pelo usuário (que seriam o equivalente aos “*amigos*” na plataforma Facebook).

Este tipo de postagem “temporizada” também existe em vários outros aplicativos como *Snapchat*, *Facebook* e *Whatsapp*. Originalmente, somente o aplicativo *Snapchat* havia desenvolvido a ferramenta de temporizador de mídia (*Stories*). Em outras palavras, era apenas este aplicativo que havia tornado viável a tecnologia de postagens que desapareciam (mídias efêmeras). Após alguns anos de existência do aplicativo, a rede social Instagram surgiu com os *InstaStories* e, após ela, o próprio Facebook (com os *Facebook Stories*).

Uma das grandes peculiaridades do Snapchat é que qualquer conteúdo veiculado nele tem necessariamente um tempo de expiração, e é isto que entendemos, neste trabalho, como mídia efêmera. Isto é diferente do Instagram e do Facebook, redes nas quais é possível realizar postagens de mídias permanentes e *também* mídias efêmeras (que desaparecem). Além disso, o Snapchat foi o pioneiro em permitir que *mídias efêmeras* fossem utilizadas em conversas individuais (e não somente em postagens públicas). É importante sinalizar que o tempo de duração de todas estas postagens é de 24 horas. Após esse período, a postagem desaparece. Atualmente, todas as ferramentas citadas já oferecem esse tipo de funcionalidade

Em todas as plataformas citadas existe um “*feed* de notícias”, isto é, um eixo principal no qual todas as postagens são colocadas à disposição dos usuários. É através dele que as postagens públicas se tornam visíveis e, trocando em miúdos, é este *feed* que constitui o principal espaço de trocas da rede social online.

Esse *feed* pode, portanto, ser de duas naturezas: há o *feed* das mídias permanentes (no qual é possível navegar de cima para baixo em todas as ferramentas) e o *feed* de mídias efêmeras, as *Stories* (as quais podem ser acessadas pelos círculos na parte superior dos aplicativos).

Não pretendo fazer uma descrição tão minuciosa das especificidades de cada ferramenta; o que cabe dizer aqui é que todas essas ferramentas utilizadas pelos usuários permitem a postagem de mídias efêmeras, sendo que cada serviço oferece uma ou outra funcionalidade diferente. Acredito que é contraproducente que nos debrucemos nas diferenças entre esta ou aquela plataforma por dois motivos. O primeiro e mais pungente é o fato de que estas ferramentas se atualizam com uma

velocidade ímpar, e tentar indexar as funcionalidades específicas delas neste trabalho não responderia às questões subjetivas em voga neste estudo. Além disso, vejo que todas estas ferramentas operam em maior ou menor medida dentro da mesma lógica: elas permitem a criação de postagens permanentes e efêmeras.

Neste momento, gostaria de me debruçar sobre os efeitos que estas tecnologias têm no processamento da noção de *identidade*. Como vimos, estas redes sociais podem promover uma configuração histórica da identidade e acredito, baseado nos relatos dos jovens, que as mídias efêmeras podem, por sua vez, estimular a formação de uma experiência subjetiva não mais histórica, mas sim *a-histórica*, isto é, desassociada da memória do sujeito.

2.2.2. Identidades em forma de perfis

A experiência de construir para si um perfil online sob o *ethos* das postagens efêmeras tem implicações significativas na subjetividade. Uma adolescente me diz, por exemplo, que posta no *InstaStories* com uma alta frequência.

Eu quero que as pessoas saibam o que eu tô fazendo naquele dia, e eu acho legal essa coisa da *Story* durar só 24 horas. Aí, depois eu já tô fazendo outra coisa e já tem outra coisa pra postar.

Este é apenas um dos muitos relatos dos jovens que indexa a noção de *memória* a outro eixo: não mais a história como a linha que leva o sujeito ao presente, mas o presente como campo de existência singular. 24 horas é o tempo necessário, aos olhos da ferramenta (e, em maior ou menor medida, dos próprios usuários), para que outra coisa aconteça, outra foto seja postada, outra conexão seja estabelecida. É nítido que as identidades exercitadas através das mídias efêmeras não mais se interessam na tarefa penosa da lembrança. As complexas operações subjetivas associadas à memória (de si mesmo, da vida, etc.) parecem ter sido simplificadas na ferramenta de “Memórias do Facebook”, que lembra seus usuários das postagens anteriores. As mídias efêmeras, por outro lado, tem outras preocupações: a de manter vivo o momento presente através da narração da própria vida.

Esses novos gêneros (que podem ser interpretados como gêneros confessionais) da internet parecem, a meu ver, banhar de novos sentidos as técnicas outrora usadas para o registro de si: os diários íntimos, a fala psicanalítica, o romance clássico e as autobiografias, por exemplo.

Parece-me que o que há de mais inovador nesta nova prática é a forma como ela reconfigura o *tempo*. Existe, como podemos ver no relato acima, uma certa insistência na prioridade da atualização permanente das postagens e informações. Essa atualização se dá por meio de fragmentos de conteúdos que são adicionados a todo momento. Esse procedimento (de atualizar as redes com fatias da realidade) parece tentar corresponder à velocidade do pensamento. Aqui, volto a dizer que está surgindo uma nova experiência subjetiva de, simultaneamente, *ação* e de *registro*. Esta *ação-registro* é uma nova forma de autoconstrução da própria identidade, cuja temporalidade sequencial e história parece ser suplantada (dentro destas ferramentas) por um sincronismo onipresente da própria identidade. Neste sentido, Sibilia (2016, p. 154) nos diz que:

[...] já se tornou um lugar-comum aludir à sensação de viver num perpétuo presente, como uma característica inerente à contemporaneidade. Com a crise dos modelos de temporalidade que nortearam a era moderna, hoje se desenvolvem outras formas de vivenciar a passagem do tempo e a inscrição cronológica de nossas ações³³.

Por isso, uma certa “destemporalização” parece ser um dos fatores constitutivos deste novo quadro de produção da identidade, ou seja, um abandono da importância do tempo como um fluxo linear e constante.

Parece-me vital falar que este regime de postagem suscita diferentes afetos, mas poderíamos agrupar a vasta maioria em dois grandes grupos: a excitação, por um lado, e o tédio, por outro. Estas duas emoções parecem balizar a experiência de navegar nas redes.

³³ Sibilia continua (pg. 155): “O assunto foi muito debatido nas duas últimas décadas do século XX, como um dos traços do pós-modernismo: um debate marcado pela descrença na linearidade do processo, pela crise dos grandes projetos sociopolíticos modernos e do sentido histórico e, inclusive, pelo suposto fim da história graças à consagração de um presente eterno e imutável.”

Eu não vivo sem meu celular. Às vezes eu checo o celular mesmo sabendo que não tem nada novo ali porque eu já tinha checado há cinco minutos. Mas é o hábito mesmo de ficar mexendo no celular. (Relato de uma jovem entrevistada).

Quando indagada sobre quais as atividades contempladas dentro da noção de “mexer no celular”, a jovem continua:

Ah, eu fico atualizando as redes sociais. É um tédio quando não tem nada novo, daí eu fico vendo se tem alguma coisa nova pra ver. Daí eu bloqueio o celular. Mas, cinco minutos depois, lá tô eu vendo de novo se tem atualização (risos).

Vemos que a excitação de novas postagens e o tédio pela não-atualização andam de mãos dadas. Uma vez que o fluxo da vida está em constante movimento, parece haver um desejo que a velocidade das postagens também acompanhe. Daí novamente podemos compreender o ato da *ação-registro*, que é o ato de viver a própria vida e registrá-la ao mesmo tempo. Esta atividade vem acompanhada de um sincronismo na percepção do tempo: afinal, tudo acontece em todos os lugares o tempo todo. A noção de que é possível acessar a vida de alguém *neste exato momento* conjuga um tempo que é onipresente³⁴.

Eu sei lá, mas é estranho ver que tem um monte de coisa acontecendo ao *mesmo tempo*. Tipo, eu sei que é bobo, mas a gente repara na vida das pessoas né. E daí eu vejo e tô na escola enquanto aquele amigo tá viajando com os pais (risos), eu fico até chateada (risos). (Relato de uma adolescente, grifo meu).

Eu perco a hora quando eu fico vendo os *stories* das pessoas. É muita coisa rolando, e é legal de saber o que os outros tão fazendo. E também pra eu mostrar o que eu tô fazendo. Eu acho legal isso de saber o que as pessoas estão fazendo *ali na hora*, sabe? Tipo, eu vejo que tem uma galera online no Twitter, por exemplo, e eu já armo umas conversas com eles porque eu sei que eles vão me responder. Por exemplo, domingo é dia de brincadeira no Twitter, a gente sabe que a galera tá online e começa a zuar juntos. Eu fico até ansiosa esperando o domingo porque eu sei que é dia de zueira (risos). (Relato de uma jovem entrevistada, grifo meu).

³⁴ Segundo Debord (1968), essa temporalidade seria uma das principais características da sociedade do espetáculo.

Tipo, se eu vejo que a pessoa tá online eu me sinto muito mais a fim de conversar, porque eu sei que ela vai me responder na hora. E se eu vejo que ela tá online e não me responde, daí eu fico mal (risos). Ué, por que que ela viu minha mensagem e não respondeu? (Relato de uma adolescente).

Percebe-se que o significado do comentário das coisas que acontecem “ao mesmo tempo” implica um entendimento muito singular da temporalidade da rede. Antes de tudo, implica em um pressuposto que a rede permite acessar a realidade das coisas de uma vez só, no aqui e agora. Esta noção é corroborada pelo segundo comentário, no qual vemos que a adolescente gosta de saber o que as pessoas estão fazendo “ali na hora”. É neste tempo onipresente, como dissemos, que a experiência dos usuários dessa ferramenta parece tomar forma. O comportamento da adolescente na plataforma Twitter parece reiterar seu apreço pelo status “online”, na medida em que engaja ativamente com os colegas *porque eles estão online ao mesmo tempo*. A operação psíquica em voga aqui parece levar em consideração o estar online como critério para organização do comportamento, e é significativo (para a jovem) que vários amigos estejam online *juntos*.

Assim, estar online significa o acesso à experiência direta do outro. Nessa negociação, podemos ver no terceiro relato que a velocidade de resposta constitui mais um elemento no jogo de forças dos laços sociais. Parece-me que, se ambos estão *online*, então ambos estão “no mesmo espaço”, e isso pode significar uma cartilha social que demande resposta imediata. Novamente, um tempo do “aqui e agora” parece conduzir os ritmos das interações. Inclusive, a pergunta retórica colocada no último comentário (“Por que que ela viu minha mensagem e não respondeu?”) pareceu reverberar fortemente com os jovens. Na hora da entrevista, esse comentário da adolescente foi recebido com risos e sons de confirmação, como quem diz “é isso mesmo”.

Aqui, é importante inserir outro elemento a partir do qual analisar estes fenômenos. As redes sociais – e especificamente as mídias efêmeras – promovem o agenciamento de alguns imaginários coletivos, isto é, incitam os sujeitos no desenvolvimento de alguns tipos de desejos e comportamentos, preconizados pelos capitais específicos trocados e valorizados dentro das redes. Esses capitais podem ser

agrupados, como preconizados por Sibilia (2016) e Illouz (2011), dentro de uma certa fantasia de *celebridade*.

Aqui, entendo como *fantasia de celebridade* o desejo de tornar-se *visto*. Este desejo, implicado necessariamente em qualquer postagem, diz respeito às forças que configuram o objetivo primário da postagem: ser visto. Esse objetivo pode ser atingido em maior ou menor medida pela quantidade de visualizações, curtidas ou interações que aquela postagem gera.

Sabemos, de acordo com os dados levantados por esta pesquisa, que a vasta maioria das postagens diz respeito à vida cotidiana dos adolescentes, e vimos ainda que os espaços privados se tornaram palco no qual a publicização do cotidiano se dá. Essa midiatização da vida “comum” parece mergulhar a experiência de estar vivo nas águas da publicidade e, ao fazer isso, coloca o sujeito como narrador e protagonista da própria história (SIBILIA, 2016). É verdade também que o que se busca nas redes é algo que aluda ao “real”, “autêntico”, “verdadeiro”. Isso, aparentemente, gera mais engajamento. As postagens dos adolescentes parecem estar voltadas para este desejo pois, em maior ou menor medida, eles sabem que a quantidade de “capital social” gerado pela postagem é uma grandeza importante de ser considerada na hora de postar.

Eu já liguei mais para essa coisa de quantidade de “curtidas”. Eu ficava vendo se uma postagem recebia muitas ou poucas curtidas. Eu entrava de dez em dez minutos para ver se alguém novo tinha curtido. A gente sabe que essas coisas não significam muito, mas a gente acaba se importando né. Tipo, se um post seu tem pouca curtida, você acaba se sentindo mal, querendo ou não. Hoje eu não sou mais assim, pra mim tanto faz. Eu posto mais para as pessoas verem o que eu estou fazendo, eu me sinto bem. É legal de compartilhar uma coisa legal que eu estou fazendo para os outros verem... não pra ficar contando curtidas. (Relato de uma adolescente).

Aqui, parece-me que uma operação interessante ocorreu no entendimento do adolescente. Vejo que o capital social associado às suas postagens mudou, deixando de ser a quantidade de curtidas. Acredito, entretanto, que ao jovem ainda interessa o capital social que a postagem pode gerar, ainda que não seja “curtidas”. Parece-me que o ganho está mais na relação que o jovem estabelece *consigo mesmo* através da

postagem. É uma afirmação dupla (para si e para o outro) de sua vida. Aqui, acredito que ainda exista uma fantasia de celebridade, na medida em que é através do olhar do outro que se valida uma experiência subjetiva.

As redes têm se tornado o espaço no qual os sujeitos exercitam seus perfis justamente porque pressupõe um eu psicológico capaz de se apreender através de textos ou imagens, de se classificar e quantificar e de se apresentar socialmente como alguém codificado na linguagem da rede. Quanto maior a capacidade do sujeito de “alfabetizar sua identidade”, isto é, fazer do eu um alfabeto capaz de ser transposto na rede, maior seu grau de fidelidade à sua “essência”. Temos, aí, todos os elementos necessários para a construção de um ideal de autenticidade: a melhor postagem é aquela, portanto, que consegue acuradamente transcrever um pensamento ou afeto para a rede. Este capital – a autenticidade – parece ser altamente valorizado pelos jovens.

No Snapchat ou no InstaStories é mais íntimo, dá para você postar o que você quiser, não precisa ficar editando. Como a gente sabe que vai sumir, é “uma vez e pronto”, você pode postar o que você tá fazendo sem se preocupar em ficar bonita. Dá pra mandar foto “feia”, zuada, sem se preocupar. É legal porque dá pra dar bastante risada (Relato de uma adolescente).

Para além do ideal de “beleza” implicado no relato, quero chamar atenção aqui para uma configuração importante: é *justamente o caráter efêmero da postagem* que lhe confere autenticidade ou realismo. Este processo de autenticidade alinhado com o regime de atualização constante do “presente” confere à experiência subjetiva de postar uma qualidade identitária, isto é, vincula a identidade ao registro (ainda que seja um registro temporário). Nesse processo de apresentação (e performance) pessoal, a aparência física adquire uma importância nova e quase fundamental, uma vez que as fotos majoritariamente mostram o rosto e corpo dos protagonistas.

A autenticidade enquanto capital social é altamente valorizada nas redes, e não é de se surpreender que os ídolos dentro destas redes – as figuras mais famosas na internet – corroborem estes ideais. É o caso do youtuber mirim João Guilherme, frequentemente citado pelas jovens como um youtuber cujos vídeos são interessantes a

elas. Pesquisando sobre a vida de João, encontrei seu livro autobiográfico, no qual há um trecho muito significativo para tentarmos compreender o fenômeno da busca pela autenticidade online:

[...] No YouTube, você é você. JOÃO SENDO JOÃO. É difícil encontrar alguém fazendo sucesso no Youtube fingindo ser alguém que não é. Quando eu conheci os youtubers, vi que os caras são engraçados como nos vídeos. [...] Na maioria das vezes as pessoas são o que realmente se mostram ser no Youtube. No meu caso, eu sou descontraído, alegre. O que é legal no Youtube é que não tem um roteiro, eu posso dar pirueta da ponte ou sentar e ler um livro. É só fazer de uma maneira legal, bem pensada, criativa, mas sem perder a naturalidade de ser quem você é. (GUILHERME, 2016, p. 131).

O que o autor parece estar confirmando aqui é que o ideal de autenticidade não é só desejável mas também atingível: segundo ele, *de fato* os youtubers são quem aparentam ser nas redes. Ao mesmo tempo em que o autor investe na noção de que não há separação entre a vida “dentro e fora” do YouTube por parte de seus colegas, ele próprio se afirma também enquanto pessoa autêntica. Surge aí a figura do *Youtuber* enquanto modalidade de exercício de si, o protagonista dos vídeos caseiros consumidos ao redor do mundo através das redes sociais. É essa nova personalidade contemporânea que dá asas à fantasia de celebridade que povoa o imaginário da internet. *Qualquer um* pode tornar-se Youtuber.³⁵

João Guilherme é só uma das muitas figuras citadas pelos adolescentes como produtores de conteúdos que eles (os jovens) consomem, mas o que fica claro no discurso desse e de outros youtubers é o exercício discursivo de falar de si enquanto enunciador de uma verdade, a saber, *a verdade sobre si*. Aqui, pouco interessa a velha dicotomia romântica entre “verdade” e “mentira”. Antes, trata-se do ato de *expressar*.

³⁵ Embora o Youtube mantenha interessantes canais relacionados à educação, do ensino informal ao formal, incluindo documentários diversos, debates entre especialistas, cursos de línguas, etc., esses conteúdos permanecem perdidos no emaranhado de vídeos, em decorrência da modalidade de exibição do portal que favorece os vídeos mais populares. Assim, a oferta de vídeos é pautada não pelo usuário mas pela rede e, nesse sentido, convoca a uma experiência massificada, baseada em estatísticas. Os vídeos mais valorizados tornam-se, com o passar do tempo, mais valorizados ainda. Aqui, a energia virtual gerada por um vídeo – isto é, a quantidade de compartilhamentos, comentários, visualizações, etc – contribui mais para a oferta deste ou daquele vídeo do que propriamente o conteúdo do vídeo em si. Essa curadoria pautada pela “estatística de uso do usuário” favorece vídeos de amplo alcance, ou seja, cujo conteúdo seja recebido por um desejo do homem médio, comum.

Com frequência, os jovens me relatam que, nas redes – e em especial no Facebook – eles postam “aquilo em que acreditam”. Nesse sentido, a rede serve como propagadora da própria opinião. Esse critério de compartilhamento exerce um serviço duplo: afirma para o sujeito sua crença *através* da afirmação pública. A identidade, pois, seria o conjunto de crenças, imagens, textos, vídeos e fotos veiculados por um mesmo perfil. Uma pessoa autêntica, nesse contexto, seria aquela capaz de ser “fiel àquilo que ela acredita”, como me diz uma outra jovem.

Gostaria de colocar mais um problema nesta equação. Afinal, temos que considerar que a dita “autenticidade” das redes não dá conta, fundamentalmente, da experiência subjetiva de “ser si mesmo”, o que quer que isso signifique. O que quero dizer com isto é que as redes sociais são descorporificadas, uma vez que os elementos trocados ali são sempre imagens, textos, re-apresentações dos sujeitos. Uma vez que as redes apresentam rotas limitadas de representação de si, a subjetividade necessariamente deve se adequar a essas vias para poder trafegar e, neste processo de adequação, a subjetividade se reifica em capital social, diminuindo as possibilidades de encontro com a diferença. Dito de outro modo, poderíamos dizer que, nas redes, *não há tempo para não saber quem você é*. Todos os dispositivos em voga nas redes sociais favorecem a construção de uma identidade para si. Uma vez que este processo vem acompanhado dos ideais de beleza e autenticidade, temos o arranjo necessário para o surgimento dessa fantasia de celebridade sobre a qual tenho falado. E, no plano da autenticidade, a pergunta é esta: *quão fiel a você é seu perfil na rede?*

Paradoxalmente, a fantasia de celebridade se configura a partir de um sentimento avesso a ela: o medo de ser esquecido.

Vários adolescentes me deram o mesmo conselho: “Você tem que ter cuidado com o que postar porque o que você posta fica pra sempre na rede.”

Essa ideia tem duas implicações: a primeira, mais óbvia, é que existe um medo de que algo negativo marque sua identidade para sempre na rede. A segunda é que, ao mesmo tempo em que há essa curadoria de conteúdo (que cai nas garras da eternidade), há também o desejo por eternizar as postagens. Afinal, o processo de

seleção do que é digno de “ficar” ou “sair” do perfil é uma operação mental que diz respeito, fundamentalmente, a o que deve ser lembrado e esquecido.

Essas duas forças (o desejo de celebridade e o temor do esquecimento) atravessam as subjetividades online com intensidade. Acredito ser importante, neste momento, debruçarmo-nos sobre este último item: o esquecimento. No subterrâneo das postagens de mídias efêmeras, parece haver um

[...] temor de esquecer: uma apreensão face às possíveis falhas da memória, um pavor sugerido pela ameaça de que as nossas lembranças possam ser apagadas e que, então o passado desapareça de vez (SIBILIA, 2016, p. 156).

Da mesma forma que o tédio e a excitação andam juntos nas redes sociais, também a efemeridade das postagens (e a fantasia de celebridade vinculada a elas) parece estar associada, paradoxalmente, a uma certa insegurança psíquica. Daí, é natural que surjam dois movimentos: o primeiro sendo a incessante corrida para tentar “vencer” a velocidade da vida, postando atualizações na mesma frequência em que elas acontecem, e o segundo sendo o retorno à autobiografia histórica, viabilizada aqui através da postagem em mídias de permanência.

Podemos encontrar na tese de Dal Bello (2013) norteadores para compreender estes fenômenos. Para a autora, estamos vendo surgir uma modalidade de “tele-existência” na qual o ato de “ser” está vinculado ao seu registro. Para que o registro (e sua subsequente publicação) ocorra, é necessário um mínimo de distância de “si” com o “outro” ou com o “momento”.

Por mais que as ferramentas tentem fechar esse espaço entre “eu” e o “momento” – através das tecnologias de publicação em tempo real – a operação mental ainda continua sendo a de curadoria e, assim, o sujeito coloca entre “si” e o “momento” essa negociação com a edição do conteúdo. Nesse sentido, aponta a autora, há o surgimento de uma invisibilidade paradoxal: o sujeito se torna invisível a si mesmo pois entre ele e o mundo há uma constante negociação que avalia a quantidade de potencial capital presente em qualquer situação. Como diz a autora (2013, pg. 15), esse

[...] tele-existir, embora percebido como agradável passatempo, constitui disputa agonística pelo centro da cena mediática, o que leva à produção desmesurada de informações como estratégia para manter o usuário continuamente em destaque. Todos querem “aparecer” porque temem a insignificância, correlata ao medo de inexistir. Como doravante a existência só parece adquirir sentido quando passa pela instância (ciber)mediática, o eixo de constituição do sujeito no *cyberspace* deslocou-se de “quem sou eu” para “em que estou pensando/fazendo”. Entretanto, por efeito de saturação informacional e excesso de visibilidade, todo ato de projeção é, simultaneamente, dissolução – (in)visibilidade.

Parece-me evidente que essa dita “(in)visibilidade” reorganiza a forma como a recordação de si mesmo é processada e, neste sentido, entendemos que as redes mobilizam as duas “modalidades de recordação” (SIBILIA, 2016, p. 158) que o psiquismo tem à sua disposição para a construção da noção de eu: de um lado, a performance de si exercitada no presente; de outro, a recordação da própria história. Quem baliza a trajetória do sujeito neste ou naquele registro é, justamente, o medo do esquecimento.

De fato, como já falamos anteriormente, os dados que circular nas redes não parecem estar necessariamente comprometidos com a ideia de durabilidade. Há um “prazo de validade” (que, geralmente, é de 24 horas), uma vez que mais conteúdos são produzidos constantemente, sobrepondo-se aos antigos. Por outro lado, é interessante sublinhar como essa postagem, quer sejam mais ou menos antigas, tem também sua importância. Afinal, são elas (as postagens) que, em alguma medida, correspondem à história do presente, ou seja, dão (isto é, deram) espessura para o momento presente.

O momento presente se torna, dentro destas configurações, eterno ponto de partida para o exercício da própria identidade. Nesse sentido, as mídias efêmeras inscrevem a experiência de registro da vida em pequenas “pílulas de presente”, isto é, em recortes finos de momentos específicos que, quando sobrepostos dentro do “feed” da ferramenta, cria quase que um filme-mosaico destes registros da vida. A narrativa de si muda, nesse sentido, de uma noção histórica e sequencial para um encapsulamento do presente como critério de construção do eu.

Sobre essa nova narrativa, poderíamos dizer que o próprio entendimento do que é uma “narrativa” parece adquirir novos significados. Sibilia (2016, pg. 71) comenta

sobre o entendimento do que uma narrativa é do ponto de vista de Walter Benjamin e, nesse sentido, diz que a narrativa benjaminiana – cujo caráter autobiográfico diz respeito a um certo *saber*:

O saber, que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição -, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência (SIBILIA, 2016, p. 71).

Aqui, há um entendimento de narrativa como uma grafia da história do sujeito no tempo. A autora diz que os dados postos em circulação nas redes não mais se assemelham a essa concepção de narrativa, uma vez que seu caráter de “atualização da vida” tem uma preocupação com a veracidade da vida e não com o caráter reflexivo que caracterizou as práticas autobiográficas do passado. O narrador contemporâneo *informa*, aludindo à vida real como uma notícia.

Assim, nesse turbilhão de narrativas cotidianas em que todos participamos, podemos constatar algo paradoxal: a morte do narrador – pelo menos nos sentidos benjaminianos – seria mais do que confirmada. Uma vez que a informação se sobrepõe ao processo de reflexão narrativa, o objetivo do relato passa a ser cada vez mais a sua capacidade de ser “verdade”. Mas o que caracteriza a informação? Mesmo não sendo exata a sua definição, Benjamin (1994) sublinha que a informação deve ser plausível, verossímil e verificável. Nesse sentido, o autor constata o seguinte:

A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações; em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação (BENJAMIN, 1994, p. 6).

Parece-me que o trecho acima reverbera com os dados levantados na pesquisa. Os jovens me relatam que não há, necessariamente, nada de inovador em suas postagens. Apesar de existir, é claro, uma curadoria do conteúdo antes dele ser postado (o que pode envolver filtros, aplicativos de edição de fotos, re-escrever uma postagem, tirar várias fotos para escolher a melhor, etc.), a maioria retrata seu cotidiano, seus afazeres comuns como pegar o ônibus, entrar e sair da escola, estudar, sair com amigos.

Essa certa mediatização da rotina caracteriza essa fantasia de celebridade que estamos falando e, mais do que isso, caracteriza também uma nova relação dos sujeitos com a própria rotina. Aqui, parece-me que o movimento é cada vez mais o de relacionar-se com a própria rotina *a partir* da experiência de ação-registro.

A tele-existência que vemos não está limitada à criação e manutenção de diários públicos ou à construção de avatares, perfis e identidades virtuais como interfaces interativas de comunicação e sociabilidade, embora envolva esses fenômenos; antes, diz respeito ao quanto grande parte do tempo de existência passou a ser publicado (isto é, tornado público) no momento mesmo em que ocorre, uma vez que, praticamente, já não há distância ou diferença entre a ocorrência do evento e sua divulgação. Submetida ao valor da visibilidade, a existência converte-se em tele-existência (DAL BELLO, 2013) – é existência em tempo real, experiência de imediatismo gerada pelo justo acoplamento da vida às plataformas cibermediáticas de uma sociedade confessional.

É natural que o exercício deste tipo de prática gere, à sua contramão, um certo medo do esquecimento. Isto porque o medo do esquecimento anda de mãos dadas com a fantasia de tornar-se célebre. Aqui, as contribuições da dissertação de MOTA (2012) podem auxiliar na compreensão da forma na qual as redes sociais tornam este ou aquele conteúdo mais ou menos relevante. Isso acontece através da análise estatística de quanto um conteúdo é relevante *aos outros membros* da rede e, quanto mais conexões na rede o emissor tiver, maior será o alcance do conteúdo e, portanto, maiores as chances de ele se “fixar” na rede.

Ser esquecido, portanto, pressupõe um fracasso pessoal na medida em que mostra que o sujeito tem pouca aderência na rede: veja, *seu perfil* é o próprio meio para a difusão de conteúdo. Uma fraca difusão de um conteúdo significa, portanto, um perfil fraco. Por outro lado, a celebridade advinda de postagens que conseguem amplo alcance está associada ao sucesso pessoal do sujeito.

Partindo dessas considerações, entendo que o medo do esquecimento é um dos vetores de forças que incidem sobre a subjetividade do usuário das redes, investindo na *memória de si* como desejo e transformando a lembrança em capital social da rede.

Todo esse a-historicismo atual convive, de uma maneira aparentemente paradoxal, com uma sorte de obsessão pela memória. Ou, mais precisamente, uma apreensão face às suas possíveis falhas, um verdadeiro pavor suscitado pela terrível ameaça de que nossas possíveis lembranças possam ser apagadas (SIBILIA, 2016, p. 155).

Diante do que foi exposto, podemos compreender dois cenários. Se por um lado temos, por parte dos sujeitos, um movimento de retorno ao passado a fim de resgatar memórias, relembrar momentos ou vivenciar experiências que evoquem episódios já vividos, por outro temos uma sociedade em que tudo se transforma em mercadoria, inclusive a memória e o presente.

Eu tenho medo de ficar com uma coisa marcada na minha história, sei lá. Mas eu acho legal até quando o *Face* me lembra de uma coisa que eu fiz. Eu me sinto bem em lembrar que eu passei por aquilo sabe?

Ah, eu não vejo muito problema em postar foto zuada, por exemplo. Porque depois a foto desaparece e fica tudo certo. Nos *InstaStories* [isto é, uma mídia efêmera], você pode até sair feia (risos), porque você sabe que ninguém vai ver de novo depois.

Vemos, nesses dois relatos de dois jovens diferentes, justamente essa convivência “aparentemente paradoxal” entre o a-historicismo e a obsessão pela memória descritos por Sibilia. O esquecimento é, nesta era, fascínio e terror, desejo e perigo.

2.2.3. Sociabilidade estórica

Diante desse panorama, gostaria de sublinhar que a perspectiva apresentada até aqui, neste capítulo, vem tentando compreender as forças que as redes sociais incidem sobre o processo de construção da própria identidade, bem como as práticas de si associadas a esse processo.

Parece-me pungente, agora, interromper o estudo destes fenômenos no que toca à construção da identidade e voltar o olhar para as vibrações no campo da sociabilidade. Afinal, as mídias efêmeras reorganizam não só a experiência subjetiva de *ser si mesmo* mas também indexam no código social outras etiquetas e outras práticas. Compreendê-las parece ser um esforço necessário, principalmente porque as mídias efêmeras inauguram, a meu ver, sistemas de comunicação genuinamente inovadores.

Uma dessas inovações, sem dúvida, é o fato que algumas destas ferramentas permitem que mídias efêmeras sejam enviadas em conversas privadas e não só postadas publicamente. Atualmente, o serviço *Whatsapp*, *Facebook*, *Instagram* e *Snapchat* permitem a postagem pública de mídias efêmeras e destes os últimos três permitem o envio dessas mídias via conversa privada.

Os jovens relatam que é justamente isso que torna estas ferramentas atrativas, especialmente o *Snapchat*, que apareceu na pesquisa como a grande rede utilizada para a comunicação, superando o uso do *Whatsapp*. Aqui, é importante frisar que – na época da pesquisa – a ferramenta *InstaStories* (que permite o envio de mídias efêmeras não só publicamente mas também em conversas privadas), do *Instagram*, estava em seus estágios iniciais e não havia atingido a grande maioria dos brasileiros. Acredito que os meus resultados seriam um pouco diferentes se hoje eu conversasse novamente com estes adolescentes. Baseado no uso crescente do *Instagram* e a queda de usuário do *Snapchat*, podemos inferir que o *Instagram* “adquiriu” os usuários do *Snapchat* justamente porque agora permite que eles estabeleçam trocas privadas de mídias efêmeras, tal como o *Snapchat*.

Uma vez que aquilo que fundamentalmente constitui uma conversa – isto é, o seu conteúdo – pode desaparecer, muda a forma como os sujeitos interagem com a história daquela relação social.

Um jovem, me relata, por exemplo, que estava “conversando por fotos” com sua amiga. Pergunto o que isto significa, e ele me mostra o funcionamento da conversa: cada parte envia à outra uma foto de si fazendo uma careta e gestos associados à atividade que estão realizando.

O diálogo é possível na medida em que ambos interagem um com o outro respondendo à foto enviada anteriormente, construindo quase que como uma conversa silenciosa através das imagens. Nesta “imagem-diálogo”, o rosto parece adquirir caráter quase alfabético: as feições dos jovens (sobrancelhas, sorrisos, direção dos olhares, posição das mãos) são suficientes para que a mensagem chegue e não há, segundo o relato do jovem, a necessidade de texto.

Todo este processo se dá, diga-se de passagem, dentro da ferramenta de mídias efêmeras. É importante frisar isto, uma vez que os jovens se sentem muito mais autorizados a usar o próprio rosto como palco uma vez que sabem que a imagem desaparece após ser vista. Justamente por isso, as imagens trocadas neste sistema não podem conter um caráter reflexivo (ou serem ambíguas, por exemplo), pois o seu desaparecimento quase que imediato não dá espaço para isso. O significado da imagem, portanto, deve ser autoexplicativo, caso contrário não é possível veicular em um tempo tão curto.

Neste rosto-improviso, a imagem tem uma narrativa ao mesmo tempo descritiva e semântica: carrega consigo não só a imagem mas também seu significado. Esta sobreposição entre a informação e sua imediata compreensão não permite lacunas de entendimento, isto é, já entrega ao interlocutor o significado pronto da imagem. Pensando no velho ditado que “uma imagem vale mais do que mil palavras”, talvez estejamos vendo surgir imagens que valem por elas próprias, sem palavras. E, no contexto de uma conversa, isso muda significativamente o que entendemos por um “encontro” no sentido Espinosiano³⁶. Afinal, a conversa passa a ser um *informe de si* e cada vez menos um espaço para o exercício da alteridade.

Diante do exposto, acredito que estamos vendo surgir um novo regime social, cujas etiquetas e regras são inéditas e, por isso, de difícil compreensão. Desde os “momentos corretos para postar” até o fato que existem diferentes propósitos sociais para diferentes redes sociais, na Atlântida online há um enorme conjunto de disciplinas a ser seguidas para estabelecer relações afetivas através das redes.

³⁶ Sobre a noção de encontro no sentido Espinosiano, ver STRAPPAZZON, MAHEIRIE, 2016.

Um dos efeitos desses fenômenos online é o que chamo de *intimidade controlada*. Trata-se de uma nova maneira de estabelecer relações consideradas “íntimas” a partir das redes.

Eu quero que as pessoas saibam o que está acontecendo comigo... É uma questão de intimidade. Quanto mais fotos você troca com a pessoa, mais intimidade você tem (Relato de uma jovem entrevistada).

No relato, ficam claros dois processos. Percebe-se que, para a adolescente, intimidade está associada ao ato de *informar*. Além disso, vê-se que a intimidade é maior ou menor dependendo da quantidade de fotos trocadas. Esse fenômeno é corroborado pelos outros jovens. Surge uma questão paradoxal: seria a troca de fotos fruto de uma intimidade pré-estabelecida (a qual estaria meramente se atualizando na rede) ou seria que através da troca de fotos a intimidade se faz valer?

Acredito que ambas as opções podem ocorrer no mundo virtual, mas o que quero chamar atenção aqui é algo que se passa por detrás do relato. Afinal, há, inevitavelmente, uma seleção da foto a ser enviada e, por isso, há um nível da relação que necessariamente não passa pela intimidade, pois a escolha da foto é individual, solitária. Tornar-se íntimo de alguém nas redes implica, portanto, uma atividade prévia, que é a de separar o que é compartilhável ou não. É nesse sentido que Turkle (2011, p. 155) nos diz que

[...] ficar sozinho pode começar a parecer como a pré-condição para estar junto, pois é mais fácil comunicar-se quando você pode concentrar-se, sem interrupções, na sua tela.

Aqui, a autora nos aponta para essa intimidade controlada ao dizer que a prática da comunicação online é “ficar sozinho”. Isto é uma forma inovadora de relacionar-se, pois agora é através da distância (objetiva) do outro que é possível estabelecer um vínculo. Essa distância (que nesse contexto é ao mesmo tempo espacial e temporal) ajuda na edição de seu “avatar” ou de sua “persona” online, como preconizado na dissertação de Cavalheiro (2017). Nesse estudo, o autor frisa que o processo de construção do perfil online envolve uma certa sensação de liberdade (das amarras do

corpo concreto) e, ao mesmo tempo, a uma sensação de isolamento, pois só é possível ser livre na rede se o sujeito se encontra sozinho para poder navegar. Dito de outro modo, não é possível “navegar a dois” nas redes. Assim, a trajetória individual do sujeito está intimamente relacionada com uma experiência de estar sozinho, na qual, por sua vez, o sujeito pode editar a si mesmo.

Acredito que mesmo as mídias efêmeras não escapam desse processo de curadoria prévia. Os jovens me relatam que nessas mídias não é preciso pensar tanto no que você vai postar (“afinal, desaparece mesmo”) e isto, a meu ver, geraria maior capital social de “autenticidade”. Entretanto, a curadoria ainda existe, talvez apenas pautada por critérios diferentes.

Você pode mandar alguma coisa pra alguém e isso ser usado contra você. Sei lá, a pessoa pode pegar a imagem fora de contexto, distorcer... Eu nunca postaria nada que alguém acharia obscuro, mesmo que seja no *Stories* [ferramenta de mídias efêmeras] (Relato de uma entrevistada).

Vemos, no trecho acima, que existe sim um trabalho prévio de seleção de conteúdo mesmo nas trocas onde o conteúdo desapareceria.

Além disso, esse “relacionar-se” vem carregado de possibilidades e demandas. Afinal, é possível conectar-se com qualquer um instantaneamente. Isto traz, é claro, algumas inconveniências. O serviço de mensagens utilizado pela vasta maioria dos adolescentes é o Whatsapp. Quero chamar a atenção para dois recursos deste aplicativo. Um deles é que o serviço permite aquele usuário que enviou uma mensagem possa “verificar” se o remetente leu a mensagem através de um símbolo azul que fica ao lado da mensagem enviada. Quando a mensagem foi aberta pelo destinatário, o símbolo fica azul. Caso o sujeito não tenha visualizado a mensagem, esta ficará com o símbolo cinza. Outro recurso do aplicativo é que ele permite ver qual foi a última vez que o sujeito acessou o aplicativo. Ambos os recursos podem ser desabilitados.

Eu tirei o *negócio* de visualizar resposta. As pessoas acham que eu ignoro a mensagem só porque visualizei e não respondi, mas muitas vezes eu esqueço. Tem uma cobrança de responder na hora, e eu sei que eu também cobro isso. Então desabilitei essa função pra poder cobrar menos (Relato de uma jovem entrevistada).

Essa cobrança “velada” é descrita em várias entrevistas durante a pesquisa. Há um certo “mal-estar” em não responder na hora. E parece gerar sensações de ansiedade em alguns jovens, que relatam que “não vão dormir até responder todo mundo”. É o que Turkle (2011, p. 166) nos aponta ao dizer que “não é a tecnologia que cria a demanda por respostas rápidas, é claro. Mas a tecnologia com certeza estabelece expectativas de velocidade”.

Ainda dentro etiqueta social sobre o tempo de resposta, há vezes em que é necessário não responder imediatamente. Uma jovem me relata que, durante um flerte nas redes sociais, por exemplo, é importante não responder uma mensagem na hora, caso contrário ela pode parecer “desesperada”. Pergunto qual é o tempo ideal para esperar, e ela me conta que depende de cada pessoa com quem conversa. A facilidade em conectar-se e desconectar-se das conversas parece ser o fundamento das conversas online. Quero, aqui, sublinhar uma característica muito interessante: as conversas nunca “terminam” nos aplicativos. Segundo os jovens, as trocas entre eles nunca são “interrompidas”, somente *suspensas*. É um fenômeno de difícil compreensão.

Como nas redes é possível acessar qualquer um a qualquer tempo, todas as relações ficam suspensas no ar, “pausadas”. Não é necessário “acabar um assunto”, somente emendar um no outro, e no outro, e no outro. Um dos jovens relata que “está sempre disponível no celular” (coisa impossível fora do mundo virtual) e, mesmo quando está dormindo, o chat do Facebook fica ativo. Aí, a primeira coisa que ele faz ao acordar é verificar se há mensagens. Outra jovem me conta que é “estranho” quem termina uma conversa formalmente (com um “adeus” ou “tchau”, por exemplo):

Ué, você simplesmente para de falar. Aliás, só quem é mais velho – tipo meus pais – que se despede. Acho engraçado até. Com meus amigos, a gente só vai emendando uma conversa na outra. Tem gente com quem eu não falo faz meses, por exemplo, mas quando a gente volta a conversar, a gente continua de onde parou da última vez.

Esse fenômeno paradoxal de suspensão da conversa e imediatismo da troca delinea o estabelecimento de relações simultaneamente distantes e próximas. Alguns

jovens relatam que é mais fácil brigar pelas redes, pois “há mais tempo para pensar no que você vai falar”. Esse “tempo” para pensar é justamente o que permite a edição de si, pois “no cara a cara não dá pra pensar no que você vai falar”, segundo um adolescente.

É possível, portanto, interromper a comunicação com o outro: veja, não se trata de *romper*, mas de pausar, *dar um tempo*, distanciar-se. Turkle (2011) chama esse hibridismo entre proximidade e distância de “Efeito Cachinhos Dourados”. Na famosa fábula de Cachinhos Dourados, uma menina entra na casa de uma família de ursos e interage com diversos objetos: cadeiras, camas e pratos de comida. A cadeira de um dos ursos é grande demais; já a outra é pequena demais; somente a terceira é ideal, “na medida certa”.

Esse mesmo processo – o de navegar no mundo procurando “a medida certa” – parece povoar as etiquetas sociais das redes. Trata-se de encontrar uma “distância certa” para que a intimidade não sobrecarregue o sujeito. A performance de estar conectado pode parecer suficiente, mesmo que não gere intimidade (TURKLE, 2011). Então conectar-se também significa distanciar-se quando desejar, quando o encontro com o outro não for mais interessante ou quando o sujeito precisa de tempo para cunhar a melhor resposta para o outro.

Pessoalmente você acaba dizendo as coisas de cabeça quente, e não dá pra voltar. No celular você digita e pensa mais [...]. Às vezes as pessoas não entendem o que você quer dizer na mensagem, e isso pode dar problema. Mas pelo menos você pode pensar melhor no que você vai falar.

Tudo isto tem implicações fundamentais para a forma como estabelecemos e sentimos nossas emoções, uma vez que as emoções também podem ficar “pausadas” nestas suspensões de conversa³⁷.

Uma dessas implicações, sem dúvida, é o “entrelaçamento da textualidade com a experiência afetiva” (ILLOUZ, 2011, p. 51). Os dois excertos abaixo, retirados de

³⁷ “Instilar uma série de procedimentos a fim de administrar os afetos e substituí-los por padrões de fala adequados e normativos implica que os afetivos são cada vez mais desinseridos e desvinculados de atos e relações concretos e particulares. A pré-condição da “comunicação”, paradoxalmente, é a *suspensão dos entrelaçamentos afetivos do sujeito numa relação social*. (ILLOUZ, 2011. Pg 58).

relatos de dois jovens entrevistados, oferecem pistas para a compreensão desse fenômeno.

Eu tenho meus posicionamentos políticos, dá pra ver [neste momento, o jovem ri e mostra seu celular cujo fundo de tela é uma foto de um candidato da então eleição para presidente]. Eu posto as coisas para as pessoas saberem no que eu acredito, o que eu penso sobre o mundo e tal. [...] Ou pode ser também para mostrar que eu tô feliz, que eu tô bem.

Sei lá, acho que eu posto pra que a pessoa se sensibilize com a minha causa. Por exemplo, posso falar de uma situação que eu passei na rua em que um cara me assediou, daí as pessoas falam “que horror”, “que absurdo” e meio que isso me acolhe, entende? [...] Eu também posto coisas engraçadas, e quero que as pessoas deem risada também.

Há aqui um novo tipo de economia afetiva na qual uma emoção se realiza e torna-se real a partir do compartilhamento. Para Illouz (2011), a internet não contribui para o desenvolvimento de um dos componentes centrais da sociabilidade, a saber, a capacidade que temos em negociar *com nós mesmos*, continuamente, os termos em que nos dispomos a estabelecer laços e relações uns com os outros.

No sistema de relações virtuais, os sujeitos não precisam arcar com as demandas negativas e necessárias para que a relação se desenvolva. Caso a conversa suscite nos sujeitos afetos desagradáveis, a “tecnologia móvel tornou cada um de nós “pausáveis”” (TURKLE, 2011, p. 161. Em tradução livre) e, aí, podemos nos desconectar da conversa sem ter que lidar com o ônus da presença (corpórea) do outro. É verdade, podemos dizer, que é possível fazer isso em uma conversa física: basta apenas que o sujeito que deseja sair da conversa vá para outro lugar. Esta operação, entretanto, envolve não só uma decisão mental mas também um movimento corporal. Quando estes dois acontecem em simultâneo, temos o surgimento de um processo vivo, físico e, nesse sentido, coloca “fim” àquele assunto.

As redes sociais, por outro lado, inviabilizam que essa metade deste processo aconteça (o de se mobilizar fisicamente) e, aí, a relação que vinha se estabelecendo toma um rumo totalmente inovador: é literalmente *pausada* pelo sujeito.

E agora nós nos voltamos à rede para que ela nos defenda da solidão até mesmo quando nós a usamos para controlar a intensidade de nossas

conexões. A tecnologia torna fácil comunicar-se quando quisermos e também facilita o desinvestimento instantâneo da conversa (TURKLE, 2011, p. 13).

Alguns dos relatos dos jovens corroboram o que foi preconizado pela autora acima:

Ah, eu simplesmente paro de falar com a pessoa. Não é por mal (risos). Mas às vezes eu não tô mais afim de conversar com essa pessoa. E fica chato falar isso pra pessoa né. Então eu acabo ignorando mesmo (risos), até a pessoa se tocar.

Eu tomo um gelo das pessoas às vezes. Mas eu não ligo. Depois elas respondem. Tipo, é diferente se a pessoa tá online e não te responde. Mas mesmo assim eu relevo às vezes, principalmente se é alguém que eu não conheço tanto. Mas eu *mato* as minhas amigas se não me responderem na hora (risos).

Esse comportamento, inclusive, é tão comum na rede adquiriu um nome corriqueiro nas redes globais: *ghosting* (algo como “tornar-se fantasma”, em tradução livre). O termo vem ganhando popularidade nos últimos anos e foi eleito como uma das palavras de 2015 pelo dicionário britânico Collins³⁸.

Vejo que o processo de *ghosting* pode ser uma resposta compreensível sob o ponto de vista do excesso de informações: se tudo é atualizado o tempo todo, é necessário fazer cortes e seleções. Aí, entendo que a capacidade de qualquer sujeito consumir o capital social veiculado nas redes é limitada e, por isso, algumas decisões devem ser feitas. Afinal, as redes geram mais conteúdo do que qualquer ser humano é capaz de consumir. Tentar dar conta dessas atualizações pode gerar, necessariamente, afetos de ansiedade. Santaella (2004, p. 90), inclusive, diz que a profusão de muitos signos em tela coloca em cheque a capacidade de escolha e gerenciamento de tempo do usuário, podendo resultar em uma “ansiedade e insegurança durante a navegação” (idem, pg. 5).

Isto fica evidente no seguinte relato de um entrevistado: “*É muito estranho [ficar sem celular]. Parece que quando você liga ele de volta você perdeu um monte de coisa*”

³⁸ Sobre isto, PRIOSTE (2016, pg. 160) diz que o cyberbullying pode surgir “devido principalmente à dificuldade no manejo de conflitos intersubjetivos”. Acredito que é essa mesma dificuldade que pode, em parte, explicar o fenômeno do *ghosting*.

que aconteceu lá". Chamo a atenção aqui para a noção de que as atualizações aconteceram "lá", isto é, na rede. É interessante essa construção linguística porque implica que o conteúdo na rede surgiu *nela mesma* e não na vida "fora dela" (a qual a rede social supostamente deveria retratar ou relatar). Ao contrário, a atualização tem valor de consumo por si própria, quer estivesse vinculada à vida "real" ou não. E a demora em checar as atualizações importa significativamente, uma vez que a maioria dos conteúdos expira após 24 horas.

Esse processo de tentar dar conta das atualizações também já foi nomeado na rede, e é popularmente conhecido pela sigla *FOMO* (*Fear of Missing Out* e, em tradução livre, o "medo de ficar por fora"). O termo foi utilizado pela primeira vez em 2011 em uma matéria do *The New York Times* (NYT) para caracterizar condutas de usuários que não conseguem ficar muito tempo desconectado de plataformas midiáticas com medo de estarem perdendo alguma novidade. O exemplo dado na matéria são pessoas que dentro do cinema – local voltado para a experiência e desprendimento do exterior – ficam constantemente no celular checando mensagens e redes sociais.

Diante das noções de *ghosting* e *FOMO*, entendo que as redes contribuem significativamente para uma economia psíquica pautada pelo imediatismo dos afetos que, vinculados às mídias efêmeras, se tornam cada vez mais um "capital" na rede, conforme preconizado por ILLOUZ (2011). Aqui, podemos pensar em qualquer uma das redes sociais em questão – Facebook, Instagram e Snapchat – como plataformas de reificação da subjetividade e das trocas sociais. A partir do momento em que a relação com o outro é viabilizada através de trajetórias pré-prontas ("tornar-se amigo", "deixar de ser amigo", "dar uma curtida", "seguir" um amigo ou uma celebridade, "amar" uma postagem. etc.), a rede capitaliza o afeto em operações simples. Novamente, encontramos no trecho da autobiografia do Youtuber mirim João Guilherme (2016) algumas pistas para a compreensão desses fenômenos:

[...] As redes sociais são um meio para eu ficar mais perto dos meus fãs. No caso do Snapchat, por exemplo, que é instantâneo... Por mais que o cara veja dez minutos ou duas horas depois, a gente colocou naquela hora. Não é que eu

gravei um vídeo e coloquei dois dias depois. Aquele vídeo foi ao vivo, eu gravei e coloquei. Os fãs gostam disso porque eles se sentem próximos... *Ah, ele tá ali agora... Nossa, eu tô vendo o que tá atrás dele agora.* Então o pessoal curte bastante. Eu também. É um dos que eu mais gosto junto com o Instagram (GUILHERME, 2016, p. 130).

Novamente, vemos que o capital social de “autenticidade” é valorizado na relação que o youtuber estabelece com seus fãs. Essa autenticidade diz respeito, aqui, a uma fidelidade temporal à realidade. A partir do momento em que as mídias efêmeras estabelecem esse regime de postagens “ao vivo”, o sincronismo substitui o tempo sequencial. O *FOMO*, aí, é o movimento natural de um psiquismo pouco habilitado para experimentar realidades simultâneas, de uma vez.

A geografia que temos mapeado neste capítulo conseguiu apontar alguns caminhos para a compreensão desses fenômenos no ciberespaço. Como vimos, as mídias de permanência e as mídias efêmeras – os dois baluartes que organizam os conteúdos das redes sociais estudadas – configuram, por sua vez, dois regimes biográficos.

Vimos que o primeiro está configurado dentro de um certo apreço pelo passado, pela história e pela identidade associada a essa história. Vimos que essa identidade pode ser constituída a partir das ferramentas disponíveis nas redes que permitem a construção de um perfil autobiográfico no qual importa a autenticidade e o relato verossímil da própria vida. Este processo, por sua vez, fez surgir uma prática muito singular: a ação-registro. O retrato da própria vida é indexado na “linha do tempo” do usuário, criando assim, portanto, um diagrama histórico da própria identidade.

O segundo regime biográfico, como vimos, é balizado não pelas mídias de permanência mas sim as mídias efêmeras. A partir da navegação nestes circuitos cujos rastros são apagados, apagam-se também os limites nos quais a biografia histórica inscrevia na subjetividade dos sujeitos. Entendemos que, a partir daí, estas mídias provocam um tipo de relação com o tempo mais instantânea e, por isso mesmo, mais dinâmica. Esse fenômeno vem acompanhado, como percebemos, por uma valorização do presente enquanto plano de manifestação da vida. Nessa linha, o passado deixa de

ser *causa* do presente e este, por sua vez, se configura como centro da experiência subjetiva nas redes.

A nova velocidade estabelecida por estes dispositivos coagula novos fluxos nos processos de subjetivação dos usuários das redes. Essa aceleração incide não só nas identidades mas também na forma como as relações afetivas são exercitadas, percebidas e indexadas na memória dos sujeitos. Entendemos, aqui, que essas relações demandam novas etiquetas sociais e novos marcadores afetivos que são, nas redes, formatados de acordo com as funcionalidades das ferramentas.

Neste contexto, podemos entender que uma certa fantasia de celebridade povoa o imaginário dos sujeitos vinculados às redes. Vimos que esse desejo por “ser visto” pelo outro dá consistência a estas identidades como, ao mesmo tempo, valida esta identidade para os outros. Este processo transforma a autenticidade dos sujeitos em um certo capital social valorizado nas redes. Por fim, vimos que dois subprodutos das relações sociais que se desenvolvem nestes circuitos virtuais são o *ghosting* e o *FOMO*.

Vimos que muitas questões estão implicadas nas atividades descritas aqui e não podemos tomar a pretensão de responder a todas elas. O campo de forças estabelecido pelas redes sociais é mutante e dinâmico; sua atualização constante inflexiona muitos vetores de força, fazendo prosperar uns tantos projetos e fazendo caducar outros.

Entendendo que o presente trabalho elucida somente parte das questões estudadas aqui. Esperamos que esta análise contribua para estudos futuros dentro do campo que é tão rico como é mutante, ainda mais tomando a adolescência como ponto de partida. Acredito ser fundamental que a ciência continue a empreender esforços para compreender estes fenômenos, uma vez que eles – como vimos ao longo do trabalho – se fazem valer cada vez mais fortemente na vida cotidiana. Nesta Atlântida virtual, atualizam-se não só as plataformas e seus conteúdos mas também os próprios usuários que, por sua vez, torna-se mais vinculados a estas correntezas locais.

Seguir navegando nestas águas do mundo digital é um empreendimento necessário se quisermos instrumentalizar qualquer ciência – Psicologia, Sociologia, Educação – para negociar com as práticas que vem surgindo neste novo mundo.

REFERÊNCIAS

ABRAÃO, C. F. **Comunicação e subjetividade na cibercultura**: Contribuições para a crítica da (des)subjetivação em redes sociais digitais. 2014. 183 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP – São Paulo.

AGAMBEN, G. **Homo Sacer**: o poder soberano e vida nua. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

ARTUSO, Alysso Ramos. Subjetivação e a educação através da internet. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 26. Dec. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602005000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 nov. 2018.

BARBOSA, B. C. de O. **Ciberespaço e dependência**: uma análise dos vínculos do humano com o glocal interativo como habitus. 2008. 83 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP – São Paulo.

BATES, R. J. B. **Internet**. Backlick, USA, McGraw-Hill Professional, 2002.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

BARBOSA, Marielle Kellermann. Viver conectado, subjetividade no mundo contemporâneo. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 35, n. 55, p. 89-101, jan. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 nov. 2018.

BARON, N. Language of the Internet. In: FARGHALI, A. (Ed.). **The Stanford Handbook for Language Engineers**. Stanford: CSLI Publications, 2002. p. 59-127.

BELLO, C. dal. **Subjetividade e tele-existência na era da comunicação virtual**: O hiperespetáculo da dissolução do sujeito nas redes sociais de relacionamento. 2013. 239 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP – São Paulo.

BECK, ULRICH e ELISABETH. **La individualización: El individualismo institucionalizado y sus consecuencias sociales y políticas**. Barcelona: Paidós, 2003.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: ROUANET, S. P. (Trad.). **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BOYD, D. *Friends, Friendsters, and MySpace Top 8: Writing Community Into Being on Social Network Sites*. **First Monday**, v. 11, n. 12, dez. 2006. Disponível em: <<http://firstmonday.org/article/view/1418/1336>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BOYD, D.; ELLISON, N. B. Social network sites: definition, history, and scholarship. **Journal of computer-mediated communication**, v. 13, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

BRUNO, F. & PRADO, R. **Entre aparecer e ser**: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea. [on-line]. 2005. Disponível em: <http://www.intexto.ufrgs.br/n11/a-n11a9.html>. Acesso em: 12 nov. 2018.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALHEIRO, Gustavo Augusto Tavares. **A sociedade do avatar**: do eu heteronímico ao cibercultural. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), **Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil** - TIC Kids Online Brasil 2017. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic_kids_online_2017_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 29 nov. 2018.

CORBIN, A. Bastidores. In: PERROT, M. (Org.). **História da vida privada**: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COSTA, M. R. N. **Santo Agostinho**: um gênio intelectual a serviço da fé. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle**: conversações 1972-1990. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992 [1990], p. 219-226.

_____. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora34, 1995.

DONATH, J. S. Identity and deception in the virtual community. In: SMITH, M. A.; KOLLOCK, P. (Orgs.). **Communities in cyberspace**. Londres: Routledge, 1999. p. 29-59.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no College France (1978-1979). Coleção Tópicos. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GUILHERME, J. **João sendo João**: meu mundo. São Paulo: Planeta, 2016.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

HERRING, S. C. Interactional coherence in CMC. **Journal of computer-mediated communication**, v. 4, n. 4, 1999. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol4/issue4/herring.html>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

HERRING, S. C. et al. Conversations in the blogosphere: An analysis "from the bottom up". In: the 38th Hawaii international conference on system sciences. Los Alamitos, 2005. **Anais eletrônicos...** Los Alamitos: IEEE Press, 2005. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/blogconv.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

INTERNATIONAL TELECOMMUNICATION UNION. **Measuring the Information Society Report**, 2015. Genebra, 2015. 252 p. Disponível em: <<https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/misr2015/MISR2015-w5.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

KAUFMAN, J-C. **A Invenção de Si**: Uma Teoria da Identidade. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

LAPOUJADE, D. **Deleuze**: os movimentos aberrantes. São Paulo: Editora N-1, 2015.

LEMOS, A. **Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEMOS, E. **O corpo "antes e depois"**: uma análise dos processos de subjetivação através das narrativas testemunhais nas Redes de Comunicação Digital. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP – São Paulo.

LESOURD, S. **A Construção do Adolescente no Laço Social**. Petrópolis: Vozes, 2014.

LINS, D.S. **Cultura e subjetividade**: saberes nômades. São Paulo: Papyrus, 1997.

LIVINGSTONE, S. ***Young People and New Media: Childhood and the Changing Media Environment***. Sage, Londres, 2002.

MARCON, G. H. Do individualismo à individuação: a ética da autenticidade a partir da perspectiva gestáltica. In: **Rev. NUFEN**, Belém, v. 10, n. 1, p. 235-255, 2018.

Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912018000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 dez. 2018.

MENDES, C. L. Controla-me que te governo: os jogos eletrônicos como forma de subjetivação. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, jan./jul. 2001.

MEGALE, Fernando Carlos Santaella; TEIXEIRA, Jurema. Notas sobre a subjetividade em nossos tempos. In: **Psicol. cienc. prof.** Brasília, v. 18, n. 3, p. 48-53, 1998. Disponível em:

[scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931998000300008&lng=en&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931998000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 19 Nov 2018.

MORAES, Márcia; SILVA, Cristiane Moreira da. Tecnologia e subjetividade: intimidade mediada por computadores. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 44-53, jun. 2006. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 dez. 2018.

MOTA, S. T. **Individualismo conectado**: governo de si e dos outros nas redes sociais. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP, São Paulo, 2012.

NASCIMENTO, C. R. O. **Do amor em tempos de internet**: análise sociológica das relações amorosas mediadas pela tecnologia. Curitiba, 2007. 146 f. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná).

NECHAR, P. A. **Culturas e comunicações do universo plus size**: uma cartografia das imagens de corpo nos discursos nas redes sociais. 2015. 177 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

ORLANDI, L. B. L. Marginando a leitura deleuzeana do trágico em Nietzsche. In SANTOS, Volnei Edson dos (org.). **O trágico e seus rastros**. Londrina: Eduel, 2002. p.15-53.

PERROT, Michelle. **História dos Quartos**, São Paulo, Paz e Terra, 2011.

PRADO, J. L. A. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: EDUC, 2013.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. MCB University Press, 2001.

REBELO, J, Coord. **Estudo de Recepção dos Meios de Comunicação Social**. Lisboa: ERC. 2008.

RECUERO, R. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista FAMECOS**, v. 1, p. 1-15, 2009a.

_____. Mapeando redes sociais na internet através da conversação mediada pelo computador. In: HETKOWSKI, T. M.; NASCIMENTO, A. D. (Org.). **Educação e Contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009b, p. 251-274.

_____. A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador. In: BUITONI, D. S.; CHIACHIRI, R. (Org.). **Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo**. v. 1. São Paulo: Almedina, 2012a. p. 259-274.

_____. A rede é a mensagem: efeitos da difusão de informações nos sites de rede social. In: VIZER, E. (Org.). **Lo que Mcluhan no previó**. v. 1. Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012b.

RIVA, G.; GALIMBERTI, C. Computer-mediated communication: identity and social interaction in an electronic environment. **Genetic, Social and General Psychology Monographs**, n. 124, p. 434-464, 1998. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.33.5163&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

ROSADO, L. A. da S.; TOME, V. M. N. As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 96, n. 242, p. 11-25, Apr. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2018.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? **ReCeT: Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 17-22, 2010.

SCHIDDLER, D. **Digital Capitalism: Networking the Global Market System**. Cambridge, Inglaterra: MIT Press, 1999.

SCHVARZMAN, Sheila. Entrevista com Michelle Perrot. **Cadernos Pagu** (4), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 1995, pp.29-36.

SERRES, M. **Polegarzinha**: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015. 2ª Edição.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público**: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SHIRKY, C. **A cultura da participação, criatividade e generosidade no mundo conectado**. (C. Portocarrero, trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SIBILIA, P. **O Show do Eu**: a intimidade como espetáculo. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, M. C. C. **A idealização e a Atuação na Internet**. 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Universidade Lusófona do Porto, Porto – Portugal, 2014.

SOUSA, G. **Uma edição de si**: As meninas do YouTube. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

STRAPPAZZON, A. L.; MAHEIRIE, K. "Bons encontros" como composições: experiências em um contexto comunitário. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, p. 114-127, ago. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2018.

TAYLOR, C. **As fontes do Self**. (A. U. Sobral, D. A. Azevedo trad.) São Paulo: Edições Loyola, 2013. (Obra original publicada em 1989).

TRIVINHO, E. **Glocal**: visibilidade mediática, imaginário *bunker* e existência em tempo real. São Paulo: Annablume, 2012.

_____. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.

TURKLE, S. **Alone together**: *Why we expect more from technology and less from each other*. New York: Simon & Schuster, 2011.

VERNANT, J-P. (1988). O indivíduo na cidade. Em P. Veyne & J-P. Vernant & L. Dumont & P. Ricoeur & F. Dolto & F. Varela & G. Percheron. **Indivíduo e poder** (I. D. Braga, Trad., pp. 25-44), Lisboa: Edições 70, 1987.

VIGARELLO, G. **O sentimento de si**: história da percepção do corpo, séculos XVI-XX. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2016.

VIVIANI, A. E. A. **O salto de volta à multidimensionalidade**: perspectivas de compreensão do corpo na cibersociedade. 2007. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo). São Paulo, 2007.

WIENER, R. **Cybernetics: Or Control and Communication in the Animal and the Machine**. Massachusetts. Estados Unidos da América. *Institute of Technology*, 1965. Trabalho original publicado em 1948.

ZUIN, A. S. “Morte em Vídeo: Necrocram e a Indústria Cultural Hoje.” *In*: Durão, F. C.; ZUIN, A. & VAZ, A. C. **A Indústria Cultural Hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)



PUC-SP



COLÉGIO
CECÍLIA
CAÇAPAVA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) na pesquisa:

O Continente Virtual: geografia do ciberespaço e a adolescência virtualizada. A pesquisa será conduzida pelo psicólogo Pedro Luz Soares de Azevedo, inscrito no Conselho Regional de Psicologia sob o número 06/131600. Os resultados obtidos através desta pesquisa serão parte da dissertação necessária à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Nas últimas décadas, o rápido avanço das tecnologias digitais vem se tornando um dos fenômenos mais presentes em nossa cultura. Este cenário tecnológico impõe novos desafios para a formação do adolescente e sua entrada na vida adulta. Diante dessas questões, o presente trabalho busca compreender de que forma o uso das tecnologias digitais (como os aparelhos celulares e as redes sociais) interferem na formação dos ser humano durante a adolescência.

A participação nesta pesquisa pressupõe a sua presença em 2 encontros grupais de conversa sobre o tema (tecnologia), a serem realizados no mês de _____ de 2017. Estas conversas serão conduzidas pelo pesquisador e serão realizadas no próprio colégio onde você estuda: Colégio Cecília Caçapava Conde, situado em Caçapava - São Paulo.

Além da participação neste grupo de conversa, pode ser solicitado de você a participação em uma entrevista individual, que deverá ocorrer no mesmo local dos encontros em grupo, em outro horário. Você pode escolher participar ou não desta entrevista individual.

Como benefícios da participação da pesquisa, podemos apontar que a reflexão sobre os hábitos de uso da tecnologia pode levar a uma relação mais saudável com esta ferramenta, o que por si só já pode melhorar sua qualidade de vida.

Você estará sujeito a um desconforto mínimo ao expressar suas opiniões em situação grupal. Este risco será sempre levado em conta pelo pesquisador e você estará livre para não expressar suas opiniões em determinado tópico caso não deseje.

Ressaltamos ainda que tanto você como o seu responsável legal serão esclarecidos sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejarem. Você será livre para recusar a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Isso significa que ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados, mas sem identificar os(as) jovens que participaram da pesquisa. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Esta pesquisa obedece a todas as normas previstas pelas Resoluções CONEP 466/12 e 510/16.

Uma cópia deste Termo de Assentimento será arquivada e outra será fornecida a você. Além disso, seu responsável legal deverá assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Somente participantes que apresentarem tanto o Termo de Consentimento assinado pelo responsável quanto o termo de Assentimento assinado por eles próprios poderão participar da pesquisa. Em caso de dúvidas você poderá entrar em contato com o pesquisador Pedro através do telefone (12) 9 8127-3662 e também pelo email: pedroluzazevedo@gmail.com. Você também poderá solucionar dúvidas através do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP pelo telefone (11) 3670-8466 e também pelo email: cometica@pucsp.br.

A participação no estudo não acarretará custos e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



PUC-SP



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você, como responsável legal do(a) jovem _____

_____, está sendo convidado(a) a permitir a participação dele(a) como voluntário(a) na pesquisa: *O Continente Virtual: geografia do ciberespaço e a adolescência virtualizada*. A pesquisa será conduzida pelo psicólogo Pedro Luz Soares de Azevedo, inscrito no Conselho Regional de Psicologia sob o número 06/131600. Os resultados obtidos através desta pesquisa serão parte da dissertação necessária à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Nas últimas décadas, o rápido avanço das tecnologias digitais vem se tornando um dos fenômenos mais presentes em nossa cultura. Este cenário tecnológico impõe novos desafios para a formação do adolescente e sua entrada na vida adulta. Diante dessas questões, o presente trabalho busca compreender de que forma o uso das tecnologias digitais (como os aparelhos celulares e as redes sociais) interferem na formação dos ser humano durante a adolescência.

A participação nesta pesquisa pressupõe a presença do(a) jovem em 2 encontros grupais de conversa sobre o tema (tecnologia), a serem realizados no mês de _____ de 2017. Estas conversas serão conduzidas pelo pesquisador e serão realizadas no próprio colégio onde estudam os(as) jovens, a saber, Colégio Cecília Caçapava Conde, situado em Caçapava - São Paulo.

Além da participação neste grupo de conversa, pode ser solicitado do(a) jovem a participação em uma entrevista individual, que deverá ocorrer no mesmo local dos encontros em grupo, em outro horário.

Como benefícios da participação da pesquisa, podemos apontar que a reflexão sobre os hábitos de uso da tecnologia pode levar a uma relação mais saudável com esta ferramenta, o que por si só já pode melhorar as relações sociais do(a) jovem. Além disso, os grupos de conversa podem fortalecer os vínculos de amizade dos jovens

e contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociais. Em se tratando de uma maioria de jovens que esperam ingressar em cursos de graduação ao final do Ensino Médio, é esperado também que os jovens possam conhecer melhor, através do contato com o pesquisador, a realidade da vida acadêmica e, assim, solucionar dúvidas sobre cursos de graduação e sobre os desafios em executar uma pesquisa qualitativa como esta. Os(as) participantes estarão sujeitos a um desconforto mínimo ao expressarem suas opiniões em situação grupal. Este risco será sempre levado em conta pelo pesquisador e os(as) jovens estarão livres para não expressar suas opiniões em determinado tópico caso não desejem.

Ressaltamos ainda que tanto você como responsável legal quanto o(a) jovem enquanto participante da pesquisa serão esclarecidos sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejarem. O(a) jovem será livre para recusar a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade.

O pesquisador irá tratar a identidade dos participantes com padrões profissionais de sigilo. O(a) jovem não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste Termo de Consentimento será arquivada e outra será fornecida a você. Além disso, o(a) próprio(a) jovem deverá assinar um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Esta pesquisa obedece a todas as normas previstas pelas Resoluções CONEP 466/12 e 510/16.

Somente participantes que apresentarem tanto o Termo de Consentimento assinado pelo responsável quanto o termo de Assentimento assinado por eles próprios poderão participar da pesquisa. Em caso de dúvidas você poderá entrar em contato com o pesquisador Pedro através do telefone (12) 9 8127-3662 e também pelo email: pedroluzazevedo@gmail.com. Você também poderá solucionar dúvidas através do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP pelo telefone (11) 3670-8466 e também pelo email: cometica@pucsp.br.

A participação no estudo não acarretará custos para o jovem e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE:

Eu, _____,
responsável pelo(a) jovem _____

_____ fui informada(o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. Entendo que a pesquisa será realizada dentro do Colégio Cecília Caçapava Conde, na cidade de Caçapava - SP. O pesquisador Pedro Luz Soares de Azevedo certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Entendo também que a participação do(a) jovem na pesquisa só ocorrerá mediante a sua assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Entendo que esta pesquisa obedece a todas as normas previstas pelas Resoluções CONEP 466/12 e 510/16.

Em caso de dúvidas poderei entrar em contato com o pesquisador Pedro através do telefone (12) 9 8127-3662 e também pelo email: pedroluzazevedo@gmail.com. Entendo também que posso solucionar dúvidas através do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP pelo telefone (11) 3670-8466 e também pelo email: cometica@pucsp.br.

Declaro que concordo que o(a) jovem por quem sou responsável participe desse estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome	Assinatura	do
	Responsável	

Nome	Assinatura	do
	Pesquisador	

APÊNDICE C – Ofício de apresentação



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Comitê de Ética em Pesquisa Sede Campus Monte Alegre

São Paulo, 1 de junho de 2017.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/-SP – Sede Campus Monte Alegre

Ref.: **Ofício de Apresentação** do Projeto de Pesquisa ao CEP da PUC/SP

Eu (nós), **Profª Denise Bernuzzi Sant'Anna**, orientador(a)(es)(as) do projeto de pesquisa intitulado **O Continente Virtual: geografia do ciberespaço e a adolescência virtualizada**, de autoria do(a)(os)(as) pesquisador(a)(es)(as) **Pedro Luz Soares de Azevedo**, pertencente(s) ao curso de **Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica** da Faculdade de **PUC/SP**, venho(vimos), por meio deste, submetê-lo à análise do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

- Trata-se de projeto de:
- Trabalho de Conclusão de Curso.
- Iniciação Científica.
- Monografia para Conclusão de Curso de Especialização.
- Dissertação de Mestrado.
- Tese de Doutorado.
- Outros:

Atenção!!! Não é necessário imprimir, nem tampouco assinar!
Apenas preencha no computador.
Concluído o preenchimento, salve
e anexe a Plataforma Brasil, conforme orientação do Manual Ilustrado.

Nome: DENISE BERNUZZI SANT'ANNA CPF nº 042.609.448-43 Link do LATTES http://lattes.cnpq.br/9100012030618652 (Exemplo: http://lattes.cnpq.br/96847557411881711)	Perfil: Docente Orientador
---	-----------------------------------

Nome: PEDRO LUZ SOARES DE AZEVEDO CPF nº 383.161.268-42 Link do LATTES http://lattes.cnpq.br/0359219658647489	Perfil: Pesquisador
--	----------------------------

Nome: CPF nº Link do LATTES	Perfil: Selecione:
-----------------------------------	---------------------------

Nome: CPF nº Link do LATTES	Perfil: Selecione:
-----------------------------------	---------------------------



Nome: CPF nº Link do LATTES	Perfil: Selecione:
-----------------------------------	---------------------------

Nome: CPF nº Link do LATTES	Perfil: Selecione:
-----------------------------------	---------------------------

Nome: CPF nº Link do LATTES	Perfil: Selecione:
-----------------------------------	---------------------------

ANEXOS

ANEXO A – Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos

1. Projeto de Pesquisa: O Continente Virtual: geografia do ciberespaço e a adolescência digitalizada			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 60			
3. Área Temática: PSICOLOGIA			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas, Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: PEDRO LUZ SOARES DE AZEVEDO			
6. CPF: 383.161.268-42		7. Endereço (Rua, n.º): MARQUES DE HERVAL CENTRO 371 CACAPAVA SAO PAULO 12281510	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 12981273662	10. Outro Telefone:	11. Email: pedroluzazevedo@gmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>11</u> / <u>05</u> / <u>2017</u>		 _____ Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC/SP		13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP
15. Telefone: (11) 3670-8157		16. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>Profa. Dra. Liliانا Liviano Wahba</u>		CPF: <u>089 556 278-23</u>	
Cargo/Função: <u>Coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica</u>			
Data: <u>18</u> / <u>05</u> / <u>17</u>		 _____ Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

ANEXO B – Carta de autorização da instituição



AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu claudia Regina R. de Mattos Araújo abaixo assinado, responsável pelo Colégio Cecília Caçapava Conde, autorizo a realização do estudo *O Continente Virtual: geografia do ciberespaço e a adolescência virtualizada*, a ser conduzido pelo pesquisador PEDRO LUZ SOARES DE AZEVEDO, abaixo assinado. Fui informado(a) pelo pesquisador sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Declaro ainda ter lido e concordado com o parecer ético emitido pelo CEP da instituição proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial as Resoluções CNS 466/12 e 510/16. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Caçapava, 03 de JUNHO de 2017.

Assinatura e carimbo do responsável institucional

Assinatura do pesquisador

ANEXO C – Parecer de mérito acadêmico



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SETOR DE PÓS-GRADUAÇÃO

São Paulo, 02 de maio de 2017.


Parecer da Comissão Científica do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica sobre o projeto de Mestrado intitulado *O continente virtual: geografia do ciberespaço e a adolescência digitalizada*, de autoria do aluno Pedro Luz Soares de Azevedo, orientado pela Profa. Dra. Denise Bernuzzi Sant'Anna.

O projeto em pauta é de indiscutível relevância para a psicologia clínica, por seu foco na adolescência digitalizada e nas novas formas de socialização e subjetivação que se constituem na contemporaneidade. Tem por objetivo problematizar a forma pela qual a tecnologia virtual vem se tomando uma nova linha de força nos regimes de subjetivação. O método qualitativo de pesquisa, delineada por meio de questionário, grupos focais, entrevistas com corpo docente e jovens, além de pesquisa etnográfica virtual de sites, está em consonância com os objetivos propostos, sendo os instrumentos adequados para responder às questões colocadas.

O projeto garante a autonomia, a privacidade e a liberdade aos participantes, por meio da postura ética do pesquisador e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Consideramos tratar-se de um procedimento de baixo risco, que pode gerar benefícios aos participantes, ao promover uma reflexão em torno do tema.

O trabalho apresentado reflete o cuidado de seu autor com as questões éticas, sendo que a aprovação do Projeto fica condicionada, de acordo com as Resoluções CNS 466/12 e 510/16 e a Resolução 16/2000 do Conselho Federal de Psicologia, às seguintes pendências.

1. Folha de Rosto: especificar área do conhecimento, Psicologia ou Linguística.
2. Complementar Termo de Compromisso do Pesquisador Responsável: Resoluções CONEP 466/12 e 510/16
3. Acrescentar ao projeto o orçamento, cabendo especificar que o pesquisador arcará com as despesas decorrente da pesquisa, assim como no cronograma, observar que o mesmo será seguido na dependência da emissão do parecer pelo CEP da PUC-SP.
4. Acrescentar ao TCLE e Termo de Assentimento, além dos contatos do pesquisador, os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCSP, para resolução de possíveis dúvidas referentes à ética na pesquisa.


Profa. Dra. Ida Kublikowski
Comissão Científica
Programa de Estudos Pós Graduados em Psicologia Clínica
PUC-SP

*As pendências foram atendidas
e o projeto aprovado.
Ida Kublikowski
Sl. 16/05/2017*